

SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA

FABIO JOSÉ GRIGORIO

**Uma análise bíblica e histórica do ensino das Escrituras e suas
implicações para a Escola Bíblica de Adultos da IBCU**

Atibaia

2012

SUMÁRIO

1	Introdução	03
2	Uma Perspectiva Bíblica do Ensino.....	09
2.1	O Ensino no Antigo Testamento.....	09
2.2	O Ensino no Novo Testamento.....	13
2.3	Implicações dos Textos para o Projeto.....	19
3	Uma Perspectiva Histórica do Ensino das Escrituras.....	22
3.1	O Ensino das Escrituras no Período da Igreja Antiga.....	22
3.2	O Ensino das Escrituras no Período Medieval.....	23
3.3	O Ensino das Escrituras no Período do Renascimento e Reforma.....	24
3.4	O Ensino das Escrituras no Período Pós-Reforma.....	28
4.	A História da Escola Bíblica Dominical.....	30
4.1.	A origem da Escola Bíblica Dominical no cenário mundial.....	30
4.2.	A origem da Escola Bíblica no cenário brasileiro.....	34
4.3.	Uma leitura atual do cenário da Escola Bíblica.....	36
5.	A Escola Bíblica de Adultos da Igreja Batista Cidade Universitária.....	39
5.1.	Uma história resumida da Igreja Batista Cidade Universitária.....	39
5.2	A História da Escola Bíblica IBCU.....	40
5.3	A Missão, visão e valores da Escola Bíblica IBCU.....	42
5.4	A prática da Escola Bíblica IBCU.....	43
6.	Estudo de campo.....	47
6.1.	Pesquisa realizada entre os membros e frequentadores da IBCU sobre a realidade da Escola Bíblica de adultos na IBCU.....	47
6.2.	Pesquisa realizada sobre a realidade das Escolas Bíblicas de adultos de igrejas com mais de 500 membros na cidade de Campinas e cidades próximas no Estado de São Paulo.....	64
7.	Uma proposta de Escola Bíblica de Adultos para a IBCU.....	83
7.1.	Considerações bíblicas e teológicas para a Escola Bíblica de adultos IBCU.....	83
7.2	Considerações andragógicas para o ensino na Escola Bíblica de adultos IBCU	84
7.3	Considerações práticas para a Escola Bíblica.....	87
7.4	Uma proposta de trabalho para a Escola Bíblica da IBCU.....	89
8.	Conclusão.....	95

Bibliografia.....	97
Anexos.....	99

1 - INTRODUÇÃO

O tema a ser trabalhado por este pesquisador surgiu do envolvimento deste com a coordenação da Escola Bíblica de Adultos da IBCU – Igreja Batista Cidade Universitária, em Campinas, nos últimos três anos. Temos colhido, como igreja, bons resultados com o que temos praticado em nossa proposta de Escola Bíblica, mas certamente há pontos a melhorar, áreas nas quais é necessário desenvolver-se. Entendemos que ensinar a Palavra de Deus é um privilégio e responsabilidades muito grandes e deve ser feito com excelência para o Senhor.

Diante deste desafio surgiu o desejo de estudar melhor a real situação e impacto da Escola Bíblica IBCU na vida desta igreja, analisar sua razão de existir e formato adotado, à luz das Escrituras, da história da Escola Bíblica e de algumas práticas adotadas em outras igrejas metropolitanas.

Oferecer ensino das Escrituras com qualidade, de maneira dinâmica, atual e bíblica tem sido um dos objetivos desta igreja, sendo assim, a proposta deste projeto é desenvolver sobre o tema: ***“Uma análise do ensino bíblico através das Escrituras, da história e atualidade e suas implicações para a Escola Bíblica de adultos da IBCU”***.

1.1 Delimitação do tema

Este trabalho desenvolverá alguns dos conceitos bíblicos acerca do ensino, resgatará um pouco da história da Escola Bíblica, seus propósitos e modelos e também apresentará e analisará a Escola Bíblica de Adultos da IBCU, relatando seu início e realidade atual, suscitando suas forças e fraquezas e por fim apresentando uma proposta de melhorias com o intuito de fazer um trabalho com excelência para o Senhor de tal maneira que esta comunidade usufrua dos frutos deste trabalho.

A proposta deste trabalho não é apresentar um modelo de Escola Bíblica a ser adotado por todas as igrejas, mas sim um modelo que se adequa melhor ao público alvo, necessidades e realidade da IBCU, podendo este ter aplicabilidade a outros grupos também.

1.2 Problematização

Ao nos depararmos com a realidade das Escolas Bíblicas nas igrejas brasileiras, com a nossa realidade como Igreja; a IBCU, e com os desafios do ensino das Escrituras, algumas perguntas surgem:

O que tem levado a maioria das Escolas Bíblicas a um esvaziamento?

Como começou a proposta de Escola Bíblica?

Qual o papel da Escola Bíblica no processo de crescimento e amadurecimento do cristão?

Este modelo que temos adotado na IBCU tem de fato contribuído para que haja aprendizado da Palavra?

O que podemos aprender sobre ensino nas Escrituras e como isto tem se aplicado à nossa Escola Bíblica?

Quais são as iniciativas que têm dado certo em nosso meio e quais ainda não estão funcionando e que devem ser melhor trabalhadas?

Há algo que pode ser feito para melhorar a qualidade e formato do que tem sido oferecido?

Estes e outros questionamentos são parte do que tem motivado esta pesquisa e desenvolvimento deste trabalho.

1.3 Revisão da literatura

Na Bíblia há vários termos usados para se referir ao estudo, algumas vezes falando especificamente do estudo da Palavra, alguns deles falando acerca daquele que ensina e também daquele que se aplica ao estudo bem como do “material” a ser estudado. Este precioso livro será fonte de pesquisa e exploração neste processo de descoberta e desenvolvimento de um projeto para a Escola Bíblica. É desejo deste pesquisador, ser contemporâneo, prático, mas tudo isto à luz do que as Escrituras apontam como importante, relevante e necessário.

Em seu livro *“Vencendo os inimigos da Escola Dominical”*, Lécio Dornas começa falando do grande contraste que há entre a realidade das Escolas Bíblicas da década de 50 e os dias de hoje. Ele afirma que nos anos 50 o grande dilema das igrejas era arrumar espaço para abrigar crentes e não crentes interessados no estudo da Bíblia, que era oferecido pelas

Escolas Bíblicas, porém hoje em dia a luta é no sentido de fazer com que os próprios membros da igreja acreditem na importância do estudo da Bíblia e na Eficácia da Escola Bíblica. Segundo Dornas, o que ele percebe hoje é que na maioria das igrejas, a Escola Bíblica é uma organização lutando com todas as forças para sobreviver diante dos desafios e das pressões que a modernidade estabelece. Algumas das questões abordadas por Dornas neste livro servirão de ponte para o desenvolvimento deste trabalho.

Júlio Zabatiero escreveu o livro *“Novos caminhos para a educação cristã”* no qual aborda propostas de grande valor cujo foco não se restringe à Escola Dominical, mas trabalha mais na mentalidade educacional no contexto das igrejas, com isto apresentando questões que certamente serão aplicáveis em um processo de revisão e estruturação da Escola Dominical como uma das grandes ferramentas educacionais da igreja local.

Ao desenvolver o tópico sobre estratégias de melhorias a implementar na Escola Bíblica, um livro que nos servirá de apoio foi escrito por César Moisés Carvalho, chamado *“Marketing para a Escola Dominical”*. O autor não faz simplesmente o trabalho de apresentar boas estratégias para uma boa divulgação da Escola Bíblica, mas trabalha com a proposta de identificar necessidades, mudanças entre outras questões para então trabalhar as melhores estratégias. Seguramente um material que nos trará boas propostas a serem apresentadas neste projeto.

Além destes materiais, o autor se valerá da leitura de alguns bons artigos sobre Educação Cristã, Escola Bíblica, História entre outros materiais que fazem parte e ainda farão de todo o nosso referencial bibliográfico.

1.4 Hipótese

Diante da realidade de Escolas Bíblicas “falidas” na maioria das igrejas brasileiras, algumas possíveis razões são levantadas:

H1) A Escola Bíblica estagnou no tempo, não acompanhou as mudanças no que diz respeito à educação, metodologias, e até mesmo os formatos adotados em termos de dias e horários em que acontece.

H2) Os professores de Escola Bíblica não tem reconhecido o seu real valor e por vezes, chegam para dar suas aulas, totalmente despreparados no que diz respeito ao conteúdo a ser ensinado, recursos a serem utilizados e em alguns casos, sem condições de vida cristã para ensinar a Palavra.

H3) Ensina-se tudo nas Escolas Bíblicas, menos a Bíblia, o que tem feito com que a Escola Bíblica perca sua razão de existir e com isto também perde seus alunos.

H4) Na Palavra de Deus há princípios acerca do ensino e aprendizado que precisam ser resgatados e aplicados à Escola Bíblica, quanto ao conteúdo a ser ensinado, o papel do professor e até mesmo quanto a sua razão de existir.

H5) É possível e necessário como igreja estarmos atentos, ao nosso público alvo e suas realidades para melhor usarmos os recursos disponíveis, o formato que alcança um maior número e aplicarmos isto à nossa Escola Bíblica, sem abirmos mão daquilo que é essencial, um ensino fiel e consistente da Palavra de Deus.

1.5 Justificativas

Há alguns anos temos participado da Escola Bíblica em algumas igrejas, exercendo funções diferentes em cada época, observando formatos diferentes sendo adotados, percebendo um esvaziamento cada vez maior das Escolas Bíblicas e em alguns casos até mesmo deixando de existir. Nos últimos anos temos tido oportunidade de participar de uma igreja que já teve uma boa Escola Bíblica, passou por algumas dificuldades em alguns momentos e que tem investido para que o ensino seja oferecido com fidelidade, de maneira prática e contemporânea, a IBCU. É possível perceber o seu valor, mas certamente algumas necessidades de desenvolvimento.

Nos últimos dois anos este pesquisador assumiu a coordenação da Escola Bíblica da IBCU, o que o tem levado a estudar mais sobre o assunto, que é uma paixão pessoal, conhecer a origem da Escola Bíblica IBCU, identificando seus pontos fortes, a fim de zelar para que continue em pleno desenvolvimento, identificando também suas fraquezas para que possam ser trabalhadas com o intuito de ver este projeto crescendo em termos de qualidade e também de quantidade, tendo cada vez mais alunos participando desta escola.

Além destes fatores, entendemos que a Escola Bíblica tem um papel importante no processo de amadurecimento de cada cristão, pois através dela, cremos que surgem as oportunidades de ensino diferenciado, prático, surgem as interações entre os alunos, as trocas de conhecimentos e experiências entre outras peculiaridades que não podem se perder pelo enfraquecimento ou extinção da Escola Bíblica. Faz-se necessário um estudo das causas deste esvaziamento que tem acontecido bem como o desenvolvimento de uma proposta que vise resgatar uma Escola Bíblica forte em todos os sentidos do termo.

1.6 Objetivos

Ao desenvolver este trabalho, este autor pretende resgatar alguns princípios bíblicos acerca do ensino, o papel do professor e do aluno a fim de identificar o que tem sido desprezado nos dias atuais pelas igrejas em suas Escolas Bíblicas.

O autor pretende também olhar para o que há de história da Escola Bíblica, identificar o que havia de valor e de alguma maneira vale a pena retomar com as devidas adequações. É intenção também estudar a Escola Bíblica em algumas igrejas metropolitanas no Brasil a fim de entender um pouco melhor o quadro atual das Escolas Bíblicas em algumas igrejas semelhantes à IBCU, em seu perfil.

Através deste trabalho há a intenção de desenvolver um registro da história da Escola Bíblica na IBCU, fazer um levantamento da sua real situação e à luz de tudo isto, revisar sua missão, visão e valores e apresentar uma proposta de Escola Bíblica a ser implementado pela IBCU, seja em termos de melhorias ou mesmo se necessário um projeto totalmente novo.

1.7 Metodologia

Para que este trabalho seja realizado, será feito um estudo de vocábulos e também de conceitos bíblicos acerca do ensino. Em um segundo momento será feita um estudo acerca do ensino bíblico através da história, desde a igreja primitiva até a pós-reforma e por fim, trabalhar em um registro da história da Escola Bíblica no mundo, no Brasil e na IBCU. Para isto uma vasta referência bibliográfica nos servirá de apoio e direcionamento.

Como parte do projeto ainda será feita uma pesquisa de campo entre os membros da IBCU, frequentadores ou não da Escola Bíblica, a fim de fazer uma leitura do real quadro desta.

Uma pesquisa de campo também será realizada com algumas igrejas de Campinas e região, que tenham um perfil semelhante ao da IBCU, não necessariamente batistas, e então será feita uma leitura e comparação dos resultados visando a etapa final deste projeto, que será apresentar algumas propostas de melhorias para a Escola Bíblica IBCU, tendo como ponto de partida o que já existe em andamento nesta igreja bem como os estudos realizados ao longo de todo este processo.

1.8 Viabilidade

Não são muitos, mas há bons materiais de pesquisa sobre Escola Bíblica ou mesmo Educação Cristã, de uma maneira mais ampla, o que muito contribui para a viabilidade deste trabalho. As Escrituras mesmo são ricas em texto, orientações e valores sobre o ensino e a aprendizagem.

Uma limitação tem sido bons materiais que falem especificamente da história da Escola Bíblica no Brasil ou mesmo no mundo, porém, o que tem sido encontrado já tem contribuído para que seja desenvolvido um bom trabalho.

Um fator que facilita para o desenvolvimento deste trabalho é fato de termos contato direto e indireto com pessoas que acompanharam a história da IBCU e podem cooperar conosco ao trabalhar um pouco sobre como iniciou este trabalho.

Há excelentes ferramentas a serem utilizadas para a realização da pesquisa na IBCU para que seja feita uma leitura da realidade da Escola Bíblica na mesma. Para a pesquisa ser realizada em igrejas metropolitanas, algumas já foram identificadas e o acesso aos seus coordenadores será relativamente simples e totalmente possível para que este autor as realize, podendo estas serem realizadas pessoalmente ou através das respostas em um questionário.

A experiência que já tem sido adquirida, somada às contribuições que outros colegas mais experientes poderão nos oferecer, o estudo sério das Escrituras e a dependência do Espírito que nos capacita para o bom exercício da obra, tornam viável este trabalho, que como todo trabalho humano, estará sujeito a ter seus valores, mas também suas falhas, que poderão ser trabalhadas oportunamente.

2 - UMA PERSPECTIVA BÍBLICA DO ENSINO

Com o intuito de compreender melhor a questão do ensino e aprendizado na Bíblia, analisaremos o significado dos principais verbos da língua hebraica e grega, bem como os contextos nos quais este ensino e aprendizado aconteciam, sempre que possível analisando os termos e suas implicações para adultos.

2.1. O Ensino no Antigo Testamento

2.1.1 Estudo de vocábulos

No Antigo Testamento alguns termos são usados referindo-se ao ensino que acontecia através de uma transmissão oral, por vezes através de um processo disciplinar, a preparação de alguém para a execução de determinadas tarefas, entre outras ocorrências. Dois destes vocábulos são mais usados relacionados ao sentido de ensinar ou instruir, consideraremos um pouco mais o uso de cada um deles.

לָמַד (Lamad)

Esse vocábulo traz a ideia de treinar, bem como de educar. Pode-se ver o aspecto de treinamento no termo derivado *malmed*, traduzido por “aguilhada de boi”. Em Oséias 10.11 Efraim é ensinado (ARA, “domado”) tal qual uma bezerra o é pelo jugo e pela aguilhada. O ugarítico *lmd* singinifica “aprender/ensinar”, e em acadiano *lamadu* tem o sentido de “aprender” (HARRIS, 1982, p. 791).

No Salmo 119 podemos encontrar este verbo sendo usado várias vezes com o sentido principal, ensinar. Em alguns momentos trata-se de ensinar os preceitos do Senhor, outras vezes fala sobre decretos, mandamentos ou ainda os juízos do Senhor (vv. 12, 26, 64, 66, 68, 124, 135, 171). Em 2 Cr 17.7, 9 encontramos o pedido do rei Josafá a um grupo de homens para que ensinassem o livro da Lei nas cidades de Judá.

Embora o grego empregue duas palavras diferentes para “aprender”(*manthano*) e “ensinar”(*didasko*), cada uma com conteúdo, objetivo e método próprios, o hebraico utiliza a mesma raiz para ambas as palavras, porque toda aprendizagem e ensino repou, em última instância, no temo do Senhor (Dt 4.10; 14.23; 17.19; 31.12, 13). Aprender isso é acolher a vontade e a lei de Deus (HARRIS, 2001, p. 791).

Há momentos em que *lamad* é usado para referir-se a homens que estão sendo treinados para guerrear (1 Cr 5.18). Miquéias antevê um tempo em que os homens não mais aprenderiam a guerrear (4.5; Is 2.4).

יָרָה (Yarah)

Os três usos mais frequentes deste verbo dizem respeito a atirar flechas, mandar chuvas e ensinar. **Yarah** tem como raiz **yrh**, origem do substantivo torah, torá (lei, instrução). Tratando especificamente sobre o sentido de ensinar ou instruir, é possível notar que ensinar é uma tarefa comumente realizada pelos sábios, que instruem acerca todos os aspectos da vida, a fim de que o jovem saibam como se conduzir em seu modo de viver (Pv 3.1s.), também está relacionada a incumbência dos sacerdotes em ensinar a lei dada por Moisés (Lv 10.11; Dt 33.10). Temos o exemplo de Joás, que foi instruído pelo sacerdote sobre como agir corretamente (2 Rs 12.2-3) e o sacerdote Esdras, que ensinou com fidelidade toda a Lei de Moisés (Dt 31.9-11; Ed 8.1 ss). Por vezes o termo está ligado à instrução de Deus ao seu povo Israel, que ensina ao homem como viver uns com os outros e com se aproximar de Deus.

O ensino está associado com a unção do Espírito Santo. Bezalel e Aoliabe foram inspirados a ensinar suas habilidades artesanais de maneira que pudesse construir o tabernáculo e seus apetrechos (Êx 35.34). O próprio Deus é especificamente descrito como um mestre. Ele ensinou a Moisés tanto o que fazer quanto o que dizer (Êx 4.15, 15.25). Ele também ensina aos pecadores o caminho da retidão (Sl 25.8) e instrui aqueles que o temem quanto ao caminho que devem escolher (Sl 25.8). Por esta razão, o salmista com frequência procura a Deus para que o ensine a guardar os estatutos e a andar no caminho da verdade (Sl 27.11; 86.11; 119.33) (HARRIS, 2001, p. 661-662).

2.1.2 O ensino no contexto do Antigo Testamento

A educação, entre os judeus, consistia inteiramente na instrução religiosa. Nos dias do Antigo Testamento não havia compêndios exceto o próprio Antigo Testamento, e toda a educação resumia-se à leitura e estudo das Sagradas Escrituras. Nessa época, não havia nenhum ofício reconhecido como o dos professores, e nem havia um título definido para tais. Falava-se em ensinar, mas não em professores (MACHADO, 2012).

Educar no Antigo Testamento está intimamente relacionado a fatores relevantes, tais como: dar entendimento, declarar, fazer conhecido, produzir, ser proveitoso para, declarar com clareza (Jó 22:2; 32:8; 33:4; Neemias 8:8, entre outros)(RODRIGUES, 2012).

Podemos encontrar a educação demonstrando a comunicação do conhecimento e de habilidades (II Samuel 22:35), mas também significa a instrução quanto ao viver como vemos no livro de Deuteronômio, em especial o capítulo 11. Nota-se que a matéria que era aprendida e ensinada era tão somente a vontade de Deus sobre todas as coisas, a Sua soberania, e a obediência da Lei do Senhor.

O propósito principal de Israel como nação era adorar e obedecer ao Deus supremo. Isso era feito através de dois instrumentos primordiais: o culto e a observância da lei. As diferentes partes do Antigo Testamento ilustram essas preocupações. A Torá ou Pentateuco mostra como Deus formou o seu povo e lhe deu a sua lei. Os livros históricos descrevem a trajetória de Israel no que se refere à aliança que fora feita com Deus, que em alguns momentos aparece como ascendente e ora descendente. A literatura de sabedoria ilustra o que realmente significa observar a lei divina em várias situações concretas da vida. Por fim, os profetas eram os fiadores da aliança, os instrumentos enviados por Deus para alertar e exortar o povo escolhido quanto às suas responsabilidades diante do seu Senhor.

Todo esse processo tinha um forte componente educacional. A lealdade e a obediência a Deus exigiam constante orientação e treinamento, que começavam no lar.

Em Deuteronômio 6 encontramos uma das passagens que nos apontam para um processo educacional sendo colocado em prática. Observe o que encontramos em Dt 6.1: *“Esta é a lei, isto é, os decretos e as ordenanças, que o Senhor, o seu Deus ordenou que eu lhes ensinasse, para que vocês os cumpram na terra para a qual estão indo para dela tomar posse.”*. Neste texto podemos notar que a lei estava sendo ensinada ao povo e o objetivo não apenas passar conhecimento, mas levar o povo a obediência, ao cumprimento do que estava sendo passado. O povo é instruído a guardar os ensinamentos, todos, em seus próprios corações (Dt 6.5-6), o que certamente os tornariam habilitados a instruírem também os seus próprios filhos no caminho em que o Senhor os havia orientado. Segue-se então a orientação objetiva para que o ensino acontecesse no contexto do próprio lar, como parte de um processo natural, os pais ensinando aos filhos diligentemente: *“Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. (Dt 6.6-7)*

Segundo Perry G. Downs (2001, p. 26):

O Antigo Testamento continuamente enfatiza a responsabilidade do pai em fornecer treinamento religioso aos seus filhos (Êx 10.2; 12.26; 13.8; Dt 6.20ss.). Por causa dos papéis definidos claramente pelo sexo, e as responsabilidades restritas das mulheres naquela cultura, a mãe deveria ensinar as meninas. Mas era a mãe quem dava a educação moral primária para os filhos e dava início aos rudimentos de sua educação formal (Pv 1.8; 6.20). Nesse sentido, havia uma parceira verdadeira entre os pais, sendo que ambos tinham responsabilidades na educação das crianças no lar.

No texto de Deuteronômio 31.10-13 encontramos o ensino acontecendo em um contexto de instrução pública, onde mulheres, crianças e homens recebem instrução: *“E Moisés lhes ordenou: Ao final de cada sete anos, no ano do cancelamento das dívidas, durante a festa das Cabanas, quando todo o Israel vier apresentar-se ao Senhor, ao seu Deus, no local que ele escolher, vocês lerão esta lei perante eles para que a escutem. Reúnam o povo, homens, mulheres e crianças, e os estrangeiros que morarem nas suas cidades, para que ouçam e aprendam a temer o Senhor, o seu Deus, e sigam fielmente todas as palavras desta lei. Os seus filhos, que não conhecem esta lei, terão que ouvi-la e aprender a temer o Senhor, o seu Deus, enquanto vocês viverem na terra da qual tomarão posse quando atravessarem o Jordão.”* Numa sociedade que, nesse período, era iletrada, o ensino e o aprendizado aconteciam de forma oral, onde havia a leitura, oportunidade para ouvir e ao mesmo tempo aprender, ou, colocar em prática, a fim de que o ensino de fato se concretizasse, uma vez que ouvir não era o mesmo que aprender. Aqueles que ensinavam tinham como objetivo produzir pessoas obedientes, movidas pelo amor e temos ao Senhor.

Por meio das várias festas e rituais, os pais e anciãos ensinavam às crianças o conteúdo da Lei e a necessidade de obedecê-la. O estilo de vida como um todo deveria se didático em natureza e em função (DOWNS, 2001, p. 27-28). Os judeus utilizavam o método de memorização de textos e palavras, a partir do momento em que a criança aprendia a falar. Como auxílio para a memorização praticavam a leitura em voz alta. Além disso, praticavam o uso de provérbios e parábolas partilhando perguntas e respostas.

O ensino também era exercido pelos líderes civis e religiosos do povo, como Moisés, os juízes, os sacerdotes, os anciãos e, em particular, os levitas (Ne 8.7-8). O próprio Deus era o mestre supremo (Is 48.17; 54.13) (MATOS, 2008, p. 11).

Obediência à lei é um tema constante no Antigo Testamento, ilustrando o conceito hebraico de aprendizado. Ensino e aprendizado no Antigo Testamento não envolviam somente a comunicação de informação, mas também a instrução na vontade de Deus e o entendimento de como viver. O professor ensinava o povo a *obedecer* aos mandamentos de Deus, não simplesmente a conhecê-los. De fato, o conhecimento era tão ligado com a

ação na mente hebraica que as pessoas não podiam afirmar *saber* o que elas não praticavam (DOWNS, 2001, p. 26).

Após o cativeiro babilônico, a vida de Israel sofreu alterações profundas que tornaram ainda mais necessários os esforços educativos. Os judeus passaram a viver, em grande parte, em outras terras, expostos a outras influências. Já não dispunham do templo de Jerusalém, que fora um elemento tão importante da sua identidade. Com isso, foram feitas adaptações à nova realidade. Surgiu a instituição da sinagoga e novos grupos que se dedicavam ao estudo e ensino da lei – escribas, fariseus e rabis.

2.2 O Ensino no Novo Testamento

2.2.1 Estudo de vocábulos

διδασκω (didasko)

O termo **didasko** provém de *di-dak-sko* (raiz *dek-*, “aceitar”, “estender a mão para”). A raiz reduplicada e o sufixo incoativo transmitem a ideia de estender a mão repetidas vezes para aceitar algo; a palavra, portanto, sugere a ideia de fazer alguém aceitar alguma coisa (COENEN, 1982, p. 42). Esta palavra aparece cerca de 95 vezes no Novo Testamento e o significado é “ensinar” ou “instruir”, já o propósito e conteúdo só podem ser definidos mediante uma análise do contexto de cada texto.

Conforme aparecem nos evangelhos, **didasko** retrata o ensino de Jesus, que se dava nas sinagogas (Mt 9.35; 13.54), no templo (Mc 12.35; Lc 21.37) ou ao ar livre (Mt 5.2; Mc 6.34). Jesus, ao invés de meramente dar ensinamento teórico acerca de Deus, Sua providência, Sua graça ou Sua ira, demonstra a bondade e a ira de Deus em operação em várias situações concretas (e.g. Lc 15.1 e segs.) (COENEN, 1982, p. 45).

O ensino original de Jesus (que consiste em discussões da lei, de palavras de sabedoria e de proclamações quanto à proximidade de Deus, i.é., exortações vinculadas com mandamentos) foi especificamente interpretado nos Evangelhos Sinóticos. Em várias passagens importantes de Marcos e Lucas, o pregador ficou sendo Aquele que Se prega a Si mesmo; a cristologia que estava implícita no ensino de Jesus ficou sendo a cristologia direta e explícita da fé da igreja. O sentido rabínico de *didasko* (i.é., o do heb. *Limmad*) foi substituído pelo significado “proclamar salvação”. A despeito disto, porém, e especialmente em Mateus, o vb. ainda pode significar “ensinar” no sentido de “mandar”, ou até mesmo “expor”. Nossas investigações, portanto, demonstraram que o emprego que os Sinóticos fazem de *didasko* é semelhante, quanto à forma, àquele da LXX, e, em certa

medida, à dos rabinos: não transmite a ideia de desenvolver as capacidades da pessoa, mas, sim, de instruí-la como viver, inclui, outrossim, dirigir-se a ela pessoalmente com mandamentos baseados na interpretação e na declaração da vontade de Deus (COENEN, 1982, p. 46).

De um modo geral, nos Evangelhos e em Atos, *didasko* é empregado no sentido de “proclamar”, “conclamar a uma decisão”, “exortar” os homens no sentido de ensinar-lhes aquelas coisas que Deus requer do homem total.

O emprego que Paulo faz do termo permite algumas observações. “Ensinar” era o principal método de Paulo instruir as igrejas (1Co 4.17; Cl 1.28). O termo διδασκω (*didasko*) significa claramente para ele prover instrução, transmitir conteúdos (Cl 2.7). As tradições do evangelho, isto é, suas doutrinas, eram transmitidas por ele oralmente ou por escrito, através de suas cartas (Gl 1.12; 2Ts 2.15; 2Tm 2.2). As verdades e conceitos do evangelho podem e devem ser ensinados a todos. É isso que os fará perfeitos em Cristo. Essa era a missão que Paulo havia recebido da parte de Deus como apóstolo (Cl 1.28) (COENEN, 1982, p. 48).

Segundo Edson Lopes:

para Paulo, o ensino é de suma importância na vida da igreja; do contrário, não seria elencado entre os dons concedidos por Deus “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço e para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12). É com esse princípio que ele exortava os irmãos de Roma: ‘... o que ensina, esmere-se no fazê-lo’ Rm 12.7). É importante lembrar que no texto de Romanos, Paulo utiliza *didaskon* e *didaskalia*, isto é, com a mesma raiz *dek*, e o verbo *didasko* (LOPES, 2010, p. 118).

Nas Pastorais e em 2 Tessalonicenses *didasko* é empregado no sentido de “ensinar”, onde a proposta é transmitir um corpo fixo de doutrina que deve ser dominado e então conservado intacto. A única passagem que não está de conformidade com este uso encontra-se em Ef 4.21 (COENEN, 1982, p. 49).

No contexto dos relacionamentos cristãos, “ensinar” ocorre junto com “recomendar”, “exortar”, “confortar” ou “aconselhar”, como se essas atividades fossem sinônimas (1Tm 6.2; Cl 3.16; cf. ainda Tt 1.9), o que aponta para a finalidade prática do ensino. διδασκω (*didasko*) é usado para indicar que o ensino tem como alvo a mudança de comportamento (Cl 1.28; 2.7). Outra evidência de que Paulo tinha esse alvo prático em mente é seu uso em Romanos 2.21. Ali διδασκω (*didasko*) é usado por Paulo no contexto do ensino e aprendizado da lei de Moisés por parte dos judeus. Os judeus costumavam ensinar a outros essa lei, inda que não a praticassem, o que merece reprovação de Paulo, por terem aprendido em vão (LOPES, 2008, p. 117).

κατεχew (katecheo)

O verbo κατεχew (katecheo) pode ser traduzido por “informar”, “instruir”, “ensinar”. Este verbo foi usado somente por Paulo e Lucas.

O uso que Lucas faz em At 21.21 e 24 traz a ideia de simplesmente um relato que está sendo feito, uma informação sendo transmitida. Neste mesmo texto, At 21.21, Lucas usa também o verbo διδασκew (*didasko*), referindo ao ensino que Paulo estava oferecendo. Nos textos de At 18.25 e Lc 1.4 refere-se ao ensino que fora recebido por parte de alguém.

Paulo usa o verbo κατεχew (katecheo) praticamente no sentido de “instruir alguém no conteúdo da fé” (1Co 14.19; Gl 6.6; Rm 2.18).

Em Gl 6.6, Paulo prescreve que aquele que é ensinado (*katechoumenos*) deve suprir as necessidades materiais do seu professor (*katechon*). Esta é provavelmente a evidência mais antiga que temos em prol de um ofício de ensino de “dedicação integral” na igreja primitiva (Cf. 1Co 9.3-18), e é até possível que o próprio Paulo tenha introduzido o termo *katechon* para o ensinador do evangelho, pois o termo é tão raro no judaísmo helenístico como no restante do NT (COENE, 1982, p. 55).

παραδιδωμι (paradidomi)

O verbo παραδιδωμι (paradidomi) carrega consigo o sentido de “legar”, “passar adiante” a instrução do professor para o aluno. Algumas vezes este verbo foi usado no sentido de “entregar” ou “dar” (Mt 10.19, 25.20; Mc 15.15; Lc 4.6; Rm 1.24; Ef 4.19). Foi usado também com a ideia de “passar”, “transmitir”, “ensinar tradição oral ou escrita” (Mc 7.13; Lc 1.2; At 6.14; 2Pe 2.21).

No Novo Testamento, Lucas emprega “*paradidomi*” em conexão com as *dogmatas*, isto é, decisões do concílio apostólico que Paulo entregou às igrejas para serem observadas (At 16.4) (LOPES, 2010, p. 124).

Para o apóstolo Paulo, “*paradidomi*” não significa ‘passar adiante sem mudança’, mas, sim, transmitir num sentido que permite que a tradição seja modificada para vir de encontro com as necessidades atuais (COENEN, 1982, p. 57).

A situação em 2Pe 2.21 e Jd 3 é diferente, pois “o mandamento entregue” e a “fé que foi entregue aos santos” uma vez fixada de modo definitivo, deve ser conservada intata.

παιδεύω (paidéuo)

O verbo παιδεύω (*paidéuo*) foi usado no livro de Atos com o sentido de “instruir”, “treinar”, “educar” (At 7.22; 22.3). Paulo faz o uso deste verbo em 2Tm 2.25; Tt 2.12 com a ideia de “corrigir”, “dar direção”. Em vários outros textos do Novo Testamento o verbo foi usado com o sentido de “disciplina com punição” (1Co 11.32; 2Co 6.9; 1Tm 1.20; Hb 12.6s, 10; Ap 3.19). A disciplina que vem do Senhor é um sinal claro e objetivo do seu amor, não tendo como objetivo o desencorajamento, e esta disciplina é comparada àquela que o pai aplica ao filho a quem ama, com o objetivo de que haja aprendizado. Por fim, Lucas emprega o verbo παιδεύω (*paidéuo*) referindo-se ao castigo que Jesus sofrera.

A raiz subjacente é παις (*pais*), “criança”, “menino”. No grego clássico, o verbo παιδεύω (*paidéuo*) significa literalmente “estar junto com uma criança”; daí a ideia de “criar”, “educar”, “instruir”, “acostumar”. Desta raiz deriva o substantivo *paideia*, que já se acha no século VI a.C. com o significado de “educação, “desenvolvimento de cultura”, que os sofistas do século V declaram ser o alvo principal da sua obra. Mas tarde, a palavra foi estendida para abranger a educação de adultos também e emprega-se de modo geral do treinamento científico (COENEN, 1982, p. 58).

Na LXX παιδεύω (*paidéuo*) ocorre cerca de 84 vezes, das quais 41 vezes equivalendo-se ao verbo hebraico *yasar*, “castigar”, “disciplinar”. Israel, como nação, era considerado sujeito à disciplina de Deus (Dt 4.36; 8.5; Os 7.12), mas também trata-se da educação do indivíduo, levada a efeito por Deus (Pv 3.11; 15.33). Em alguns momentos refere-se ao castigo que o pai deve administrar ao seu filho (Dt 21.18; Pv 13.24; 23.13).

Segundo Augustus Nicodemus Lopes (2008, p. 120):

παιδεύω (*paidéuo*) se refere a um aspecto da educação nem sempre agradável e certamente muito mal visto em nossos dias, que é o uso da disciplina, não necessariamente física, no processo educativo. Lembremos que esse aspecto pressupõe a natureza caída e rebelde do ser humano, a qual não se sujeita voluntariamente à verdade, bem como a graça de Deus, que em vez de nos abandonar ao próprio destino e rebelião, vem misericordiosamente ao nosso encontro nos disciplinar, visando nossa salvação e crescimento.

2.2.2 O ensino no contexto do Novo Testamento

No âmbito da educação, os primeiros cristãos foram fortemente impactados pela herança judaica. A Sinagoga surgiu durante o período do Exílio e tornou-se o centro da vida do povo. Nela havia escola, sala de justiça, lugar dos códigos, culto, festas, estudos e

reuniões. A Sinagoga girava em torno da lei: midrash - perscrutar a lei; Talmud - ensinar a lei; Mishna - repetir a lei; Targum - traduzir a lei. A sinagoga se espalhou por todos os cantos de Israel e fora dos limites da Palestina. Ela governava a vida diária do povo, educando as crianças e oferecendo estudos aos adultos. Broadus David Hale (1983, p. 14), relata que:

A adoração na sinagoga foi desenvolvida de acordo com o modelo do culto do Templo e nas mesmas horas, no sábado: a terceira, a sexta e a nona. Posteriormente os cultos eram realizados na segunda e terça, bem como no sábado. As pessoas entravam, curvando-se para a parede do lado ocidental, onde as Escrituras estavam contidas num gabinete chamado a 'arca'. Fazia-se uma oração e depois eram cantados salmos. O auxiliar abria a 'arca' e reverentemente removia as Escrituras, entregando-as ao presidente. Em seguida a leitura das Escrituras, durante a qual todos ficavam de pé, o presidente sentava-se e iniciava uma exortação, à luz da passagem lida. Frequentemente, ele pedia, a algum visitante ilustre, para fazer essa 'pregação'. Depois as Escrituras eram recolocadas na 'arca', em seguida sendo proferidos salmos e orações, e depois uma bênção era pronunciada.

A Sinagoga foi frequentada por Jesus, por seus discípulos e apóstolos, pois nela um grande número de pessoas se reunia para estudar.

Jesus é visto como um rabi judeu que exerceu um ministério de pregação, ensino e socorro àqueles que estavam aflitos ou enfermos por onde ele passava (Mt 4.22,25). Boa parte do material dos evangelhos é composta dos ensinamentos de Jesus, religiosos e éticos, através dos quais ele tornou-se conhecido e exerceu grande impacto na sociedade. É chamado várias vezes de mestre pelo povo. Apesar de pregar muitas vezes, nunca foi chamado de pregador e sim de mestre. Frequentou vários lugares onde pregou e ensinou: templo (Mc 21.12), sinagogas (Mt 4.23), montes (Mt 5.1), cidades (Mt 8.5), casas (Mt 8.14), no mar ou no barco (Mt 4.18) e deserto (Mt 4.1). No seu ensino fazia o uso inteligente e criativo de uma grande variedade de recursos: exposições (Mt 5-7), uso de perguntas (Mt. 16:13-15; Mc 10.18), diálogos (Mc 10.17-22; Jo 3:1-21), ilustrações (Mt 13.33-35), figuras de linguagem (Jo 15.1-10; Mt 6.19-20) e as parábolas (Mt 5.14,15; 7.24-27; Mc 4.30-32; Lc 15.4-7. Além do ministério público de ensino, Jesus desenvolveu um ministério privado, no qual chamou, preparou e enviou discípulos em continuidade a sua grande missão, que envolvia também o exercício do ensino: “Ide, fazei discípulos de todas as nações... *ensinando-os* a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19,20).

No livro de Atos dos Apóstolos e nas epístolas podemos perceber a exposição das Escrituras sendo feita em locais públicos (At 2.14-40), o ensino acontecendo no templo, mas também num contexto de lar, porém não restrito às pessoas que moravam naquela casa, mas sim aberto para que outros fossem expostos ao ensino das Escrituras e alcançados com o evangelho (At 5.42).

O ensino era considerado um dos dons espirituais, devendo ser exercido com eficiência (Rm 12.7). Entre as qualificações dos presbíteros ou bispos estava a aptidão para ensinar (1Tm 3.2; ver 2Tm 2.2,24). Como havia acontecido no judaísmo, os principais locais de instrução eram o lar e a comunidade da fé (2Tm 1.5; 3.15) (MATOS, 2008, p. 11).

De acordo com Aderi Souza de Matos (2008, p. 11):

desde o início se verificou um elemento de tensão entre diferentes visões educacionais. Um deles está presente nos evangelhos, onde se vê a conhecida polêmica entre Jesus e os mestres judeus. Escribas e fariseus são censurados por certos aspectos do seu ensino, como as tradições que invalidavam elementos importantes da lei de Deus, e também pela maneira como ensinavam – nem sempre caracterizada pela coerência. Outra tensão se vê nos escritos paulinos entre o ensino cristão e algumas ênfases da cultura greco-romana. Numa longa passagem da epístola aos Coríntios, o apóstolo traça um forte contraste entre a “sabedoria do mundo” e a “sabedoria de Deus” (1Co 1.18–2.16). Verifica-se a mesma atitude em 2Co 10.4-5; Cl 2.8, etc.

Isso levanta a questão da atitude dos primeiros cristãos em relação à vida intelectual. Seria o cristianismo uma religião mística que desprezava o cultivo da mente, visto como perigoso para a verdadeira espiritualidade? As evidências bíblicas e históricas demonstram que não. Jesus ensinou seus seguidores a amarem a Deus com o intelecto (Mt 22.37; Mc 12.30). Lucas, Paulo e outros dos primeiros líderes cristãos eram homens cultos, intelectualmente preparados (ver Lc 1.1-4; At 17.18-31; 22.3; 2Tm 4.13). O que estava em jogo era qual dos tipos de sabedoria deveria ter prioridade. Se a sabedoria pagã, com sua soberba intelectual, com sua cosmovisão ora politeísta, ora materialista, ou a sabedoria do evangelho, a mente de Cristo (1Co 2.16).

No Novo Testamento podemos perceber o ensino das Escrituras sendo transmitido no contexto do ambiente familiar. Timóteo foi influenciado por sua avó Lóide, bem como por sua mãe Eunice (2Tm 1.5; 3.15), possivelmente alguém a quem foi ensinada as Escrituras desde pequeno.

Aos poucos, a educação veio a enfatizar um modo distinto de vida para o povo escolhido de Deus. Por muito tempo os cristãos eram identificados como seguidores do Caminho (At 9.2; 24.14). A educação enfatizava os ensinamentos por e a respeito de Jesus, pois na sua pessoa ele representava o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6).

Robert Pazmiño (2008, p. 139) afirma que:

A educação tinha ênfase no pano de fundo do Antigo Testamento para a interpretação do senhorio de Jesus (Lc 24.25-27; Jo 5.39). Sumários em credos e hinos (como de 1Co 15.3-8; Fp 2.5-11; ITm 3.16; 2Tm 2.11 - 13; Tt 3.4-7) sugerem verdades essenciais que os primeiros cristãos consideravam importantes para serem aprendidas pelos novos convertidos. Com o passar do tempo, alguns mestres surgiram conforme o modelo rabínico, cujas responsabilidades incluíam a preservação, transmissão e interpretação de verdades essenciais à comunidade cristã. Eram chamados e

responsabilizados pela mordomia de seu ministério (Tg 3.1). Os professores deveriam garantir a perpetuação da fé cristã essencial à identidade da comunidade de crentes no meio de um mundo hostil e pluralista.

2.3 Implicações dos Textos para o Projeto

Aos olharmos para as Escrituras e a maneira como a mesma lida com a questão do ensino e aprendizado, no que diz respeito aos mandamentos e instruções de Deus, não há como sermos indiferentes, pois é evidente a importância dada a este assunto, a ênfase no zelo, persistência, dedicação e fidelidade com que deve ser feito. Estes conceitos percebidos ao longo das Escrituras têm suas relações com o ensino voltado para crianças, seja no contexto familiar ou em outros contextos educacionais, porém é possível notarmos muita ênfase no ensino, instrução, capacitação ou mesmo correção, especificamente direcionados para o adulto.

Em Deuteronômio 6.1-9 podemos notar, de uma maneira muito clara e objetiva, a orientação divina quanto ao ensino e aprendizado. Os estatutos e juízos deixados pelo Senhor deveriam ser ensinados a fim de que fossem cumpridos na perspectiva de que gerassem temor na vida daquelas pessoas. A nação, pessoas adultas, é instruída a passar para seus filhos tudo o que haviam aprendido. Tal orientação nos revela que o adulto deveria estar apto para ensinar e era o responsável pelo mesmo, para isto ele deveria amar o Senhor de todo o coração (v.5) e ter as palavras, ou, os ensinamentos do Senhor gravados em seus corações (v. 6), o que certamente faria a diferença no ensino daqueles menores.

Após a morte de Moisés o Senhor traz a Josué uma palavra de fortalecimento e encorajamento através da qual Ele enfatiza o valor da instrução e prática do aprendizado (Js 1.6-9). O encorajamento da parte do Senhor é para que, inicialmente Josué, permaneça firme naquilo que aprendeu e que pratique com perseverança e fidelidade (Js 6.7). O encorajamento não para aí, além de guardar para si o aprendizado, Josué deveria passar adiante: “...não deixe de falar as palavras deste livro da Lei...” (Js 6.8). Mais uma vez a orientação clara para que o ensino fosse vivido e transmitido a toda uma geração, jovens, adultos e crianças.

O jovem constantemente é alertado quanto a necessidade de dar ouvidos ao ensino transmitido pelo pai (Pv 2.1; 3.1; 4.1), mostrando também a importância de se investir tempo de qualidade no ensino do jovem e do adulto bem como a necessidade destes ensinamentos serem lembrados reforçados sempre que oportuno, levando aquele que ouve a um aprendizado efetivo, que se revela através da aplicação à vida prática.

Quando se fala de ensino e aprendizado, nossa maior referência, sem dúvida alguma, é o Senhor Jesus, pois foi um grande mestre na sua maneira de ensinar, no conteúdo transmitido bem como na prática dos seus próprios ensinamentos. Jesus foi o modelo daquilo que ensinou (Jo 14.6; Hb 2.10), e isto lhe conferiu uma autoridade diferente da dos escribas e rabinos da época, que lançavam mão das tradições farisaicas para impor sua compreensão da lei (Mc 1.22), e contribuiu para que adquirisse a confiança do povo. Jesus tinha interesse genuíno pelo povo. Ele o via como ovelha que necessita de um pastor (Mc 6.34), ouvia e atendia os necessitados (Mc 2.27), deixou claro que mesmo sendo Senhor e Mestre veio para servir e não para ser servido (Mt 20.29) e tantas outras atitudes que são referência no que diz respeito ao ensino.

Robert W. Pazmiño (2008, p. 37-38), considerando a conversa de Jesus com os dois discípulos a caminho de Emaús (Lc 24.13-35), afirma que:

É interessante a abordagem de Jesus com esses discípulos, que inclui três elementos dignos de nota. Primeiro, Jesus pergunta (vs. 17-19). O Mestre por excelência sabe as respostas, mas quer que seus alunos pensem por si mesmos. Segundo, Jesus escuta. Ele ouve sua resposta às perguntas que formulou. Muitas vezes o professor deixa de ouvir os alunos e de dar tempo necessário para que pensem. Terceiro, é somente depois de perguntar e escutar que Jesus exorta esses discípulos e abre as Escrituras, explicando seu significado. Jesus explica a verdade discutida por Moisés e os profetas por sua interpretação dos textos. Em resposta ao ensino de Jesus, os discípulos descrevem o encontro como um em que seus olhos, bem como as Escrituras, foram abertos. A palavra aqui para ‘abrir’ é a mesma usada para descrever o ventre materno que se abre no nascimento de um filho. Há uma sensação de alegria e uma queimação no coração análoga à experiência do nascimento em termos de seu impacto pessoal. A alegria associada com essa revelação é uma dimensão desesperadamente necessária em todo e cada encontro de educação cristã.

As contribuições deixadas pelo apóstolo Paulo para o ensino de qualidade no contexto das igrejas são diversas, pois além de um grande líder foi um exímio comunicador do evangelho, pregador por excelência. Seu público, geralmente adulto, homens simples e também os mais intelectuais e pensadores da época. Seu ensino não era baseado simplesmente em *“linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder”* (1Co 2.1-4). Paulo algumas vezes era polêmico, mas persuasivo em suas argumentações (At 9.22; 18.4) e seu objetivo não era apenas ganhar uma discussão, mas sim, conquistar seus oponentes (At 17.17). Ministrou dois períodos longos de pregação e ensino – dois anos na escola de Tirano, e dezoito meses em Corinto (At 19.10 e 18.11). Frequentemente ele adotava o método de pergunta e resposta em seus ensinamentos. Visto que as pessoas, principalmente em se tratando de adultos, precisam de fatos se a sua fé há de ser

inteligente, Paulo as instruía com assiduidade nas coisas concernentes a Deus. O apóstolo tinha o discernimento e capacidade de adaptar a mensagem ao seu auditório, conforme podemos perceber em seu discurso em Atenas, que embora o conteúdo da mensagem fosse constante, ele buscava terreno comum com aqueles aos quais se dirigia, quer se tratasse de congregações judaicas nas sinagogas, quer filósofos gregos na Acrópole, quer multidões pagãs em Listra. Paulo sentia-se igualmente à vontade com governadores e autoridades, filósofos e teólogos (SANDERS, 1986, p. 92-94).

Quanto aos propósitos do ensino ou dos ministérios educativos da igreja, Efésios 4.7-16 apontam para o ensino como sendo um dom espiritual. O propósito imediato do ensino é preparar o povo de Deus para obras de serviço na igreja e no mundo. Além deste, o texto explicita o propósito da edificação da igreja, que envolve unidade e maturidade.

O autor de Hebreus fala acerca de algumas pessoas que são consideradas lentas para aprender, pessoas que de alguma maneira, apesar de terem sido expostas ao ensino da Palavra, houve pouco amadurecimento e ainda precisam receber “alimento infantil” (Hb 5.11-14). Outras passagens também descrevem diversos níveis de maturidade na vida cristã (1Co 2.6-3.4; 9.19-23; Tt 2.1-15; 1Pe 5.1-7) que não podem ser desprezados, precisam ser avaliados e considerados em qualquer esforço de ensino. Faz-se necessário discernir como ajustar o ensino às características espirituais, sociais, culturais, econômicas e políticas de seus ouvintes no esforço de falar aos participantes nos níveis apropriados de entendimento e prontidão (PAZMIÑO 2008, p. 44).

A fim de que haja ensino e aprendizado efetivos, também ficava evidente no Novo Testamento, a necessidade da presença e obra contínua do Espírito Santo. Como já mencionado, o próprio ensino é descrito como um dos dons dados à igreja por Cristo mediante o Espírito Santo (Rm 12.3-8; 1Co 12.27-31; Ef 4.7-13; 1Pe 4.10,11). O ensino não é somente um dom dado e motivado pelo Espírito, como também requer que aquele que ensina seja continuamente cheio do Espírito Santo, dirigido e capacitado pelo mesmo neste processo do ensino e aprendizado (Ef 4.29-32; 5.15-20; Jo 14.26, 16.13). As dimensões espirituais da educação são fundamentais na perspectiva neotestamentária (PAZMIÑO 2008, p. 39).

3 - UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ENSINO DAS ESCRITURAS

Toda comunidade possui uma herança ou memória que serve como diretriz para sua vida. A comunidade cristã é assim, e a herança ou história da educação cristã pode auxiliar na direção de ministérios atuais e futuros (PAZMIÑO 2008, p. 132).

A história não deve ser usada com a intenção de buscar soluções imediatas ou simplistas e fáceis para problemas relacionados com nossa atualidade ou mesmo com o futuro. A história não revela respostas particulares e concretas aos dilemas no campo da educação. Pelo contrário, a história oferece consciência tanto das possibilidades quanto das complexidades da educação. O seu valor está em auxiliar as pessoas a discernirem a continuidade ou o adiamento do passado para o presente e o futuro, identificando o que de fato vale a pena manter ou não, resgatar ou não (PAZMIÑO 2008, p. 129).

Não se faz necessário reinventar a roda, porém é de grande valor identificar, por meio da história, os princípios, propósitos, alguns métodos e alvos do ensino das Escrituras, fazer o bom uso dos mesmos, adaptando quando necessário às realidades atuais as estratégias e metodologias educativas que foram efetivas no passado. Sendo assim olharemos um pouco do ensino das Escrituras em períodos da história.

3.1. O Ensino das Escrituras no Período da Igreja Antiga

A valorização da educação esteve presente entre os cristãos desde o início como meio de preservar e transmitir com fidelidade a herança cristã, em meio a uma sociedade hostil. Além dos próprios lares e comunidades de fé, surgiu a catequese como componente essencial da transmissão da fé. Quando o termo catequese foi usado pela primeira vez, se referia à atividade de instrução por repetição oral em que as pessoas eram ensinadas por fazê-las cantar as respostas às perguntas feitas, provavelmente fruto de influência do método socrático de perguntas e respostas. Com o objetivo de servir de apoio ao treinamento dentro dos lares e cultos de adoração, várias outras classes de catecúmenos foram sendo formadas em diversas localidades. Estas classes possuíam uma duração média de três anos, período que servia para treinamentos e provas até que o mesmo fosse aceito para o seio da igreja. Entre os catecúmenos havia os que eram considerados “ouvintes” (interessados), os “ajoelhados” (aqueles que permaneciam para as orações depois que os ouvintes se retiravam) e os “escolhidos” (candidatos aprovados para o batismo), que recebiam um treinamento mais

intensivo. Após o batismo, havia instrução adicional sobre os sacramentos e outros tópicos (PAZMIÑO 2008, p. 140-141).

Neste período, começam a ser formadas escolas de catequese e logo perceberam a necessidade de apologetas preparados para interpretar a fé ao modo helenista de pensar e defendê-la contra os que a atacavam, muitos destes, homens cultos. Sob a influência da cultura predominante, surgiram então, estruturas educacionais mais complexas para pessoas de maior nível intelectual que queriam integrar o cristianismo com a tradição filosófica grega.

No ano 179, a primeira escola catequética foi aberta por Panteno para a grande comunidade cristã de Alexandria, no Egito. Os grandes luminares dessa escola na primeira metade do 3º século foram Clemente de Alexandria e Orígenes. Com o tempo, outras escolas congêneres surgiram em Cesaréia, Antioquia, Edessa, Nisibis, Jerusalém e Cartago. Diferentes metodologias educacionais gregas e romanas foram utilizadas à medida que a ênfase passou do cultivo de uma vida cristã fiel para a reflexão erudita. Um alvo importante era equipar os cristãos para compartilharem o evangelho com pagãos cultos (MATOS, 2008 p. 14). Relacionar sua perspectiva ao contexto social e cultural era uma questão de preocupação constante para a comunidade da fé.

Segundo Alderi Souza de Matos (2008 p. 14).

O currículo incluía a interpretação das Escrituras, a regra de fé (síntese das principais convicções cristãs em forma de credo) e “o caminho”, ou seja, um conjunto de instruções morais, como se pode ver na *Didaquê*. No 4º século as escolas catequéticas passaram a ser substituídas pelas escolas monásticas e episcopais ou das catedrais. A questão educacional preocupou algumas das mentes mais inquiridoras e criativas da época, como Gregório de Nissa, João Crisóstomo e especialmente Agostinho de Hipona, que escreveu algumas obras valiosas sobre o tema, tais como *De catechizandis rudibus* (A instrução dos principiantes), *De doctrina christiana* (O ensino cristão) e *De magistro* (O mestre).

3.2 O Ensino das Escrituras no Período Medieval

Logo após Constantino e a oficialização do Cristianismo, o papel da educação sofreu algumas mudanças. A igreja deixou de exigir um preparo intenso para aqueles que ingressavam como membros e com a queda do Império Romano, tornou-se a força dominante na cultura ocidental e passou a assumir boa parte das atividades educacionais. O culto (missa), as festas e os dramas religiosos, a música, a arte, a riqueza de simbolismo presente na arquitetura, se tornaram os principais veículos de educação cristã, transmitindo sua

mensagem e lições de fé para uma população majoritariamente analfabeta que, em sua maioria, não possuía acesso à educação cristã formal (PAZMIÑO, 2008, p. 143).

Durante este período, houve um crescimento na valorização da vida celibatária, o que gerou uma redefinição da fé cristã e causou impacto direto na importância exercida pelas famílias na formação religiosa. “O surgimento de comunidades alternativas em lugar da família como centro da educação cristã tinham de ser visto em relação aos desenvolvimentos econômicos em que a sobrevivência era preocupação constante” (PAZMIÑO, 2008, p. 143). A maior parte do tempo e esforços da população comum eram concentrados no sustento econômico, o que limitava aos mesmos o aprendizado fora da experiência de um culto.

Entre os anos 500 e 800, a educação formal foi oferecida principalmente nas escolas monásticas, os principais centros de atividades intelectuais, porém, com o crescimento das grandes cidades houve o surgimento das escolas e colégios da igreja ou catedrais, cujos currículos enfatizavam as artes liberais e humanas, além da teologia.

Nas escolas das catedrais e nas primeiras universidades, nos séculos finais da Idade Média, surgiu o escolasticismo, que foi uma tentativa de síntese entre a teologia e a filosofia com o intuito de dar maior sustentação à fé por meio da razão. Resultou da introdução do pensamento de Aristóteles, principalmente da sua lógica, no movimento educacional do Ocidente. Entre os seus principais representantes encontramos Anselmo de Cantuária (c.1033-1109) e Tomás de Aquino (1225-1274) (ALDERI, 2008, p. 15).

3.3 O Ensino das Escrituras no Período do Renascimento e Reforma

O Renascimento (Renascença) foi um forte movimento intelectual nos séculos 14, 15 e 16 que teve seu início na Itália e se difundiu rapidamente nos países do norte da Europa. Surge neste período um novo interesse pela literatura, pelas artes e ciência. Dentre as principais características deste movimento encontra-se o surgimento do humanismo, com enfoque muito forte no interesse humano em detrimento de Deus e as coisas concernentes ao Seu reino. A busca das pessoas passa a ser “a glória da vida humana e o gozar o mundo ao máximo” (PAZMIÑO, 2008, p. 143).

Durante a Idade Média, o interesse dos estudiosos havia sido orientado para a verdade religiosa, com a filosofia relacionada com a religião. Os principais pensadores e escritores eram homens pertencentes à Igreja. Contudo, no período da Renascença, surgiu um novo interesse pela literatura clássica, pelo grego e pelo latim, pelas artes, de forma inteiramente separada da religião. Por via de tal interesse, apareceram os primeiros vislumbres da

ciência moderna. Os líderes do movimento, de modo geral, não eram sacerdotes nem monges, mas leigos, especialmente na Itália.

No Norte dos Alpes, na Alemanha, na Inglaterra e na França o movimento possuía sentimento religioso, despertando novo interesse pelas Escrituras, pelas línguas grega e hebraica, levando o povo a investigar os verdadeiros fundamentos da fé, independente dos dogmas de Roma (HURLBUT, 2007, p. 177-178).

Foi neste período que também surgiram questões relacionadas ao lugar da razão humana em relação à fé cristã (herança educativa grega). Uma tendência em colocar as humanidades, artes e ciências no mesmo nível de importância que as verdades reveladas do cristianismo. Em contrapartida, os cristãos afirmavam que toda verdade é verdade de Deus, mas nem toda verdade é da mesma ordem ou está em nível de igualdade. Agostinho dizia que se a pessoa não professasse sua fé em Deus, não teria condições de chegar ao conhecimento da verdade essencial. Consequentemente, através da capacidade da razão humana, questionar se torna ocasião para descobertas (PAZMIÑO, 2008, p. 147).

Todavia, algumas ações dos homens do Renascimento foram benéficas para a educação cristã, em especial o trabalho dos “humanistas bíblicos”. Seu estudo da Bíblia nas línguas originais, publicação de edições críticas do texto bíblico (como o Novo Testamento grego-latino de Erasmo, em 1516) e tradução das Escrituras para o vernáculo despertaram o interesse por um cristianismo mais puro e contribuíram para a Reforma Protestante. A invenção da imprensa e a redescoberta da Bíblia tiveram imensas consequências para a educação cristã (MATOS, 2008, p. 16).

O homem renascentista começava a ler mais e formar uma opinião cada vez mais crítica. Trabalhadores urbanos, com mais acesso a livros, começaram a discutir e a pensar sobre as coisas do mundo. Um pensamento baseado na ciência e na busca da verdade através de experiências e da razão.

Enquanto o espírito de reforma e independência despertava a Europa, a chama desse movimento começou a arder primeiramente na Alemanha, sob a liderança de Martinho Lutero iniciou-se a Reforma, no século XVI. Tudo começou quando, para propiciar a construção da Basílica de São Pedro, em Roma, o papa Leão X ordenou a venda de indulgências.

A época em que Lutero vivia era considerada o início do capitalismo mercantilista. Para ele o momento consistia em uma nova oportunidade para investir na educação, era algo primordial, pois seria a garantia de um futuro para aquela sociedade, se houvesse escolas, haveria também médicos, pastores, professores, juristas, e outros profissionais necessários na sociedade.

A tradução da Bíblia para o alemão foi um grande salto da reforma, pois até então só havia traduções feitas a partir de outras traduções como a da Vulgata, feita em grande parte por Jerônimo no século quarto da nossa era, porém a tradução de Lutero tem duas grandes diferenças: A primeira é que Lutero se baseia nas línguas originais, ou seja, o Novo Testamento em grego, e o Antigo Testamento em hebraico. A segunda diferença é que Lutero se preocupa com povo, ao contrário das traduções anteriores, que eram traduções com um estilo rude e quase incompreensível a cada um, a tradução de Lutero é uma tradução hábil, em conformidade com as leis da gramática e do estilo da língua alemã, ou seja, ele queria dar ao povo uma Bíblia que eles pudessem manuseá-la e que fosse compreensível a todos.

Assim como Lutero na Alemanha, Calvino em Genebra também foi um reformador que teve grande preocupação com a educação, se preocupou com a catequização das crianças, que para ele as crianças deveriam entender a Palavra de Deus.

A Reforma, com seu princípio de *Sola Scriptura* e a ênfase paralela no direito do livre exame das Escrituras, produziu um renovado interesse pela educação. A exegese histórico-gramatical dos textos em suas línguas originais resultou em nova apreciação das verdades bíblicas. A autoridade única e final das Escrituras estava sendo afirmada, acima da autoridade da igreja, e a Bíblia era um livro que deveria ser lido, estudado e interpretado corretamente. Um dos princípios marcantes da reforma foi a proposta de fazer com que a Bíblia estivesse nas mãos do povo, entretanto, o grande desafio era como fazer a Bíblia chegar as mãos do povo e auxiliá-los no processo de aprendizado, considerando sendo que mais de 90% da população eram analfabetos?

Para a educação, isso tornava implícita a importância de cada indivíduo, e a leitura era uma habilidade essencial para todas as pessoas. Considerando tais propostas e necessidades, foi necessário desenvolver junto às igrejas, escolas que objetivassem ensinar o povo a ler e a escrever, de modo, que pudessem ter conhecimento dos tesouros expostos nas escrituras sagradas. Além de ler e a escrever, era importante que aprendessem a interpretar e praticar o que contém nas Escrituras. As igrejas advindas da reforma eram nos finais de semana um templo religioso e durante a semana funcionavam como escolas de alfabetização.

A pregação também foi revitalizada e vista como o ensino de pessoas, para que assumam suas responsabilidades pessoais diante de Deus. A pregação não de cunho principalmente evangelístico, mas uma exposição da tradição bíblica de modo didático para produzir sua reapropriação pessoal por todo o povo de Deus. O lar era uma extensão da igreja, para a instrução de todos os seus membros. Lutero enfatizou a centralidade da instrução no lar, escrevendo catecismos para as crianças e regularmente encorajando os pais a assumir suas responsabilidades como mestres (PAZMIÑO, 2008, p. 148-149).

A segunda geração de reformadores tinha uma consciência muito maior que a anterior a respeito da necessidade de obras que tratassem da teologia sistemática. João Calvino, a grande figura do segundo período da Reforma, percebeu a necessidade de produzir uma obra que introduzisse, de forma clara, os fundamentos da teologia evangélica, justificando-os com base nas Escrituras e defendendo-os da crítica católica. Ele, em 1536, publicou uma pequena obra, com apenas seis capítulos, intitulada *Institutas da Religião Cristã*. João Calvino, nos vinte e cinco anos posteriores, mexeu nessa obra, adicionando-lhe outros capítulos e reorganizando o material. À época de sua última edição (1559), a obra tinha oitenta capítulos e subdividia-se em quatro livros (BESSA, 2012).

Nas *Ordenanças eclesiásticas* (1542), Calvino insistiu que a igreja deveria ter uma classe de oficiais voltados exclusivamente para o ensino, os mestres ou doutores, dado o impacto em potencial da renovação na educação cristã. Em 1559, fundou a Academia de Genebra, atual universidade com esse nome (MATOS, 2008, p. 16).

Catecismos foram escritos pelos reformadores e se tornaram recursos importantes para a educação cristã ao longo dos séculos. O culto e seu ponto central, a pregação, foi outro importante meio de instrução religiosa. Passou a ser dada uma ênfase no “sacerdócio de todos os crentes”, aliada ao entendimento de que as verdades cristãs precisam permear todas as áreas da vida causaram um impacto significativo na educação cristã e geral. Não só as igrejas tinham um sólido programa educacional, mas surgiu um sistema de escolas mantidas pelo Estado visando tornar a educação disponível a todos (MATOS, 2008, p. 16-17).

Em função do impacto em potencial de toda esta renovação na educação cristã, o professor passou a exercer um papel essencial que exigia maior dedicação e treinamento. Um exemplo prático dos reflexos desta renovação é o próprio Calvino que enfatizou a necessidade de treinar pastores como mestres por causa da sua posição na comunidade, como alguém mais culto e para ensinar a doutrina corretamente fazia-se necessário priorizar o ensino de qualidade no ministério pastoral (PAZMIÑO 2008, p. 149).

A educação cristã tinha como primeiro objetivo a resposta pessoal a Deus, mas cada vez mais para o cumprimento de todo o potencial do indivíduo como criatura especial de Deus tendo uma contribuição a fazer para a comunidade mais ampla. Assim surgiu uma apreciação maior da natureza do chamado cristão, da vocação de se estar dentro do mundo enquanto se servia a Deus e ao próximo. Essa responsabilidade pertencia a todo sacerdote, cada crente fiel em Jesus Cristo. (PAZMIÑO 2008, p. 148-149).

3.4 O Ensino das Escrituras no Período Pós-Reforma

Os séculos 17 e 18 testemunharam importantes mudanças para a atividade educacional cristã, algumas positivas e outras com aspectos negativos. As ênfases centrais dos reformadores geraram frutos valiosos e trouxeram suas contribuições para a expansão e aperfeiçoamento do sistema educacional das nações protestantes. Tornou-se norma em muitas regiões o que ficou sendo chamado de “educação universal”, ou seja, para todas as crianças, independentemente de sua posição social, colocando um fim ao elitismo na educação (MATOS, 2008, p. 17).

Um personagem de grande destaque neste período foi o pastor e educador João Amós Comenius (1592-1670), que se tornou bispo dos irmãos morávios. Comenius era natural da Tchecoslováquia e passou boa parte de sua vida em outros países, como refugiado da perseguição religiosa. Escolas na Polônia, Suécia e Hungria foram criadas e dirigidas por ele, que também escreveu sobre práticas educacionais saudáveis e preparou materiais curriculares. Comenius procurou usar a educação a fim de moldar e nutrir a alma humana além de ajudá-la a encontrar soluções para os males do mundo. Sua obra mais conhecida é a célebre *Didática magna* (1657) e ele foi considerado o pai da educação moderna.

Durante este período dois movimentos contribuíram muito para a educação cristã. Um deles foi o puritanismo, que produziu melhores frutos depois de transplantado para a América do Norte. Os puritanos possuíam uma visão integrada da vida e da sociedade, na qual a educação desempenhava um papel preponderante, conforme essa visão. A família era vista como uma pequena igreja, onde o pai, o líder espiritual, era o responsável por promover a instrução religiosa da esposa e dos filhos bem como dirigir suas atividades devocionais. O principal meio de educação cristã nas igrejas era o culto e de uma maneira mais específica, o púlpito. Os pregadores puritanos eram homens muito bem instruídos e seus sermões eram preparados com zelo incluindo exposição bíblica, ensino doutrinário e aplicações práticas para o cotidiano. Dentre estes pregadores, o exemplo mais eloquente e piedoso foi o reverendo Jonathan Edwards (1703-1758). Com o intuito de preparar homens para o ministério, o governo civil e a vida profissional, os puritanos criaram muitos colégios, dentre eles o Colégio de Harvard (1636) e Yale (1701), até hoje famosas universidades.

Outro movimento de grande valor para a educação cristã foi o pietismo alemão, que teve como líderes Phillip Jacob Spener (1635-1705), August Herman Francke (1663- 1737) e o conde Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf (1700-1760). Em virtude de sua ênfase na piedade, em uma vida espiritual fervorosa, os pietistas davam muito valor para a instrução

cristã. Eles deram ênfase ao estudo da Bíblia em pequenos grupos, incentivaram a instrução catequética e abriram escolas para órfãos e crianças pobres. Eles são os responsáveis pela fundação da Universidade de Halle, uma importante instituição de ensino superior.

Alder de Souza Matos (2008, p. 18) afirma que os séculos 17 e 18 viram o surgimento do Iluminismo, movimento que entronizou a razão e a experiência como critérios do conhecimento e da verdade, trazendo consigo uma rejeição a fé, a revelação e a herança cristã. Esse poderoso movimento e a mentalidade associada a ele, gerou uma crescente secularização da educação, inclusive em escolas de origem cristã. Esse foi um período de grandes progressos nas teorias e métodos educacionais. Dentre os nomes importantes deste período destaca-se John Locke (1632-1704) e, em especial, Jean Jacques Rousseau (1712-1778), proveniente de uma família calvinista, de origem francesa e que havia fugido para a Suíça. Através de um dos seus escritos, *Émile*, na qual descreve a educação ideal desde a infância até o início da vida adulta, Rousseau exerceu forte influência nos campos da filosofia e psicologia educacionais do século 20.

Considerações finais

As oportunidades, tensões e desafios enfrentados pela educação cristã nos tempos atuais são desafiadores. Infelizmente há muitas igrejas que têm abandonado sua herança nesta área, deixando o ensino das Escrituras de lado, priorizando muitas vezes aspectos humanistas, algumas vezes hedonistas, desprezando todos os esforços que já foram feitos por grande homens de Deus, quem em alguns momentos sacrificaram-se em prol de uma visão bíblica, centrada no Senhor, em Sua Palavra e no valor da mesma para a família bem como para a sociedade de um modo mais amplo.

Há um interesse pragmático que privilegia o crescimento numérico em detrimento da qualidade de vida cristã, em função desta mentalidade a educação é considerada dispensável em muitas comunidades. Uma vez que temos diante de nós Escolas Bíblicas fadadas a fecharem suas portas, é necessário que as mesmas sejam avaliadas, reformuladas em alguns aspectos, ao mesmo tempo é importante levar em consideração as contribuições válidas do passado.

4 - A HISTÓRIA DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

O ensino da Palavra de Deus está presente na história da humanidade desde os seus primórdios, sendo feito de diversas maneiras em seus mais variados contextos e períodos. O próprio conceito de proporcionar instrução espiritual para crianças e jovens não é nada novo. Na verdade, é tão antigo quanto a humanidade. Moisés disse ao povo de Israel: "Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar" (Dt 6:6-7).

É importante destacar que além dos grandes exemplos bíblicos de servos do Senhor que perseveraram e se aplicaram para que a Palavra fosse ensinada, tivemos os chamados pais de Igreja, que seguramente muito contribuíram o ensino Bíblico e divulgação do mesmo, tais como Orígenes, Gregório de Nazianzeno, Agostinho, Lutero e tantos outros.

4.1 A origem da Escola Bíblica Dominical no cenário mundial

Embora haja algum debate a respeito de exatamente quando, onde e por quem a primeira Escola Dominical foi criada, o principal nome que surge como o responsável pelo seu desenvolvimento, se não a sua origem, é um homem cujo nome é Robert Raikes. A Escola Bíblica Dominical nasceu da visão deste homem, na cidade de Gloucester, no sul da Inglaterra, no dia 20 de julho de 1780. Raikes nasceu nesta mesma cidade, no dia 14 de setembro de 1735. Seu pai era o dono do Jornal Gloucester e após sua morte em 1757, Robert assumiu a gestão do jornal. Ele também era considerado um homem muito compassivo, e um homem religioso. Ele amava as pessoas e amava a sua comunidade, procurando enobrecer e enriquecer a vida de ambos. Raikes era também apaixonado no que dizia respeito à necessidade de reforma do sistema prisional, lamentando as condições do sistema penal britânico, sentindo que fez mais mal do que bem. Ele passou muito tempo visitando as prisões, e depois usou o Jornal Gloucester para informar o público sobre as condições horrendas que observou nele. Aposentou-se do Jornal Gloucester em 1802. Ele morreu em 05 de abril de 1811 e foi sepultado na igreja de St. Mary le Cripta.

A cidade de Gloucester era um polo industrial com grandes fábricas de têxteis. As crianças trabalhavam nas fábricas seis dias por semana, de sol a sol, ao lado dos pais. Aos domingos, enquanto os pais descansavam, as crianças ficavam soltas nas ruas em busca dos seus próprios interesses. As crianças tomavam conta das ruas e praças, brincando, brigando,

por vezes perturbando o silêncio do domingo com seu barulho. Para agravar ainda mais a situação, naquela época não havia escolas públicas na Inglaterra, somente as classes mais abastadas tinham condições de pagar os custos altos das escolas particulares. Diante deste quadro, as crianças pobres ficavam sem estudar, começando a trabalhar ainda novos todos os dias, ficando somente o domingo para seu “descanso e lazer”. Raikes sentiu-se incomodado e comovido pela situação que contemplava com certa regularidade: crianças de sua cidade estavam perambulando pelas ruas, sujeitas à delinquência, marginalização, vícios e tantos outros males, além de tudo, sem que tivessem nenhuma orientação espiritual e possibilidade de formação acadêmica. Como Raikes já possuía experiência no trabalho com detentos da prisão da cidade, considerou sobre o futuro que aguardava aquelas crianças e resolveu que precisava fazer algo para impedir que tivessem um futuro semelhante ao daqueles detentos. Resolveu deixar um pouco de lado o seu editorial sobre as reformas nas prisões e começou a escrever sobre as crianças pobres que trabalhavam nas fábricas, sem que tivessem oportunidade para estudar e preparar-se para um futuro melhor. Seus sonhos iniciais foram compartilhados com um amigo, em quem encontrou apoio, incentivo e auxílio, o Rev. Thomas Stock

Em seu primeiro editorial Raikes decidiu primeiramente chamar a atenção à condição deplorável em que aquelas crianças viviam e mais adiante apresentaria a proposta que já havia desenvolvido em seu coração. Seu editorial provocou reações diversas, desde pessoas que sentiram compaixão por aquelas crianças a pessoas que consideravam haver assuntos mais importantes para se preocuparem do que tais crianças, que não passavam de filhos de operários pobres!

Mas Robert Raikes tinha um sonho, e este estava enchendo seu coração e seus pensamentos cada vez mais! No próximo editorial, expôs seu plano de começar aulas de alfabetização, linguagem, gramática, matemática, e religião para as crianças, durante algumas horas de domingo. Fez um apelo através do jornal, para mulheres com preparo intelectual e dispostas a ajudar-lhes neste projeto, dando aulas nos seus lares. Dias depois um sacerdote anglicano indicou professoras da sua paróquia para o trabalho. O entusiasmo das crianças era comovente e contagiante. Algumas não aceitaram trocar a sua liberdade de domingo, por ficar sentadas na sala de aula, mas eventualmente todos estavam aprendendo a ler, escrever e fazer as somas de aritmética. As histórias e lições bíblicas eram os momentos mais esperados e gostosos de todo o currículo. Em pouco tempo, as crianças

aprenderam não somente da Bíblia, mas lições de moral, ética, e educação religiosa. Era uma verdadeira educação cristã. (Lemos, 2012)

Aos poucos começaram a surgir os interessados em ajudar e nesta fase inicial, Raikes contou com o apoio de um homem chamado William Fox, natural de Londres, que de fato foi um grande companheiro de labuta. Havia algumas professoras que recebiam de Robert Raikes um pequeno salário, outras não necessitavam desta ajuda e surgiram também algumas pessoas que fizeram o seu investimento neste projeto auxiliando na providência de recursos necessários.

Algumas das crianças estavam relutantes em participar, pois sentiam-se envergonhadas porque suas roupas eram muito rasgadas e esfarrapadas. No entanto, Raikes disse-lhes que tudo o que elas precisavam era de "um rosto limpo e um cabelo penteado".

Segundo Max L. Batchelder, Robert Raikes, em audiência com a Rainha Carlota da Inglaterra, disse: "Eu tenho a certeza que as escolas dominicais são, atualmente, a melhor instituição prática para controlar esses elementos indisciplinados e violentos da sociedade e providenciar-lhes uma educação básica".¹

Dentro do projeto inicial de Robert Raikes havia o plano de desenvolver algo experimental que duraria um período de três anos de trabalho e dependendo dos resultados, havia a intenção de divulgar o trabalho e seus resultados além das fronteiras da Inglaterra. Nessa fase inicial, entre 1780 e 1783, foram fundadas 7 Escolas Dominicais somente na cidade de Gloucester, cada uma com aproximadamente 30 alunos. O trabalho logo começou a dar os seus frutos, trazendo mudanças na vida das crianças e conseqüentemente refletindo em suas próprias famílias.

Mesmo um projeto tão nobre e ousado como este não ficou livre das críticas e oposições. Algumas igrejas da época encararam o surgimento da Escola Dominical como uma algo desnecessário, acusando Raikes de profanar o domingo. Para estes, reunir crianças mal comportadas no templo, era uma profanação, ainda uma perda de tempo que comprometia o dia do Senhor. Alguns líderes religiosos consideraram o movimento como diabólico, pois era à parte das Igrejas e dirigido por pessoas que não tinham formação pedagógica, consideradas leigas no assunto.

¹ Citado por Rev. Hermisten – em Introdução à Educação Cristã, pag 1 -
Apud Max L. Batchelder, O homem que inventou a Escola Dominical: In: Brasil Presbiteriano, setembro de 1985, p. 8.

O Arcebispo de Canterbury reuniu os bispos para considerar o que deveria ser feito para exterminar o movimento. Chegou-se a pedir que o Parlamento, em 1800, aprovasse um decreto para proibir o funcionamento de escolas dominicais. Achavam que este movimento levaria à desunião da Igreja e que profanava “o dia do Senhor”. Tal decreto nunca foi aprovado.²

Apesar das oposições surgiram também algumas igrejas que começaram a oferecer apoio e colocaram à disposição seus espaços físicos para que as aulas fossem oferecidas, pois começaram a perceber os benefícios que estavam trazendo para a vida das crianças e jovens da cidade.

Um dos grandes nomes da história da igreja que logo ingressou nesta obra foi John Wesley, o fundador do Metodismo, pois acreditava no que este projeto poderia significar para o ensino das Escrituras. Ele chegou a dizer: “encontro estas escolas aonde quer que eu vá”³ e o mesmo encorajou seus seguidores a iniciar escolas similares.

As classes bíblicas começaram a se propagar rapidamente por cidades vizinhas e, finalmente, para todo o país. Quatro anos após a fundação, a Escola Dominical já tinha mais de 250 mil alunos, e quando Robert Raikes faleceu em 1811, já havia na Escola Dominical 400 mil alunos matriculados. A primeira Associação da Escola Dominical foi fundada na Inglaterra em 1785, e no mesmo ano, a União das Escolas Dominicais foi fundada nos Estados Unidos. Embora o trabalho tivesse começado em 1780, a organização da Escola Dominical em caráter permanente, data de 1782. No dia 3 de novembro de 1783 é celebrada a data de fundação da Escola Dominical. Entre as igrejas protestantes, a Metodista se destaca como a pioneira da obra de educação religiosa. Em grande parte, esta visão se deve ao seu dinâmico fundador John Wesley, que viu o potencial espiritual da Escola Dominical, e logo a incorporou ao grande movimento sob sua liderança (LEMOS, 2012).

Inicialmente, na Europa e na América, a Escola Dominical foi um esforço privado, em grande parte executado por pessoas que simplesmente tinham interesse na educação, tanto espiritual quanto secular, das crianças carentes. Logo, porém, as pessoas começaram a ver a necessidade de um esforço conjunto mais organizado, para difundir este conceito por toda a terra. Assim, com o raiar do século XIX, mais e mais Escolas Dominicais vieram a ser criadas, organizadas e supervisionadas por várias sociedades e sindicatos (MAXEY, 2012.).

D. L. Moody foi um dos grandes homens de Deus que incentivaram e propagaram o programa de Escola Dominical no final de 1800. Em menos de um ano Moody e seus assistentes haviam organizado Escolas Dominicais em todos os 102 municípios de Illinois.

² HISTÓRIA da Ebd. Disponível em <<http://www.ibrcubatao.com.br/departamentos/EBD/historiae bd.html>> Acesso em 09/10/2012.

³ Essa declaração foi publicada no Diário de Gloucester em julho de 1784, de acordo com a matéria: “Escola Dominical: fonte de conhecimento”, publicada na Revista Boa Ventura, Campinas – GO, Edição 12, Ano II, Abril de 2008, pg. 16

No começo do século XIX, foram fundadas muitas escolas dominicais nos mais diversos lugares dos Estados Unidos e o crescimento delas foi nada menos que fenomenal. Várias uniões formais de Escolas Dominicais foram organizadas, para ensino tanto de crianças quanto de adultos. Não demorou para que as Igrejas Evangélicas entendessem que era necessário ensinar a Bíblia a seus membros, em regime semanal, o que poderia ser feito, através da Escola Dominical. Em 1824, a União Americana de Escolas Dominicais contava com escolas em dezessete dos trinta e quatro estados americanos então existentes. Mesmo assim, a Escola Dominical continuava nas mãos de leigos em sua maioria, embora já contassem com profissionais do magistério então.⁴

Em 1784, isto é, quatro anos após o início do movimento, a Escola Dominical já contava com 250 mil alunos matriculados. A Escola Dominical é hoje um dos fatores de promoção do reino de Deus e dos destinos do mundo, através dos cidadãos nela formados. Atualmente, o número de alunos em todo o mundo é estimado em 120 milhões, com cerca de 2 milhões de escolas e 8 milhões de professores (RAMOS, 2012).

Ruth Doris Lemos afirmou (LEMOS, 2012):

No mundo, há muitas coisas que pessoas sinceras e humanitárias fazem, sem pensar ou imaginar a extensão de influência que seus atos podem ter. Certamente, Robert Raikes nunca imaginou que as simples aulas que ele começou entre crianças pobres, analfabetas da sua cidade, no interior da Inglaterra, iriam crescer para ser um grande movimento mundial.

4.2 A origem da Escola Bíblica no cenário brasileiro

Em agosto de 1935, esteve no Brasil o Rev. Foutain E. Pitts, vindo de Baltimore nos Estados Unidos, e entusiasmado com as perspectivas da implantação de um trabalho evangélico, deu início a preparação para a implantação de um missão Metodista no Brasil. Após sua visita, parecer e sugestões, no dia 29 de abril de 1836, desembarca no Rio de Janeiro, vindo de New York, Estados Unidos, o Rev. Justin Spaulding, acompanhado de sua esposa, filho e empregada, a fim de darem início a este projeto. Em uma carta enviada ao secretário da Igreja Metodista Episcopal em maio de 1836, Spaulding menciona já ter organizado uma pequena Escola Dominical com o grupo que o Rev. Pitts havia estabelecido os contatos iniciais⁵. Mais adiante, em um relatório acerca do trabalho que estava sendo desenvolvido, datado de 01 de setembro de 1836, o Rev. Justin Spaulding escreve:

⁴ REVISTA Boa Ventura, Campinas – GO, Edição 12, Ano II, Abril de 2008, pg. 16

⁵ REILY, Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p. 83-84.

Conseguimos organizar uma escola dominical, denominada Escola Dominical Missionária Sul-Americana, auxiliar da União das Escolas Dominicais da Igreja Metodista Episcopal... Mais de 40 crianças e jovens se tornaram interessados nela (...). Está dividida em oito classes com quatro professores e quatro professoras. Nós nos reunimos às 16:30 aos domingos. Temos duas classes de pretos, uma fala inglês, a outra português. Atualmente parecem muito interessados e ansiosos por aprender.⁶

O trabalho Metodista iniciado por Spaulding teve curta duração. Por diversas razões⁷, a missão metodista encerrou os trabalhos no Brasil em 1841 e logo após isto o Rev. Spaulding retornou aos Estados Unidos.

No dia 10 de maio de 1855, um jovem casal de missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley, da Igreja Congregacional, chegaram ao Brasil instalando-se na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro.

Robert Reid Kalley (8 de setembro de 1809 a 17 de janeiro de 1888) foi um médico e pastor escocês Natural de Mount Florida, nos arredores de Glasgow, é juntamente com a sua mulher Margret Kalley, uma das figuras históricas do protestantismo em Portugal, se bem que episódicas, mas que teriam repercussões na expansão desta religião no futuro. Robert e Margret Kalley foram os fundadores da primeira comunidade protestante em Portugal, no Funchal, onde o casal se estabeleceu em 1838 (RAMOS, 2012).

Depois de um curto período que estavam no Brasil, deram início a uma escola para ensinar a Bíblia para as crianças. A primeira aula foi realizada no domingo, 19 de agosto de 1855, que contou com cinco alunos e foi ensinada a história de Jonas, comunicando-se como conseguia, pois ainda estava aprendendo o português. Apesar das poucas crianças no primeiro dia, Sarah contemplou a grande oportunidade diante dos seus olhos ao ver tantas crianças pelas ruas, e seu coração almejava alcançá-las com o evangelho.

Com o aumento do número de pessoas interessadas em estudar a Bíblia, agora não apenas crianças, Kalley amplia a proposta da Escola Dominical a fim de alcançar jovens e adultos. Em virtude do crescimento que estava sendo alcançado, o casal Kalley decide ir de mudança para o Rio de Janeiro, a fim de dar continuidade ao trabalho e estender o alcance do mesmo.

Foi este início do trabalho em Petrópolis que deu origem à Igreja Evangélica Fluminense, que seria o marco das Igrejas Evangélicas Congregacionais no Brasil.

⁶ Idem, p. 83-84.

⁷ As razões apresentadas para encerramento do trabalho Metodista no Brasil neste período podem ser encontradas em: Duncan A. Reily, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, p. 84ss.

Remontando ao passado, as primeiras reuniões de instrução bíblica no Brasil, do ponto de vista evangélico, ocorreram durante a permanência aqui, dos crentes calvinistas que desembarcaram na Guanabara em 1557. Nessa ocasião realizaram o primeiro culto evangélico em terras do continente americano, em 10 de março do mesmo ano. A segunda fase de tais reuniões deu-se durante o domínio holandês no Nordeste, a partir de 1630, por crentes da Igreja Reformada Holandesa, quando vários núcleos evangélicos foram estabelecidos naquela região. Na mesma época foram realizados cultos na Bahia, por ocasião da primeira invasão holandesa. Tudo isso cessou com o fim dos mencionados domínios e a feroz campanha de extinção movida pela Igreja Romana de então (RAMOS, 2012).

Mesmo havendo ensino das Escrituras em períodos anteriores, foi em 1855, que de fato temos o registro do início da Escola Dominical no Brasil, que a partir de então cresceu entre todas as denominações e tem produzido seus frutos na vida dos alunos, na Igreja, no lar, na comunidade, e refletindo tudo isso na nação inteira.

4.3 Uma leitura atual do cenário da Escola Bíblica

Durante o século XX, a Escola Dominical aumentou significativamente e veio a tornar-se um ministério presente em quase todas as denominações cristãs, alcançando cada vez mais todas as faixas etárias. O movimento alavancado por Raikes prosperou e tornou-se o principal meio pelo qual gerações de cristãos tiveram a oportunidade de aprofundar-se em conhecer as Escrituras. Os primeiros 60 anos do século XX foram chamados de a “Idade de ouro das Escolas Dominicais americanas”⁸.

Escola Dominical nos dias de hoje já não é mais o mesmo do britânico inicial, que objetivava livrar crianças de um futuro de marginalização oferecendo-lhes ensino escolar básico e ensino bíblico, principalmente acerca dos princípios morais; mas o tipo de Escola Dominical que temos hoje tem mantido o seu foco quase que exclusivamente em conteúdo curricular bíblico visando o conhecimento das Escrituras, a edificação da igreja, o discipulado, a integração e por vezes a evangelização.

A Escola Dominical tem enfrentado tempos difíceis diante dos vários avanços tecnológicos, aliados a uma série de “fenômenos” que vêm ocorrendo em igrejas no mundo inteiro, tais como igrejas em células, grupos nos lares, pluralidade de cultos, entre outros desafios. Como resultado temos colhido igrejas com Escolas Dominicais ultrapassadas,

⁸ BAPTISTS History Sunday School. Disponível em
<http://www.allaboutbaptists.com/history_SundaySchool.html> Acesso em 16/10/2012.

esvaziadas, lutando para manter os alunos que ainda lhe restam, sem contar as várias igrejas que não oferecem mais a Escola Dominical.

Lécio Dornas diz (2002, p. 9):

Enquanto nos anos 50 o grande dilema das igrejas era o de arrumar espaço para abrigar crentes e não-crentes interessados no estudo da Bíblia, veiculado pela Escola Dominical, a luta hoje é no sentido de fazer com que os próprios membros da igreja acreditem na importância do estudo da Bíblia e na eficácia da Escola dominical.

Infelizmente para alguns, a Escola Dominical não passa de um momento em que podem deixar as crianças com alguém para serem cuidadas enquanto podem assistir ao culto ou a uma aula com um pouco mais de “sossego”. Para muitos adultos, ir à Escola Dominical é simplesmente um ritual no qual foi criado, e que continua participando sem dar o devido valor, domingo após domingo.

Baseado em sua experiência de décadas lidando com Escola Dominical, Dornas afirma que percebe que na maioria das igrejas ela é uma organização lutando com todas as forças para sobreviver diante dos desafios e das pressões que a modernidade estabelece (DORNAS, 2002, p. 9).

No decorrer dos anos, paradigmas foram sendo cristalizados e, conseqüentemente, incrustaram-se de forma na Escola Dominical que colocam em risco a sua própria sobrevivência. “Alguns conceitos foram sendo reproduzidos e repetidos ao longo das décadas, em vez de serem criticados, questionados, aperfeiçoados e até mudados para que acontecesse uma natural e saudável contextualização da Escola Dominical” (DORNAS, 2002, P.11).

Muito se tem falado sobre as razões de termos um enfraquecimento das Escolas Dominicais na tentativa de explicar e encontrar possíveis soluções. Alguns apontam para a liderança das igrejas afirmando que estes não têm visão, não oferecem mais o mesmo apoio que era oferecido no passado. Há quem culpe os professores, afirmando que são despreparados no que diz respeito à sua didática e também quanto ao seu conteúdo, professores que sabem muito sobre quase tudo, mas pouco sobre as Escrituras. Para alguns, tudo isto é reflexo de uma geração pós-moderna que ainda padece com as influências do relativismo, do individualismo e tantos outros “ismos”. Encontramos também aqueles que afirmam que a principal razão está na mudança de foco que aconteceu, pois hoje praticamente não acontece evangelização através da Escola Bíblica, o que foi um dos principais objetivos de Raikes ao iniciar este trabalho.

Aprecio a comparação que Dornas faz da Escola Dominical àqueles navios que aportam como o casco coberto de crostas que vieram sendo recolhidas durante a viagem. São tantas que alteram o peso e o desempenho da embarcação e comprometem sua segurança. Diante desta visão, sugere Dornas (2002, p. 12):

É necessário um trabalho de raspagem e limpeza do casco do navio, para recuperar a segurança e agilidade ao singrar os mares. Precisamos retirar a crosta da Escola Dominical, que tem de ser repensada à luz de seus paradigmas cristalizados. Precisamos de visão para enxergá-la e coragem e força para removê-la. Caso contrário, assistiremos à falência total de uma organização que tem tudo para ser um tremendo instrumento de crescimento da Igreja do Deus vivo em tempos tão difíceis e desafiadores.

Certamente podemos listar vários motivos ou responsáveis pela atual situação das Escolas Dominicais. Cada um tem o seu nível de impacto, mas a grande questão é se há algo a ser feito para reverter este quadro. Será necessário resgatar valores? Quem sabe repensar propósitos, estratégias? Como Lécio Dornas mesmo afirma, precisamos ter coragem e força para encarar os desafios.

5 - A ESCOLA BÍBLICA DE ADULTOS DA IGREJA BATISTA CIDADE UNIVERSITÁRIA

A Igreja Batista Cidade Universitária tem desenvolvido, ao longo dos últimos anos, uma proposta de Escola Bíblica que tem alcançado alguns bons frutos, seguramente graça de Deus sobre a mesma, pois cremos que é Ele quem faz a obra e nós, pessoas ou mesmo igreja, somos apenas instrumentos em Suas poderosas mãos.

A proposta que existe hoje tem suas raízes na própria história da IBCU, uma igreja aberta a mudanças, mas não disposta a abrir mão dos princípios e verdades de Deus. Uma de suas marcas tem sido ser uma igreja que zela por ensino fiel, prático e consistente da Palavra de Deus. Neste contexto, a Escola Bíblica tem tido um papel importante e também carece de avaliações constantes e mudanças que contribuam para melhor servir ao Reino, alcançar o homem sem Cristo e levá-lo a um amadurecimento em sua vida cristã.

Sendo assim, apresentaremos um pouco da história da IBCU, sua Escola Bíblica e algumas questões práticas referentes ao seu funcionamento.

5.1 Uma história resumida da Igreja Batista Cidade Universitária⁹

A Igreja Batista Cidade Universitária teve o seu início através de duas famílias que; por razões profissionais, mudaram-se para a cidade de Campinas, vindas de São Paulo, onde faziam parte da Igreja Batista do Morumbi, em São Paulo. Inicialmente, com estas duas famílias foi iniciado um grupo de estudo bíblico no lar, chamado então de koinonia. A partir destas duas famílias alguns de seus amigos da cidade foram alcançados com o evangelho.

Após três anos, a liderança da Igreja Batista do Morumbi decidiu dar mais um passo para a implantação de uma igreja na cidade de Campinas, em um bairro chamado Cidade Universitária, situado próximo a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e designou o Pr. Fernando para esse fim. O culto inicial foi no dia 11 de Março de 1984, no Novotel. A igreja continuou reunindo-se neste Hotel até o final deste mesmo ano, período em que também o Pr. Fernando Leite mudou-se de fato para Campinas para coordenar este ministério. A partir de 1985, as reuniões se deram em colégios diversos que emprestavam ou alugavam suas instalações para que fossem realizadas as atividades. Domingo após domingo foi necessário montar e desmontar toda a estrutura para que fosse possível realizar o culto. O

⁹ Estas informações foram extraídas e adaptadas para este trabalho do site da IBCU. Disponível em <www.ibcu.org.br> Acesso em 20/11/2012.

ministério foi organizado como igreja em Dezembro de 1987 com o propósito de alcançar a comunidade de Campinas de maneira informal, contextualizada e relevante.

O ministério foi se desenvolvendo, pessoas sendo alcançadas e em 1995, foi construída a primeira capela. Os cultos, escola bíblica e demais atividades da igreja passaram a ser em sede própria. Em 1996, a estrutura de escritórios e classes foi concluída e assim as instalações estavam bem adequadas às necessidades da igreja. A partir desta fase, o crescimento se intensificou de maneira bem mais expressiva. No ano 2000 a capela já não comportava a quantidade de pessoas que participavam dos cultos surgiu então a proposta de dois cultos, manhã e noite, com o mesmo formato, paralelamente foi oferecida toda uma proposta de Escola Bíblica, o que resolveu o problema por um curto período de tempo. No ano de 2005 as instalações estavam novamente no seu limite, muito pequenas para o tamanho da igreja. Os dois cultos com a capela lotada e as salas de aula já não eram suficientes para atender a demanda e o nível de ensino bíblico que a igreja zelava por manter. A estrutura necessária para atender as demandas do ministério infantil também ficou limitada, pois o mesmo acompanhava o crescimento que vinha acontecendo. Neste mesmo ano foi realizado um desafio para a igreja a fim de ampliar as instalações. Foram iniciadas as obras do Novo Templo com capacidade para 1700 pessoas em maio de 2005 e a inauguração ocorreu em Agosto de 2005. Logo na sequência, a antiga capela foi reformada e transformada em mais 6 salas de aulas, um salão para os jovens e mais escritórios.

O ministério continua desenvolvendo, e alcançando mais e mais pessoas para o Reino. Atualmente a igreja conta com um equipe de 7 pastores de tempo integral, além de centenas de voluntários que têm investido neste projeto, que é do Senhor. A igreja possui cerca de 1.500¹⁰ frequentadores, dos quais, 1000 são membros¹¹.

5.2 A História da Escola Bíblica IBCU¹²

Em seus primeiros anos a IBCU não possuía uma proposta de ensino que contemplasse Escola Bíblica. A principal razão era o fato de não ter um espaço que fosse possível colocar em prática algo que envolvesse divisão de salas entre outras necessidades estruturais para se implementar uma proposta educacional que fosse de fato eficaz.

¹⁰ Nestes números apresentados não está sendo considerada a quantidade crianças.

¹¹ São membros somente aqueles que participaram da Classe de Integração, na qual fala-se sobre a visão da IBCU, crenças, ministérios e compromissos esperados de cada um que decide tornar-se membro. Além de participar desta classe é necessário ser batizado e assinar o “termo” de compromisso com a igreja.

¹² O registro sobre a história da Escola Bíblica IBCU foi desenvolvido com o auxílio de algumas pessoas que estão na IBCU até os dias de hoje, acompanharam e participaram desta fase inicial da igreja.

Ao passar a usar os espaços físicos de uma escola, no ano de 1985, um projeto de Escola Bíblica começou a ser desenvolvido, não nos moldes convencionais de uma Escola Bíblica Dominical¹³, mas, partindo do conceito de congressos, que normalmente têm suas palestras centrais, mas também oferecem “*workshops*” com vários assuntos de interesse dos congressistas, que escolhem onde participar conforme suas necessidades ou interesses. Surgiu então a Escola Bíblica IBCU trabalhando com alguns temas, chamados de Grupos de Interesse. Os cursos eram todas as manhãs de domingo, as salas de aula e estrutura que já eram de uma escola eram aproveitados para este fim. O período da manhã era exclusivo para o ensino bíblico em salas de aula, com o intuito de oferecer aos professores e alunos o máximo de tempo para houvesse exposição, interação e aplicações do ensino, além de proporcionar um tempo de convívio, mesmo que curto, através de um momento de intervalo.

Ao construir sua nova sede, foram feitas boas salas de aula visando oferecer um espaço que atendesse as necessidades da Escola Bíblica. Com o crescimento da igreja, naturalmente mais famílias chegaram à IBCU com filhos pequenos, crianças nasceram neste tempo e o Ministério Infantil¹⁴ também precisou de mais espaço para acompanhar o crescimento e suprir as carências desta nova realidade. A solução inicial foi priorizar as necessidades do Ministério Infantil cedendo algumas salas e com a Escola Bíblica de adultos perdeu um pouco de espaço.

No ano 2000 surgiu a necessidade de iniciar dois cultos, esta sim, foi uma das mudanças que mais afetou a Escola Bíblica de adultos, pois adotou-se o padrão de Escola Bíblica e culto no período da manhã e Escola Bíblica e culto no período da noite. Uma “concorrência” que foi se tornando injusta com o passar do tempo, pois muito optaram por apenas um dos horários, deixando de participar da Escola Bíblica, que possuía menos espaço e menos cursos. Uma vez que o ensino bíblico era e tem sido uma das grandes ênfases da IBCU, aliado ao crescimento da igreja que continuava em ritmo acelerado, em 2005 começou a construção do Novo Templo, que conforme já mencionado, foi também possível ter novas salas de aula, voltar a proposta inicial de apenas um culto e o período da manhã exclusivo para a Escola Bíblica. Esta mudança deu início a um período de resgatar o que estava se

¹³ Entende-se por moldes convencionais de Escola Bíblica Dominical o padrão que é usado na maioria das igrejas, ou seja, é um tempo separado para o ensino aos domingos pela manhã, envolvendo além da EBD uma abertura e uma mensagem logo após o tempo de aula, que em boa parte se reduz a 45min ou 1h destinados de fato ao ensino em sala de aula.

¹⁴ Há todo um projeto e estrutura que envolve o ministério infantil, denominado Semear. Não é o objetivo deste trabalho relatar estes detalhes, mas há grande quantidade de informações disponíveis no site da IBCU – www.ibcu.org.br.

perdendo em termos de ensino na Escola Bíblica e alavancar ainda mais com ensino bíblico de qualidade.

5.3 A Missão, visão e valores da Escola Bíblica IBCU

Todos os ministérios da IBCU têm uma missão, visão e valores, que foram definidos pela liderança da igreja e estão alinhados com a missão, visão e valores da própria igreja. Abaixo apresentaremos somente o que foi definido para a Escola Bíblica de Adultos.

5.3.1 Missão

A missão é tida como o detalhamento da razão de ser da Escola Bíblica, ou seja, é o porquê da sua existência.

A Escola Bíblica IBCU tem como missão ensinar toda a Palavra de Deus viabilizando aos seus alunos:

- Conhecer Seu plano de salvação;
- Reproduzir o caráter de Jesus Cristo;
- Servir no corpo com seus dons;
- Identificar e evitar erros teológicos, éticos e comportamentais;
- Desfrutar de uma vida devocional prazerosa.

5.3.2 Visão de futuro

A visão tem como função nortear a Escola Bíblica. A visão pode ser percebida como a direção desejada, o caminho que se pretende percorrer, uma proposta do que se deseja ser a médio e longo prazo e, ainda, de como se espera ser conhecida.

Segue-se então a visão de futuro da Escola Bíblica IBCU.

Queremos ser um ministério que:

- Ofereça ensino bíblico, relevante, prático e contextualizado;
- Tenha uma altíssima adesão dos adultos da IBCU aos cursos oferecidos;
- Possua uma estrutura física ampla, agradável e adequada de tal forma que favoreça um ensino de qualidade;
- Promova oportunidade para que o não-cristão seja exposto ao evangelho;

- Desenvolva e disponibilize material próprio de ensino que sirva de apoio a outras lideranças e igrejas;
- Promova transformações em vidas através do ensino das Escrituras;
- Motive e capacite seus alunos para o estudo pessoal e prática da Palavra;
- Tenha uma equipe de professores capacitados espiritual, intelectual e didaticamente;
- Utilize Recursos didáticos adequados , suficientes e diversificados;
- Possua uma estrutura organizacional eficiente, sensível às necessidades pessoais de alunos e professores;
- Ensine toda a Palavra de Deus sistematicamente.

5.3.3 Valores

Os valores podem ser definidos como princípios que guiam a Escola Bíblica e tudo o que envolve a sua organização, professores, alunos e todos os que de alguma maneira estão envolvidos com este grande projeto.

Os valores da Escola Bíblica IBCU são:

- Zelo pela Palavra
- Excelência
- Relevância
- Foco em pessoas
- Compromisso

5.4 A prática da Escola Bíblica IBCU

A Escola Bíblica IBCU é realizada todos os domingos das 9h30min às 11h15min, com um intervalo de 15min, este tempo é exclusivo para o ensino. Os alunos chegam e dirigem-se para suas salas de aula. Atualmente há a participação de cerca de 700 alunos, entre estes estão os que participam regularmente e aqueles que aparecem de tempos em tempos.

No início de 2010 a Escola Bíblica IBCU passou a ter um pastor responsável por esta área, que até o momento estava sendo coordenada por voluntário. Além do pastor há uma equipe de voluntários que coordena todo o projeto além dos professores que estão envolvidos especificamente com o ensino.

5.4.1 Os cursos

Desde o seu início a Escola Bíblica IBCU tem funcionado com cursos que são oferecidos aos domingos, chamados de grupos de interesse, onde os alunos escolhem o assunto e participam. Os jovens possuem uma sala preparada para eles, mas os mesmos têm a liberdade para participar de qualquer outro assunto que o interesse, com o intuito de que este seja inserido neste “universo” adulto o quanto antes. Há um zelo para que o jovem tenha o espaço onde ele sinta-se a vontade para apresentar suas dúvidas, questionamentos ou mesmo contribuições para o assunto que estiver sendo tratado.

Regularmente são oferecidos 9 salas com assuntos diversos. Têm-se adotado os termos “módulos”, “áreas de ensino” e “assuntos”. Os módulos dizem respeito aos períodos que duram as aulas, há módulos com duração de 2 meses, e módulos com duração de 1 mês, a fim de contemplar os períodos de férias e suas peculiaridades. As áreas de ensino estão relacionadas com os temas macros que devem ser oferecidos em cada módulo, contemplando as áreas de doutrinas, apologética, família, vida cristã, exposição bíblica e cursos focados em treinamentos e capacitação dos membros para o serviço. Por fim, os assuntos são de fato cada tema a ser tratado em seus períodos de tempo, seja ele um livro da Bíblia, uma doutrina específica ou outro assunto dentro das áreas de ensino.

Além dos módulos, têm sido realizados alguns seminários ou séries especiais, através dos quais todos assistem ao mesmo tema, seja ele um assunto de 1 domingo ou até mesmo 4 domingos. Dependendo da proposta o grupo se reúne todo em um mesmo local, em uma grande plenária, ou são divididos em diversas salas, mesmo sendo um mesmo assunto a ser tratado, o que permite uma maior interação.

As definições de assuntos a serem estudados são feitas para o ano inteiro, geralmente entre os meses de outubro e novembro do ano que antecede. Para isto é levado em conta as áreas de ensino a serem contempladas, sugestões dos professores, algumas vezes sugestões dos próprios alunos, porém o principal é o que a liderança deste ministério identifica como necessário ser ensinado.

5.4.2 A comunicação

Este formato exige uma estrutura de comunicação bem organizada, pois é necessário informar regularmente sobre os assuntos a serem estudados, locais em que serão oferecidos, a fim de que os membros e frequentadores da igreja saibam exatamente o que está para acontecer e como participar. Toda a divulgação tem como objetivo não apenas informar, mas

também motivar a uma participação do que está sendo oferecido. Estas divulgações acontecem de formas variadas, envolvendo boletins, encartes, “flyers”, vídeos, avisos, entre outros recursos¹⁵.

5.4.3 A estrutura física

A estrutura física da IBCU oferece pelo menos 9 salas de aulas para jovens e adultos, equipadas com cadeiras, lousas, mesa para o professor, suporte para projetor, algumas destas com TV. Para cada sala há um projetor disponível e alguns caixas de som, caso sejam necessárias. Há 3 salas com capacidade para 60 pessoas, 3 salas para 30 pessoas, 2 sala para 40 pessoas, 1 sala com capacidade para 100 pessoas, além destas salas normalmente é usada a capela para oferecer um dos temas, o qual é transmitido online, através do site da IBCU. Por vezes depara-se com algumas limitações físicas ou espaços ainda não tão adequados para um ensino de qualidade, no que diz respeito a possibilidade de interação entre alunos e professor, alunos e alunos. Há também um espaço para a recepção, onde há informações sobre o que tem sido oferecido e pessoas disponíveis para orientar aos alunos ou dar algum suporte ao professor quando necessário.

5.4.4 Assuntos relacionados

Ao final de cada módulo é passada uma avaliação através da qual é possível ter alguns retornos dos alunos quanto ao que tem sido realizado. O objetivo destas avaliações é identificar os acertos e também as áreas em que pode haver melhorarias, seja na Escola Bíblica como ministério ou em cada professor individualmente, uma vez que a avaliação é feita por cursos. Uma vez passadas as avaliações, a equipe faz uma análise dos resultados e envia aos professores as informações para que os mesmos possam observar os comentários e possíveis áreas de desenvolvimento.¹⁶

Além da equipe pastoral há um grupo de 35 voluntários que é envolvida com o ensino das Escrituras na Escola Bíblica. Ao definir a proposta de ensino para o ano, é desejável que todos estes estejam envolvidos com o ensino em pelo menos um dos módulos, seja como responsável ou como auxiliar de um dos professores. Pelo menos uma vez por ano é realizado um treinamento direcionado aos professores que já estão envolvidos ou àqueles que gostariam de envolver-se com este ministério.

¹⁵ Veja alguns modelos no anexo 3.

¹⁶ Veja anexo 4 com o modelo de avaliação.

Todo o material de ensino é produzido pelos próprios professores e alguns deles ficam disponíveis no site da IBCU para que os alunos, ou qualquer que quiser, tenham acesso¹⁷.

¹⁷ É possível encontrar o material de Escola Bíblica da IBCU no site: www.ibcu.org.br

6 - ESTUDO DE CAMPO

Para que fosse realizado um estudo de campo que agregasse valor a este trabalho e de fato contribuísse para uma boa análise e desenvolvimento de novas propostas para a Escola Bíblica IBCU, consideramos dois tipos de estudos a serem feitos. O primeiro consiste de uma avaliação detalhada do que tem sido oferecido atualmente em termos de Escola Bíblica e tudo o que envolve a proposta de ensino, conteúdo, professores, estrutura física, além de outras contribuições que os próprios membros e frequentadores puderam oferecer através de suas observações. Um segundo estudo de campo foi direcionado a algumas igrejas evangélicas de Campinas e regiões próximas, consideradas grandes, com mais de 500 membros, que possuem ou não uma estrutura de Escola Bíblica convencional, com o intuito de identificar o que tem sido realizado em termos de proposta para o ensino bíblico e possíveis razões para tais práticas.

6.1 Pesquisa realizada entre os membros e frequentadores da IBCU sobre a realidade da Escola Bíblica de adultos na IBCU

A pesquisa entre os membros e frequentadores da IBCU foi realizada entre os meses de setembro e novembro de 2011. Para que fosse realizada, a pesquisa foi enviada para todos os membros e frequentadores por e-mail e ficou disponível no site da IBCU para que todos que quisessem tivessem acesso. Durante este período pelo menos 213 pessoas acessaram a pesquisa e nos enviaram suas respostas, podendo estas identificar-se ou manter-se no anonimato. O objetivo desta pesquisa é fazer uma análise qualitativa do que tem sido realizado pela IBCU em termos de Escola Bíblica e prática do ensino bíblico na mesma. Para isso há informações que nos revelarão um pouco do perfil daqueles que participam ou não da nossa Escola Bíblica, uma avaliação do que tem sido realizado e ainda algumas expectativas destes no que diz respeito ao que pode ser feito para melhorar na qualidade do que está sendo realizado.

6.1.1 O perfil

Algumas das questões apresentadas na pesquisa têm como intuito traçar um pouco do perfil daqueles que estão na IBCU e participam da Escola Bíblica ou por uma ou outra razão ainda não estão participando.

Ao observar os resultados obtidos é possível perceber que a grande maioria dos que responderam a pesquisa realizada é membro da IBCU, chegando a um total de 91%.

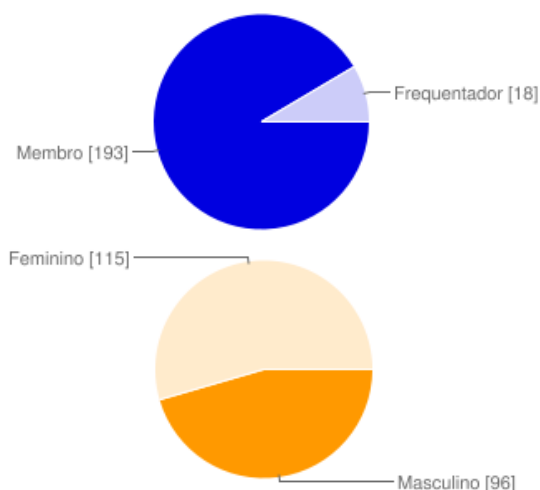
Houve uma participação bem equilibrada de adultos entre homens e mulheres, dos quais 15% possuem entre 26 e 35 anos, entre os que possuem menos que 25 anos ou mais que 60 anos está bem dividido, e nitidamente o grupo mais expressivo possui entre 36 e 60, chegando a um total de 69%. É possível perceber também que destes adultos pelo menos 83% são casados e possuem filhos em diversas faixas etárias, que certamente participam do que é oferecido em termos de proposta de ensino para eles. Um ponto de destaque que não foi considerado nesta pesquisa especificamente é que cerca de 80% dos jovens e adultos da IBCU possuem nível superior completo ou estão fazendo suas graduações.

Relação com a IBCU

Membro	193	91%
Frequentedor	18	9%

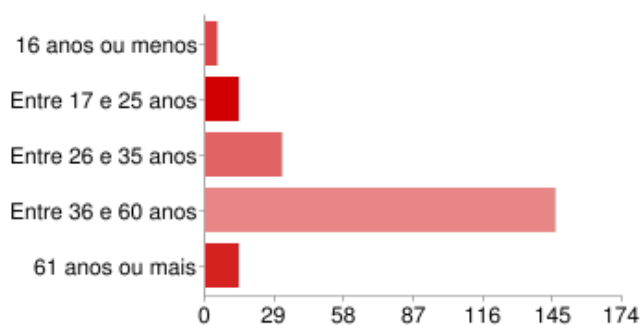
Sexo

Masculino	96	45%
Feminino	115	55%



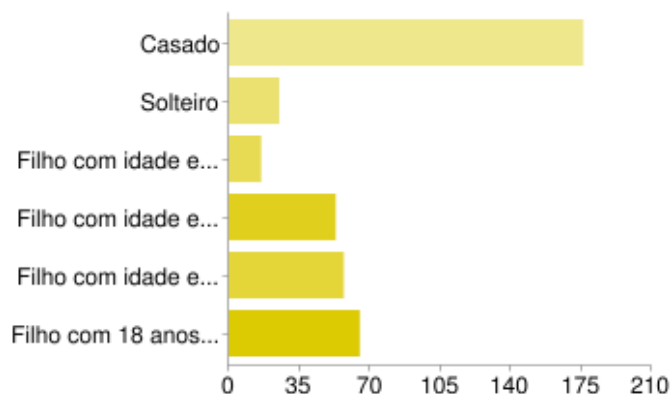
Faixa etária

16 anos ou menos		2%
Entre 17 e 25 anos	14	7%
Entre 26 e 35 anos	32	15%
Entre 36 e 60 anos	146	69%
61 anos ou mais	14	7%



Família – pode marcar mais que uma opção

Casado	176	83%
Solteiro	25	12%
Filho com idade entre 0 e 3 anos	16	8%
Filho com idade entre 4 e 10 anos	53	25%
Filho com idade entre 11 e 17 anos	57	27%
Filho com 18 anos ou mais	65	31%



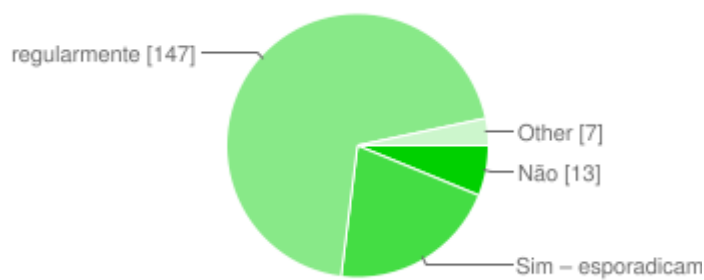
6.1.2 A frequência

Você participa da Escola Bíblica?

De todos os que responderam a pesquisa realizada, somente 6% afirmou não participar da Escola Bíblica. E ciente que um número bem maior que este de fato não tem participado do que é oferecido. Este fator indica que possivelmente uma pequena quantidade dos que não participam respondeu ao questionário proposto. Ainda assim, a participação dos membros e frequentadores da IBCU no programa de Escola Bíblica é bem expressivo e seguramente há muitos a serem alcançados.

Alguns responderam que participam regularmente, porém via internet e pelo um afirmou que participa regularmente somente quando o assunto de fato lhe interessa.

Não	13	6%
Sim – esporadicamente	44	21%
Sim – regularmente	147	70%
Other	7	3%



Se respondeu “não” – assinale o porquê - pode marcar mais que uma opção

Além de identificar os que participam ou não da Escola Bíblica, a pesquisa teve como objetivo detectar possíveis razões para uma não participação. Vários fatores foram apresentados como alternativas, considerando que alguns trabalham no dia e horário em que o programa é oferecido, compromissos familiares, comodidade entre outras questões que poderiam ser consideradas, deixando aberto para que o mesmo pudesse acrescentar outras justificativas.

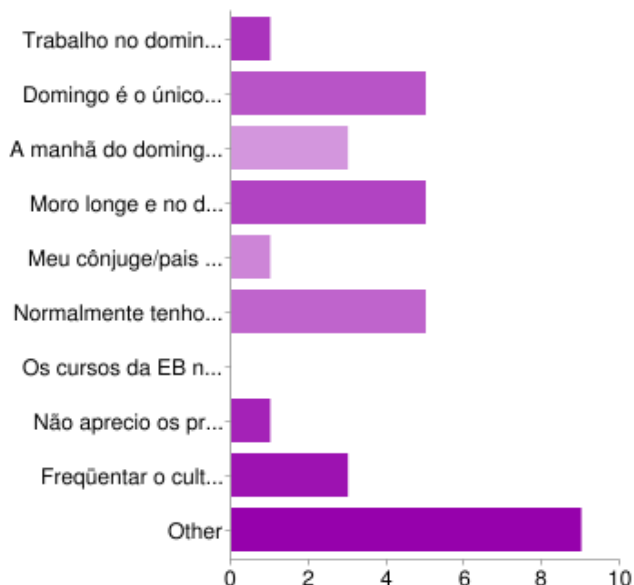
Das respostas apresentadas, três tiveram mais destaque, cada uma com 24% das pessoas assinalando tais quesitos. Há um grupo de pessoas que justifica sua ausência no fato de domingo ser o único dia possível para se dormir um pouco mais. A segunda razão mais votada está relacionada ao fato de alguns morarem distantes da igreja, o que envolveria um tempo de deslocamento maior além da questão financeira, porém este grupo participa dos cultos. Por fim com mesma quantidade de votos, alguns argumentam que normalmente

possuem compromissos com familiares que não frequentam a IBCU, inviabilizando assim sua participação aos domingos pela manhã.

Em porções menores, mas há também aqueles que justificam sua ausência revelando que de fato Escola Bíblica não faz parte de suas prioridades, uma vez que um tempo de lazer é muito mais importante ou mesmo o fato de participarem de algumas outras atividade propostas pela igreja consideram-se bem supridos.

É importante destacar que uma mesma pessoa marcou mais que uma opção como justificativa para sua ausência. Além das respostas sugeridas, foi apresentado por outros o de estarem morando em outra cidade limita a participação.

Trabalho no domingo pela manhã	1	5%
Domingo é o único dia em que posso dormir até mais tarde	5	24%
A manhã do domingo é para atividades de lazer pessoal ou com a família	3	14%
Moro longe e no domingo, optei por frequentar apenas os cultos à noite	5	24%
Meu cônjuge/pais cria dificuldades para que eu vá à IBCU de manhã e também à noite	1	5%
Normalmente tenho compromissos com familiares que não frequentam a IBCU	5	24%
Os cursos da EB não são relevantes para minha vida	0	0%
Não aprecio os professores ou a metodologia dos cursos da EB	1	5%
Frequentar o culto e a koinonia têm sido suficientes para mim	3	14%
Other	9	43%



Se respondeu “sim” – assinale o porquê - pode marcar mais que uma opção

Além do interesse em identificar razões para uma possível não participação, esta pesquisa teve como objetivo levantar as motivações daqueles que têm participado dos cursos oferecidos dominicalmente. Vale lembrar que as pessoas puderam marcar mais que uma opção.

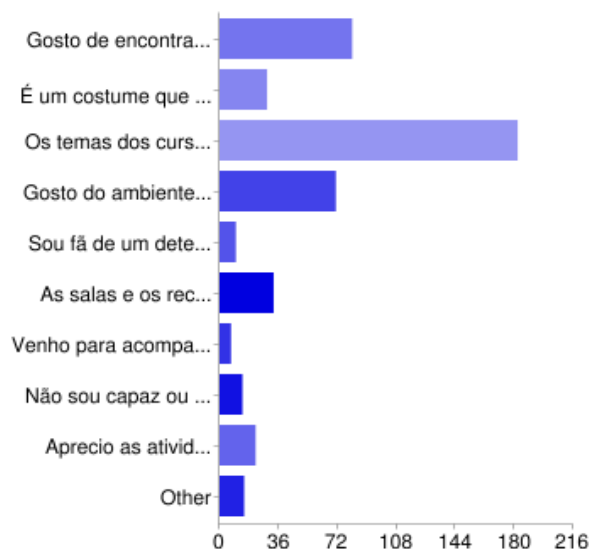
De todos os que votaram, 94% marcaram que uma das principais razões de sua participação está ligada ao fato de considerarem os temas que são oferecidos relevantes como

proposta de ensino e o quanto os mesmos contribuem para o fortalecimento de sua fé. O fato de encontrar com amigos e irmãos também teve uma quantidade de votos expressiva, pelo menos 42% dos que votaram. Um indicador de que mesmo em um momento no qual a prioridade é o ensino, as oportunidades para relacionamentos devem ser contemplados. Um terceiro ponto de destaque é o fator ambiente proporcionado em sala de aula, que teve 37% das pessoas marcando este quesito como fator que influencia sua participação no que tem sido oferecido.

Dentre as opções menos votadas, ficaram a participação com intuito apenas de acompanhar alguém, ou mesmo somente por levar os filhos para a Escola Bíblica Infantil. Mesmo o fato da tradição, participar pelo costume, foi pouco assinalada.

Tudo isto nos revela um grupo expressivo da igreja que tem participado porque sabem o que querem e precisam. Um grupo que não está preso às tradições e valoriza o ensino bíblico de qualidade, que de fato contribua para o seu crescimento. Um grupo que também preza pelos relacionamentos e o ambiente que é criado em sala de aula, apontando para o importante papel que cada professor tem, de ir além de ser um comunicador da Palavra de Deus.

Gosto de encontrar com os amigos e irmãos	81	42%
É um costume que tenho desde criança do qual não abro mão	29	15%
Os temas dos cursos são relevantes e tem fortalecido minha fé	182	94%
Gosto do ambiente proporcionado em sala de aula	71	37%
Sou fã de um determinado professor e não perco nenhum de seus cursos	10	5%
As salas e os recursos didáticos me motivam	33	17%
Venho para acompanhar a(o) esposa(o), namorada(o), etc.	7	4%
Não sou capaz ou não tenho tempo de estudar a Bíblia sozinho	14	7%
Aprecio as atividades da Escola Bíblica Infantil, trago meu(s) filho(s) e acabo ficando em um dos cursos também	22	11%
Other	15	8%



6.1.3 Os cursos

Uma vez que a proposta de Escola Bíblica da IBCU envolve vários temas acontecendo simultaneamente, com ênfases bem distintas, foram feitas algumas perguntas que nos auxiliarão a fazer uma leitura de como os seus alunos escolhem o assunto a ser estudado, quais as áreas de ensino eles consideram mais importantes além de colhermos a visão dos alunos acerca dos elementos que têm maior valor em uma aula, conforme suas perspectivas.

APRECIAÇÃO PELOS ASSUNTOS

Que tipo de assunto você aprecia mais - enumere em ordem de prioridade 1 – aprecia menos ao 5 – aprecia mais

Abaixo segue um quadro resumo dos resultados desta questão. As porcentagens são em cima da quantidade total de pessoas que participaram desta pesquisa e que marcaram que participam da Escola Bíblica.

Caso queira ver gráficos detalhados com quantidades exatas de pessoas que votam em cada tópico, veja o Anexo 5.

Quadro resumo

Assuntos\Notas	1	2	3	4	5
Livros bíblicos	3%	7%	12%	27%	45%
Atualidades	4%	4%	14%	27%	45%
Doutrinas e apologética	8%	6%	21%	29%	24%
Vida cristã/devocionais	4%	7%	17%	29%	36%
Família	7%	6%	13%	27%	39%

Ao considerarmos as áreas de ensino que têm sido contempladas na Escola Bíblica IBCU, com exceção da área que envolve treinamentos ministeriais que não foi contemplada, podemos perceber que a apreciação maior dos alunos está entre o ensino que envolve exposição bíblica, trabalhando alguns livros da Bíblia e os cursos que abordam temas da atualidade à luz das Escrituras. Interessante observar que ambas tiveram a mesma quantidade de pessoas colocando nota 5 ou 4 para estas questões.

Os assuntos na área de família também são muito bem apreciados, 39% dos que votaram deram a nota máxima em termos de apreciação, bem próximo das duas áreas consideradas mais apreciadas.

Vale observar que nenhuma das áreas é considerada como desnecessária, pois todas tiveram pessoas sinalizando o seu valor e apreciação pelos cursos que envolvem tais áreas. A que recebeu menos votos foi a área de doutrinas, porém sabe-se o valor dos assuntos relacionados ao preparo do rebanho para que tenha uma doutrina bíblica, mesmo que não sejam os mais atraentes aos olhos seus olhos.

ELEMENTOS IMPORTANTES

Dê notas de 1-5 para o nível de importância que tem para você cada um dos quesitos abaixo - 1 – nível mais baixo a 5 – nível mais alto

Caso queira ver gráficos detalhados com quantidades exatas de pessoas que votam em cada tópico, veja o Anexo 6.

Quadro resumo

Quesito\Nota	1	2	3	4	5
Conteúdo	0%	0%	0%	15%	82%
Aplicações práticas	0%	2%	10%	30%	53%
Didática	0%	0%	13%	42%	41%
Material/apostilas	5%	6%	23%	36%	27%
Espaço físico	2%	7%	25%	38%	25%

Sem sombra de dúvidas para os alunos da Escola Bíblica IBCU o mais importante é o conteúdo que tem sido apresentado em sala de aula, com um percentual de 82% de votos na pontuação máxima e os demais sinalizaram apenas um nível abaixo.

Os quesitos que envolvem a didática e aplicações práticas também tiveram um percentual de votos bastante expressivo, revelando que apesar de se um grupo que considera o conteúdo mais importante, os mesmos têm a expectativa de ver a praticidade do que tem sido ensinado e que o mesmo seja transmitido de maneira criativa, contextualizada de tal forma que contribuam para um melhor aprendizado e prática da Palavra.

No que diz respeito ao espaço físico e apostilas ou outros materiais didáticos, não são considerados de grande importância pelos alunos, mas é possível notar que não são de todo desprezadas, pois o percentual de votos que tiveram sinaliza o valor que os mesmos dão para estas questões. Estes quesitos apenas não são considerados a prioridade.

Neste ponto é possível perceber que os alunos são interessados em cursos que tenham um bom conteúdo, que revelem o seu valor para o dia a dia, ou seja, que sejam

aplicáveis e não apenas teóricos e que os seus professores usem dos mais variados recursos para tornar suas aulas didaticamente atrativas. Estes alunos estão dispostos a abrir mão de um espaço aconchegante ou confortável em prol de uma boa aula.

A ESCOLHA

Como você escolhe que curso fazer? – enumere em ordem de prioridade

1 - menos importante ao 5 - mais importante

Caso queira ver gráficos detalhados com quantidades exatas de pessoas que votam em cada tópico, veja o Anexo 7.

Quadro resumo

Quesitos \ Notas	1	2	3	4	5
Professor	10%	7%	19%	35%	18%
assunto/tema	4%	1%	0%	7%	82%
Sala	47%	14%	13%	5%	5%
Indicação	15%	21%	31%	15%	2%
grupo de amigos	51%	18%	8%	4%	1%

As escolhas dos cursos a serem feitos pelos alunos em cada módulo são direcionadas pelos assuntos oferecidos, conforme é possível notar pela quantidade de pessoas que deram nota máxima para assunto/tema. Há alguns alunos, 9 dos que votaram, que consideram o assunto a ser estudo como o de menor valor em suas considerações para decidir que curso fazer.

O segundo fator que mais é considerado para que suas escolhas sejam feitas é o fator professor, quem dará a aula. Certamente consideram se é um professor que conhece bem a Palavra, sua habilidade no ensino bem como sua capacidade de aplicar os conteúdos, conforme já sinalizado em outros pontos.

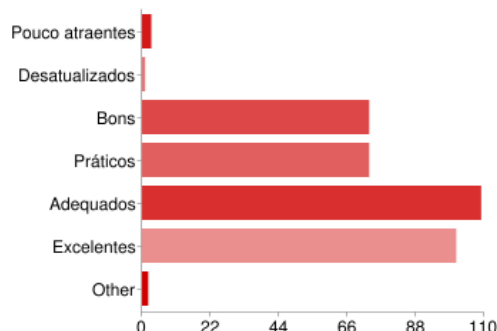
Dentre os fatores que menos influenciam em suas decisões quanto ao curso a ser feito, ficaram a questão do local em que o mesmo será oferecido e o fato de pessoas próximas participarem ou não do mesmo curso.

6.1.4 Avaliação da prática

Neste ponto da pesquisa o intuito foi o de colher dos alunos suas impressões sobre a qualidade do que tem sido oferecido em vários aspectos, tais como os assuntos oferecidos, os professores envolvidos, os espaços utilizados, entre outros aspectos.

Como você avalia os temas/assuntos estudados - pode marcar mais que uma opção

Pouco atraentes	3	1%
Desatualizados	1	0%
Bons	73	36%
Práticos	73	36%
Adequados	109	53%
Excelentes	101	50%
Other	2	1%



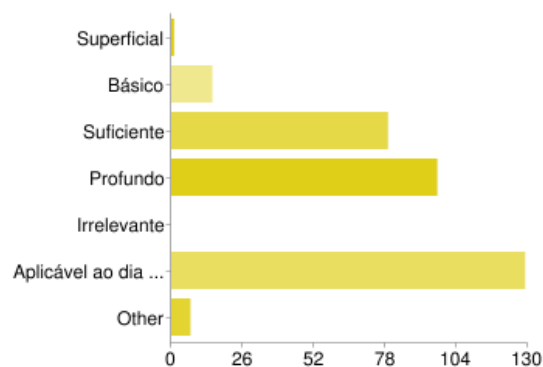
Na perspectiva daqueles que têm participado dos cursos, as propostas apresentadas em cada módulo têm sido excelentes e adequados, ou seja, tem atendido às necessidades bem com algumas das expectativas dos alunos.

Certamente há assuntos que são muito mais atraentes que outros, dependendo da situação que o próprio aluno estiver passando, a necessidade surge e o interesse por determinados assuntos podem ser despertados.

Pelo menos um dos alunos considera os assuntos desatualizados.

Como você avalia o conteúdo do que tem sido ensinado - pode marcar mais que uma opção

Superficial	1	1%
Básico	15	8%
Suficiente	79	40%
Profundo	97	49%
Irrelevante	0	0%
Aplicável ao dia a dia	129	65%
Other	7	4%



No quesito conteúdo que tem sido oferecido em sala de aula, a avaliação dos alunos foi bem positiva. Pelo menos 65% dos que votaram consideraram que os assuntos têm sido

aplicáveis ao dia a dia, revelando que parte de suas expectativas, sinalizadas em outro ponto desta pesquisa, tem sido atendida.

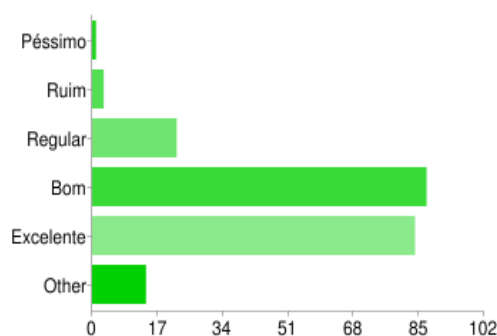
Grupos expressivos também revelaram que o ensino tem sido de profundo, 49%, a suficiente, 40%.

Não houve quem considerasse os assuntos irrelevantes. Pelo menos um deles considera superficial e 8% considera que os conteúdos têm sido básico.

Uma observação feita em um dos comentários é que para esta avaliação depende muito do assunto e professor que está envolvido.

Como você avalia o dia e horário da Escola Bíblica

Péssimo	1	0%
Ruim	3	1%
Regular	22	10%
Bom	87	41%
Excelente	84	40%
Other	14	7%



Apesar da proposta de Escola Bíblica da IBCU não ser dentro dos moldes tradicionais, o dia e seu horário de funcionamento ainda pode ser considerado conservador, todos os domingos das 9h30 às 11h15. É interessante perceber que mesmo em uma cidade metropolitana como Campinas, a grande maioria considera o horário bom, 41%, ou excelente, 40%.

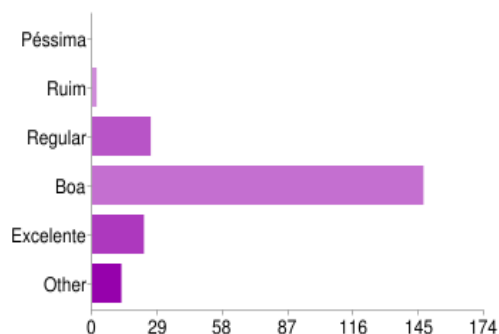
Há poucos, mas, para alguns o dia e horário é considerado ruim e pelo menos 10% considera regular.

Dentre as outras possibilidades ou comentários apresentados temos:

- O dia é bom, porém o horário é ruim;
- Poderia começar um pouco mais tarde;
- se fossem durante a noite em dias de semana, poderia ser melhor;
- acredito que nós estamos aqui para nos adequar a igreja e não a igreja se adequar a nós.

Como você avalia nossas salas de aula

Péssima	0	0%
Ruim	2	1%
Regular	26	12%
Boa	147	70%
Excelente	23	11%
Other	13	6%

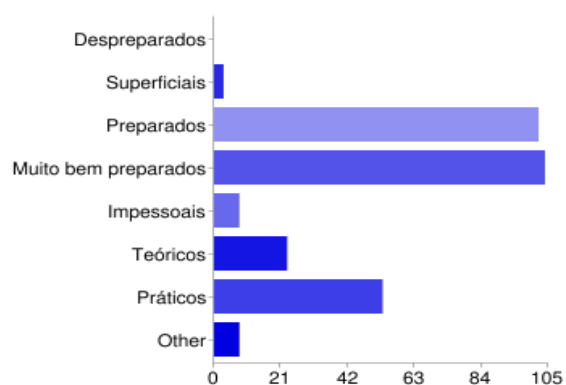


Apesar das salas de aula terem suas limitações, foram consideradas boas por pelo menos 70% das pessoas. Um grupo bem menor considera os espaços excelentes.

Uma observação apresentada é que esta avaliação também depende da sala, uma vez que há salas de tamanhos diferentes, algumas sofrem mais que outras a interferência de barulhos externos, além da climatização também ser diferente, pois há salas com ar condicionado, outras com ventiladores, salas que pela própria estrutura são mais quentes.

Como você avalia os nossos professores - pode marcar mais que uma opção

Despreparados	0	0%
Superficiais	3	1%
Preparados	102	50%
Muito bem preparados	104	51%
Impessoais	8	4%
Teóricos	23	11%
Práticos	53	26%
Other	8	4%



Ao avaliar os professores, uma equipe de 42 incluindo os pastores, os alunos demonstraram grande apreciação pelos mesmos, considerando-os entre muito bem preparados, 51% das pessoas, e preparados, 50% das pessoas. Um dos alunos fez a observação de que são todos bons, porém, alguns melhores que outros para passar informações e motivar os alunos no seu caminhar com Deus.

Pode-se afirmar que é uma igreja privilegiada com uma equipe de voluntários tão capazes e comprometidos com o ensino. Com certeza há pessoas em treinamento, professores que não usam dos melhores recursos didáticos, outros que são grandes mestres, porém, fracos na questão relacional. Estas diferenças existem e devem ser trabalhadas com o intuito de ter

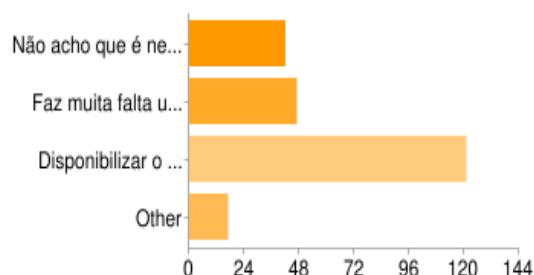
cada vez mais, professores que amem ao Senhor acima de todas as coisas, que sejam aplicados no estudo da Palavra, praticantes da mesma, que possuam uma didática que proporcione uma melhor transmissão dos conteúdos e aplicações dos mesmos e sensíveis às necessidades dos seus alunos.

6.1.5 Questões gerais

APOSTILAS

Com relação a disponibilização de material para o aluno, qual a sua opinião? - pode marcar mais que uma opção

Não acho que é necessário. Dá para aproveitar bem os cursos, mesmo que não haja material disponível para o aluno	42	22%
Faz muita falta uma apostila impressa para o aluno em sala de aula	47	24%
Disponibilizar o material na internet está funcionando bem	121	63%
Other	17	9%



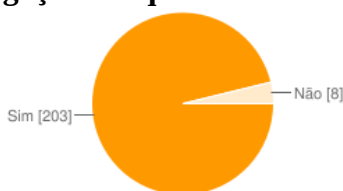
Ter material impresso em sala de aula não tem sido uma prática frequente na Escola Bíblica IBCU. O material que é produzido é disponibilizado em formato digital no site da própria igreja, cabendo aos alunos providenciar a impressão ou encomendá-la na secretaria da igreja. Nem sempre este material fica pronto e disponível no site antes da aula ser ministrada, o que torna ainda menos provável que o aluno tenha em mãos um material para seguir, salvo exceções.

Diante deste quadro, 63% das pessoas manifestaram que esta tem sido uma prática que atende bem as necessidades e pelo menos 24% das pessoas manifestaram que sentem falta de um material que sirva de apoio ou orientação para ser usado em sala de aula.

COMUNICAÇÃO

Você tem tido acesso a algum tipo de divulgação do que tem sido oferecido na Escola Bíblica?

Sim	203	96%
Não	8	4%



Assinale quais são:

E-mail	93	46%
Boletim	161	79%
Facebook IBCU	39	19%
Flyers	13	6%
Site IBCU	108	53%
Momentos de avisos os cultos	139	68%
Mural nas entradas da capela	61	30%
Other	3	1%



A cada dois meses, pelo menos, novos cursos são oferecidos, mudam-se os professores, os alunos escolhem outras salas. Uma dinâmica como esta exige uma comunicação que seja suficiente para alcançar o seu público alvo e capaz de orientar quanto ao que está para acontecer.

Vários meios de comunicação são usados pela Escola Bíblica IBCU, diante do que tem sido realizado, 96% das pessoas responderam que têm tido acesso a algum tipo de material de divulgação do que tem sido realizado.

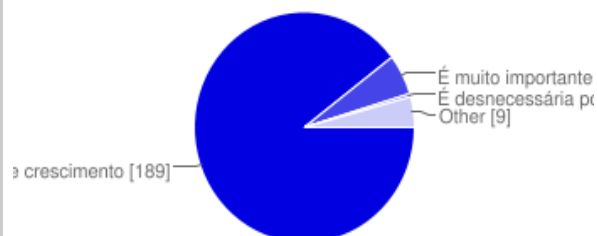
Dentre os meios de comunicação usados, os que têm tido maior alcance são os boletins regulares da igreja, com 79% das pessoas tendo acesso, nestes boletins há informações permanentes sobre a Escola Bíblica e de tempos em tempos coloca-se encartes com informações sobre os novos cursos. Os momentos de avisos nos cultos têm atingido pelo menos 68% das pessoas.

O uso do site da igreja e o envio de e-mail também têm sido ferramentas com bom alcance, já o uso de “*flyers*” como ferramenta de divulgação tem sido pouco eficiente alcançando somente 6% das pessoas.

VALOR DA ESCOLA BÍBLICA

Assinale a alternativa que reflete melhor a maneira como você considera a Escola Bíblica

É muito importante para o meu aprendizado e crescimento	189	90%
É muito importante, mas diante das várias oportunidades de aprendizado fica difícil participar, pois já estou envolvido com outros (culto, discipulado, koinonia...)	12	6%
É desnecessária, pois há várias outras oportunidades de aprendizado que são oferecidas pela igreja	1	0%
Other	9	4%



Ao considerar o valor da Escola Bíblica para suas vidas, 90 % das pessoas expressaram que é muito importante para o seu aprendizado e crescimento. Um dado como este nos faz perceber que para um grupo tão expressivo quanto este a Escola Bíblica não é vista apenas como um passatempo ou um fardo a ser sustentado em função de um tradicionalismo sem fundamento. A Escola Bíblica IBCU tem sido vista com um ministério que tem um papel importante para o desenvolvimento e amadurecimento da igreja, de um modo especial daqueles que têm participado da mesma.

Algo que se reflete neste ponto da pesquisa é o fato de que para alguns, a Escola Bíblica tem sido encarada como mais opção para que o aprendizado aconteça, dentre as várias oferecidas pelas igrejas. O que não foi possível medir é o quanto, destes 6% tem realmente participado destas outras oportunidades, nem tampouco o quanto estes têm crescido se comparados aos que estão participando da Escola Bíblica. Fica algo a ser considerado em futuras pesquisas e análises feitas pela IBCU.

FORÇAS E FRAQUEZAS

Com o intuito de levantar outras considerações que pudessem ser de valor para um melhor desenvolvimento do trabalho com Escola Bíblica na IBCU, foram feitas duas perguntas mais abertas, para que os pesquisados pudessem expressar suas opiniões além do que foi colocado para que os mesmos respondessem mais diretamente.

Cada pessoa que respondeu a pesquisa teve liberdade de escrever e fazer suas considerações, o que nos deu um bom retorno, porém, seria muito extenso colocar todas as

informações aqui. Algumas se repetem, outras aparecem mais que uma vez citadas por pessoas diferentes. Apresentaremos aqui um breve resumo dos resultados obtidos..

Quais são as principais limitações da nossa Escola Bíblica?

- O fator mais mencionado foi está relacionado ao espaço físico. Dentre as considerações feitas estão: algumas salas limitadas quanto a disposição das cadeiras em relação ao professor e a porta de entrada, algumas muito quentes no verão e outras com muito barulho externo.
- Muitos expressaram que uma das principais limitações está em adequar o conteúdo ao tempo disponível para que o módulo seja concluído de maneira que atenda ao que foi proposto e apresentado aos alunos.
- Os cursos de julho, módulos de 4 aulas, são meio problemáticos. Muitas vezes são colocados cursos que precisariam de mais tempo para desenvolver a proposta, levando, involuntariamente, a algo um pouco mais superficial em detrimento do tempo disponível.
- Quando é oferecido mais de um curso interessante e temos que optar por apenas um.
- Há uma falta de regularidade por parte de alguns alunos.
- Não aprecio quando o professor acelera para cumprir o conteúdo da apostila, prefiro que se aprofunde.
- Falta lição de casa para os alunos.
- Falta um currículo específico por nível de conhecimento dos alunos.
- Não existe acompanhamento " professor x aluno ", uma vez que são temas livres, com escolhas livres, sem compromissos de continuidade da classe.
- Acho que deveria haver um tempo para debates.
- Falta de gravar todas as aulas de todas as salas, para que possamos ter a oportunidade de assistir as demais aulas do nosso interesse que foram impossibilitadas por ocorrer concomitantemente.
- Falta para alguns professores dinâmica de sala de aula.
- Para mim a única limitação é não ter todos os cursos disponíveis na internet.
- Não dispor de material impresso para acompanharmos o estudo e com exercícios em grupo. O exercício em grupo aproxima os irmãos.
- Disponibilização de material pela Internet antecipadamente.

- Eu, particularmente, acharia interessante haver certa conectividade entre os assuntos das classes. Eu sei que estudar a Bíblia é a maior conexão, porém falta conectividade entre os assuntos.
- Muitas vezes já escutei pessoas novas se desinteressando em vir na EB por causa do alto nível dos cursos oferecidos (não conseguem acompanhar). Acho que seria muito interessante criar um curso permanente para novos cristãos. Esse curso teria como base temas mais simples (discipulado) e seria ensinado com uma linguagem mais "leve" para que o novo cristão criasse interesse no aprendizado mais profundo. O aluno desta sala poderia ficar no máximo um ano, depois teria que participar de outros cursos.
- Talvez pensar em escola bíblica virtual.
- O prolongado tempo que um curso bem aceito leva para entrar novamente no currículo.
- Não é propriamente uma limitação, mas deveríamos começar as aulas no horário. Normalmente começam "pra valer" com 5 a 10 min de atraso, e também acabam 5 a 10 min. Atrasados. Várias vezes perco o final da aula, pois tenho que pegar meus filhos na classe deles. Então quem chega no horário acaba sendo prejudicado, em favor daqueles que chegam atrasados. E em muitos casos também em função do professor não chegar com a antecedência necessária para fazer os ajustes de computadores com projetor, ou qualquer outro detalhes.
- Às vezes apostila é disponibilizada com atraso. Diria que as limitações são pequenas diante do que tem sido oferecido. Talvez as maiores limitações sejam das pessoas que não conseguem usufruir de tantos recursos disponíveis.
- Para certos cursos, sinto a necessidade que fosse com mais tempo de curso até em dia diferente do domingo. Mas, é claro que isso depende da disponibilidade do(a) professor(a), e do comprometimento com o comparecimento dos alunos.
- Falta de envolvimento entre os alunos.

Quais são os principais pontos fortes da nossa Escola Bíblica?

- Conteúdo prático e com sólida base na Bíblia.
- Professores interessados em oferecer o melhor em termos de conteúdo, atualidade e aplicabilidade no dia a dia da caminhada cristã. Professores preparados.

- Comprometimento e preparo dos professores, organização, o relacionamento com os irmãos é possibilitado pelos grupos menores.
- Percebo que os professores estão dispostos a estudar e passar o conhecimento de maneira adequada e sempre de acordo com a Palavra de Deus.
- Estrutura administrativa.
- Profundidade com que os temas são tratados, a seriedade e atratividade dos mesmos.
- Variedade de temas escolhidos - sempre há algo interessante e atrativo - o problema passa a ser qual aula assistir (este é um bom problema).
- Uma busca constante em melhorar.
- Bom nível teológico de vários alunos que enriquecem o conteúdo das aulas.
- A fidelidade com as escrituras.
- Boa infraestrutura.
- O evidente amor e compromisso com a Bíblia como Palavra de Deus, regra de conduta e fé.
- A Preparação dos professores e do conteúdo.
- Compromisso da liderança em ensinar a palavra de Deus.
- O conteúdo de cada curso, e a aplicação ao dia a dia.
- Professores com conteúdo e firmes na fé.
- O ensino intensivo da palavra por professores didáticos e qualificados para fazê-lo.
- Ensino focado na Palavra.
- Organização da Escola Bíblica.
- Oportunidade de comunhão.
- Material disponível na Internet de várias formas: apostilas, áudio, vídeo, etc.
- Bem Estruturada
- Professores comprometidos com Deus, que amam a palavra.
- Horário.
- Liberdade de Escolha
- Estrutura e currículo infantil (para nossos filhos) - é o que mais me motiva a participar, pois além de eu estar numa sala aprendendo, sei que meu filho também estará aprendendo sobre a bíblia e Deus e não apenas passando o tempo ou brincando.
- O nível dos cursos para as pessoas já experimentadas na fé e o preparo de nossos professores.

- Possibilidade de assistir pela Internet.
- Possibilidade de uso de recursos audiovisuais, que são bem explorados por alguns professores.
- Incentivo a crescer e obedecer a Palavra de Deus.
- Tempo suficiente (sem exagero nem falta).
- Incentivo e exercício a pensar biblicamente sobre nós mesmos e a realidade à nossa volta.
- Oportunidade de convidar parentes ou amigos não cristãos.
- A abrangência do tema e a sua correlação com a aplicação prática no dia a dia.
- Tenho a oportunidade do crescimento na palavra e fortalecimento de minha fé.

6.2 Pesquisa realizada sobre a realidade das Escolas Bíblicas de adultos de igrejas com mais de 500 membros na cidade de Campinas e cidades próximas no Estado de São Paulo.

Em uma segunda etapa deste trabalho, identificamos algumas igrejas com mais de 500 membros na cidade de Campinas e também em algumas cidades próximas, dentro do estado de São Paulo, a fim de conhecer suas práticas no que diz respeito à Escola Bíblica. A pesquisa foi realizada com coordenadores ou pastores de algumas igrejas evangélicas, não se pretendendo a apenas uma denominação, o que enriqueceu ainda mais este trabalho.

Foi feito contato com pelo menos 13 igrejas que estão dentro do perfil proposto, das quais, 7 nos deram um retorno acerca do que tem sido realizado. São elas:

Igreja A – Igreja Batista Casa de Deus – Campinas/SP

Igreja B – Igreja Batista do Morumbi/SP

Igreja C – Igreja: Primeira Igreja Batista de Campinas - Campinas/SP

Igreja D – Igreja Batista Central de Campinas – Campinas/SP

Igreja E – Primeira Igreja Batista de Atibaia – Atibaia/SP

Igreja F – Primeira Igreja do Nazareno Central de Campinas – Campinas/SP

Igreja G – Presbiteriana Chácara Primavera – Campinas/SP

Igreja A

1. Informações sobre a igreja

Respondido pelo Pr. Rogério Ferreira da Silva, responsável pela Escola Bíblica.

- a. Igreja: Igreja Batista Casa de Deus – Campinas/SP
- b. Pastor: Presidente Pr. Jorge Navac
- c. Quantos membros tem a igreja? 2000
- d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos? 1400 a 1600 aproximadamente

2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...)

- Sim, temos Escola Bíblica aos sábados, todas as idades (Crianças inclusive). Há salas de crianças, divididas por faixa etária, classes mistas de jovens e classes mistas de adultos, com duração de 1 hora. Após a aula, encerramento com louvor de 30 minutos. Há um horário alternativo toda quinta às 20h (uma classe) para os que não podem vir aos sábados.

3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?

- Temos uma média de adultos por sábado de 400 a 500 aproximadamente, variando muito conforme final de semana. Temos matriculados por volta de 700 pessoas.

4. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

- Nós temos uma revista própria onde abordamos temas bíblicos. Assim é a maneira que foi decidida para ensinar e aplicar na vida dos membros.

5. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?

- Utilizamos este formato há muitos anos. A razão principal é poder atingir o maior número de pessoas. Para estudos específicos, periodicamente oferecemos cursos à parte da Escola Bíblica.

6. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?

- Mudança para classes mistas de jovens e adultos. O objetivo foi de aproximação e amizade maior entre as pessoas.

7. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- A questão do aprendizado em conjunto e aproximação e comunhão das pessoas.

8. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- A dificuldade de treinar novos professores, pois o trabalho é voluntário. Também conseguir atrair um maior percentual dos membros para participar. É difícil conseguir pessoas que tenham verdadeira paixão pelo ensino bíblico.

9. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.

- Sim, considero. O fortalecimento espiritual se dá pelo conhecimento da Palavra de Deus e podemos observar isto na questão da fidelidade financeira e do compromisso em se dedicar a algum trabalho na igreja. Praticamente o percentual que temos de alunos matriculados é o mesmo dos contribuintes fiéis e também do número de pessoas envolvidas em algum trabalho e compromisso com a igreja.

Igreja B

1. Informações sobre a igreja

Respondido por Suzana Fais da Silva, integrante da equipe de Formação Espiritual, responsável pelo ensino.

- a. Igreja: Igreja Batista do Morumbi – São Paulo/SP
- b. Pastor: Lisânias Moura
- c. Quantos membros tem a igreja? 3500
- d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos? 4500

2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...)

- Temos um currículo que visa atender desde os jovens até os adultos mais experientes. Neste currículo englobamos cursos básicos, intermediários e avançados. São diversos temas, mas nesse semestre trabalhamos com um único curso para todos os alunos, curso este que abordou temas relacionados à doutrina. Foram oito temas sobre Bíblia, Atributos de Deus, Trindade, cada pessoa da Trindade, Igreja Local e Igreja Universal, Escatologia. O título do curso foi Cabeça Feita com duração de agosto a dezembro. Disponibilizamos livro e DVD's com o conteúdo.
- As aulas acontecem com duas opções de horário: 9h ou 11h, para que aluno possa participar de um dos cultos da manhã. Usamos um prédio próximo a igreja, pois não espaço físico em nossa igreja. A divisão das salas é feita de acordo com a ordem de inscritos e não fazemos abertura ou encerramento. Temos um intervalo para o café.
- Temos também alguns cursos via EAD que consideramos como extensão da Escola Bíblica.

3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?

- No Cabeça Feita tivemos em torno de 160 inscritos e hoje, quase no término do curso, temos cerca de 50 pessoas que são assíduas.

4. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

- Temos uma equipe de trabalho que elaborou o currículo que usamos até junho de 2012. O Cabeça Feita foi elaborado pelo pastor responsável pelo núcleo visando o amadurecimento da igreja quanto a doutrinas básicas. No próximo semestre daremos continuidade com o curso Transformados pelo Antigo Testamento e na sequência o Novo Testamento. Cada um terá duração de um semestre.

5. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?

- No início da igreja a proposta é que o ensino bíblico acontecesse via pequenos grupos, mas com o aumento de membros sentiram a necessidade de ter algo com maior profundidade. Dessa forma, surgiram os curso do SAB – Seminários de

Aprofundamento Bíblico – com diversos temas como Panorama AT e NT, Trindade, Doutrinas Básicas, Aconselhamento Cristão, Geografia Bíblica etc.

6. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?

- Após um longo tempo com o SAB foi feito um programa para que tivéssemos apenas cursos online e os estudos nos Pequenos Grupos, portanto, houve um período de quatro anos sem os cursos.
- Em 2010, retomamos a área de ensino com uma nova matriz curricular apresentando três níveis de ensino, básico, intermediário e avançado, oferecendo, primeiramente, cursos do módulo básico e criando pré-requisitos para os próximos módulos. Iniciamos com as aulas no período da noite, durante o culto das 18h30, mas percebemos que a frequência seria maior pela manhã, portanto, foi quando surgiu a possibilidade de alugarmos algumas salas em um prédio próximo à igreja. Desde agosto, estamos com um novo modelo de currículo conforme citado acima.

7. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

Os pontos fortes são:

- Material contextualizado tanto na linguagem usada nos textos como na relação com o dia-a-dia do aluno, uma vez que, o ensino para adultos deve visar uma ligação com seu cotidiano e com seus questionamentos;
- Flexibilidade de horário, pois o aluno pode escolher entre 9h ou 11h e não deixar de participar dos cultos da igreja;
- Busca por professores que entendam a necessidade de trabalhar com uma nova proposta de ensino fundamentada na andragogia atual;
- Além de promover um ambiente onde a comunhão aconteça entre os alunos e professores por conta do elevado número de membros e frequentadores que temos em nossa igreja.

8. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

Pontos fracos:

- Falta de assiduidade dos alunos e, conseqüentemente, a falta comprometimento dos membros da igreja para com o estudo bíblico.
- Conseguir promover algo que alcance o coração de nossos membros em relação a participar do programa de ensino.

9. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.

- Com certeza considero vital, pois como é possível pensar em maturidade cristã sem um programa de ensino bíblico para as nossas igrejas?
- Penso que a Escola Bíblica pode ser reformulada para atender as necessidades atuais com aulas mais interativas e conteúdo que não deixe de ser bíblico, mas que vá ao encontro dos anseios do coração daqueles que nos cercam, ou seja, um ensino que vise transformação e norte para as nossas vidas.

Igreja C

1. Informações sobre a igreja

Respondido por Rubergil Violante Jr, coordenador da EBD.

- a. Igreja: Primeira Igreja Batista de Campinas – Campinas/SP
- b. Pastor: Jonatas Caldeira (interino)
- c. Quantos membros tem a igreja? 520
- d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos? Entre 250 a 300

2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...). Se não há Escola Bíblica, qual o motivo?

Sim, neste semestre realizamos diversas alterações no formato:

- Nome: Escola de Capacitação Ministerial (ECM)
- Programa curricular de 4 anos, e matérias eletivas diversas.
- Divisão de período letivo em semestres.
- Divisão em classes (jovens e adultos).

- Classes no domingo de manhã, entre 10h e 11h15. Entre 9h e 10h temos um pequeno culto com uma palestra.
- Foco na missão da Igreja.

3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?

- Neste semestre tivemos cerca de 250 pessoas na classe, 150 assíduas.

4. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

Montamos um currículo de 4 anos:

- 1º ano: Fundamentos (classes para adultos e jovens, separados)
- 2º ano: Panorama Bíblico (classes para adultos e jovens, separados)
- 3º ano: Capacitação (classes para adultos e jovens, separados)
- 4º ano: Aperfeiçoamento (classes para adultos e jovens juntos)

A partir do 4º ano ofereceremos a cada semestre uma matéria eletiva diversa, sobre temas bíblicos.

Atualmente estamos com toda a igreja estudando a classe de Fundamentos.

5. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?

- Este formato foi adotado no segundo semestre de 2012, para melhorar nossa escola e ajudar a igreja a cumprir sua missão de fazer discípulos e participar ativamente de células.

6. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?

- O novo formato foi a primeira grande mudança em mais de 10 anos.

7. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- Foco na missão, na aplicação prática do curso com o fim de ganhar discípulos.

8. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- Muitos ainda gostariam da EBD no formato antigo, mais cognitivo (acadêmico).

9. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.
- Sim, a Igreja precisa conhecer a Palavra de Deus para cumprir sua missão (Jo 8:32).

Igreja D

1. Informações sobre a igreja

Respondido pelo Pr. Abmael Dias Filho, responsável pela Educação Cristã e Ministério Jovem.

- a. Igreja: Primeira Igreja Batista de Atibaia – Atibaia/SP
 - b. Pastor: Pr. Antônio Mendes
 - c. Quantos membros tem a igreja? 1.300 – com congregações – somente na sede há 1.000 membros.
 - d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos? Há uma frequência de 1.000 pessoas.
2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...). Se não há Escola Bíblica, qual o motivo?
- Há um culto das 9h às 10h30.
 - Às 11h começam os cursos que são oferecidos em salas de aula.
 - Nossa EBD funciona com grupos de interesse que são oferecidos – há classe para jovens, porém eles possuem liberdade de participar com os demais.
 - São 12 classes - 1 para jovens e 11 para adultos, com temas diversos.
 - Os temas são mudados semestralmente.
3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?
- 450 pessoas participam da Escola Bíblica e cerca de 70% frequenta a maior parte das aulas.
4. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

- Há um conselho na igreja que se pronuncia quanto aos assuntos importantes de serem estudados, é considerada sugestão do professor e também de alunos.
5. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?
- Já tivemos outros formatos, desde os mais tradicionais ao formato que se usa hoje. As mudanças aconteceram em função do perfil de quem estava na coordenação, alguns mais aplicados ao estudo, outros mais organizacionais.
6. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?
- A conceituação da Escola Bíblica – mudança da questão gênero e idade para grupos de interesses.
 - O perfil do diretor é que levou à mudança, alguém que valorizava o ensino.
 - Outra mudança mais recente é a definir um pastor para cuidar da área – isso pode ser de grande valor e há mudanças previstas para o próximo ano que estão em fase de definições.
7. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?
- A qualidade dos professores.
 - A fidelidade às Escrituras – forte em termos bíblicos
 - A estrutura física – projetores, apostilas, lousas, salas adequadas.
8. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?
- Tornar mais escola – não ser mais uma pregação.
 - O culto que precede a EBD acaba por enfraquecê-la, uma vez que é um culto com sermão expositivo com boas mensagens.
 - A ausência de um perfil de currículo
9. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.
- Crescimento numérico é possível, mas qualitativo é imprescindível.

- Temos passado por mudanças significativas em nossa cidade, a principal delas é a mudança de perfil dos moradores, de rural para urbano. Tem tido um aumento de pessoas com nível superior, conseqüentemente, pessoas com menos tempo.
- Há alguns modelos que são bons, porém o que deve reger é o princípio de ser uma igreja ensinadora, isso sim, é extremamente importante para o crescimento da igreja.

Igreja E

1. Informações sobre a igreja

Respondido por Abdênago Lisboa Jr., coordenador do IBC, que é o Instituto Bíblico Central, ou a antiga EBD.

- a. Igreja: Igreja Batista Central de Campinas – Campinas/SP
- b. Pastor: Leandro Peixoto
- c. Quantos membros tem a igreja? A igreja possui atualmente 750 membros
- d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos? Nos cultos têm tido uma frequência de aproximadamente 450 pessoas.

2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...). Se não há Escola Bíblica, qual o motivo?

- EBD – 9h30 às 10h45 sem intervalo
- Manteve uma sala para senhoras – mulheres que estão a mais tempo na igreja, com abertura para que participem de outras salas também.
- A EBD funciona com cursos bimestrais e os cursos de férias. Durante os meses de março e abril, maio e junho, agosto e setembro, outubro e novembro são oferecidos alguns cursos. Durante os meses considerados de férias, julho, dezembro, janeiro e fevereiro, são oferecidos cursos ou palestras especiais.
- Os temas são oferecidos conforme quantidade de salas – Há uma sala para jovens e outras 6 salas com cursos sendo oferecidos para os adultos.
- Os alunos chegam e vão direto para as salas de aula. Após a EBD tem um intervalo para o início do culto matutino.

3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?

250 pessoas a 300 pessoas. Não medem assiduidade, porém há uma pessoa que coloca todos os dados em planilhas, organizando tudo por dada e classe quando o assunto e o professor são os alunos participam.

Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

- Anos atrás houve todo um planejamento em que se pensou nos assuntos necessários oferecer para a igreja e foi trabalhado para que o material e professores atendessem a esta demanda.
 - Nos últimos anos, tem tido um número pequeno de professores capacitados para o ensino. Os assuntos têm sido definidos de acordo com os professores que estão disponíveis e o que os mesmo podem oferecer em termos de ensino.
4. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?
- Não, nos últimos 4 anos e meio passou por grandes mudanças. A razão deste formato é porque a Escola Bíblica estava falindo e foi necessário passar por toda uma reestruturação a fim de apresentar uma proposta que fosse atraente, que tivesse espaço físico adequado para o ensino. Foi definido um horário que também atendesse melhor as necessidades da Escola Bíblica a fim de priorizar um pouco mais o ensino de qualidade.
5. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?
- A contratação de uma pessoa para reestruturar a proposta educacional da igreja. 4anos e meio atrás.
 - A EBD acontecia das 9h às 10h e logo após havia um culto, das 10h às 12h. Formato que estava sendo cansativo para os membros e poucos sentiam-se motivados a participar de um programa tão extenso. Houve uma redução no tempo de culto, que passou a acontecer das 11h às 12h e a EBD das 9h30 às 10h45.
 - As classes eram divididas por gênero e idade. Após a reestruturação passaram a ser oferecidos vários assuntos para que as pessoas possam escolher, foi preservada uma sala para jovens e os mesmos passaram a ter a liberdade de participar de outros temas que são oferecidos. Foi preservada também uma sala para as senhoras que possuem dificuldade para subir escadas, além de poupar algumas de algumas destas mudanças.

- Foram oferecidas algumas matérias básicas, que se repetiram durante um ano inteiro para que todos fizessem, com o intuito de oferecer uma base mais sólida alguns. Paralelamente, pelo menos uma sala com temas contemporâneos foi oferecida aos que eram mais maduros na fé.
- Houve um bom investimento em boa divulgação – boletim, encarte, vídeos.
- A estrutura física estava bem precária e houve um investimento muito intenso em estrutura. Mudanças na quantidade de sala, compra de cadeiras, equipamentos para as salas.
- Neste período inicial de mudanças houve um treinamento de professores.
- Deixou de ser EBD para ser o Instituto Bíblico Central.

6. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- Espaço físico.
- Metodologia implantada no preparo e entrega das aulas.
- Temas relevantes.
- Equipe de suporte técnico.

7. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- Faltam professores capacitados.
- Material para o aluno – apostilas.
- Falta de material de pesquisa para os professores.

8. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.

- Na década de 70/80 a Escola Dominical era uma coisa viva e animada pois não havia tantos recursos tecnológicos quanto hoje. Com o avanço tecnológico, década de 90 começou a haver uma queda, pessoas dormindo mais tarde, outras opções, o não acompanhamento nas aulas do avanço que estava acontecendo.
- Na maioria das igrejas há um desânimo total e desinteresse. A Escola Bíblica precisa assumir o seu papel de ensinar a Bíblia, resgatar a ênfase no ensino.
- O problema não é colocar coisas na cabeça do pessoal, o problema maior é tirar o que está na cabeça. A falta de Escola Dominical tem gerado crentes que não conhecem as

Escrituras. Sem ensino a igreja fica exposta a ensinos falsos. Uma EBD forte é essencial para a formação da nova geração.

Igreja F

1. Informações sobre a igreja

Respondido pelo Pr. Daniel Faria Jr., responsável por Grupos Pequenos de um dos cultos e assumindo a área de Formação Espiritual da igreja.

- a. Igreja: Presbiteriana Chácara Primavera – Campinas/SP
- b. Pastor: Ricardo Agreste
- c. Quantos membros tem a igreja? 900
- d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos?

Há três cultos:

Sábado – com uma frequência de 200 pessoas.

Domingo pela manhã – uma frequência de 350 pessoas.

Domingo à noite – uma frequência de 450 pessoas.

2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...). Se não há Escola Bíblica, qual o motivo?

- Nunca houve um projeto que envolvesse Escola Bíblica. Em função da realidade da comunidade, muitas pessoas novas convertidas.
- É melhor trabalhar uma grande ideia ao longo da semana e fixar melhor a mesma do que trabalhar várias ideias e pouca fixação.
- Defende-se a ideia de que a comunidade precisa de dois braços –
 - **culto**, como momento de porta de entrada para conhecer o evangelho, a comunidade. Nos cultos o foco é o ensino da Palavra e nos Grupos Pequenos, o acolhimento e pastoreio. Conhecimento e relacionamento.
 - **grupos pequenos** – onde é possível encontrar o aprofundamento da fé e dos relacionamentos. Os grupos pequenos estendem o assunto que é tratado no

culto, com um material que é preparado tendo como base a série que estiver sendo pregada nos cultos trazendo uma abordagem mais prática.

3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?

- Não há.

4. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

Para esta questão, foi perguntado como definem o que será ensinado nos cultos e Grupos Pequenos, uma vez que um tema/assunto proposto para a semana.

- Sobre as definições do que será estudo, há séries que são definidas pelos pastores e plantadores de igreja, levando-se em conta as necessidades comuns às igrejas. O material sempre é o mesmo usado por todos.
- Há séries que são definidas entre os pastores da chácara ou próprio Ricardo Agreste quem define.

5. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?

- A igreja nunca teve Escola Bíblica.

6. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?

- Não há.

7. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

Como não há Escola Bíblica, mas existe uma proposta educacional que envolve os cultos e os grupos pequenos foi perguntado quais são as principais forças de uma proposta como esta no que diz respeito ao ensino da palavra.

- Aplicabilidade – fazer menos para fazer melhor, assertividade. Ensinar uma grande ideia, fixar esta grande ideia, aplicar esta grande ideia.
- Mais tempo para aprofundar em uma ideia – as pessoas têm mais tempo para digerir e absorver o que está ensinado.
- Deixa a zona do conceitual, maçante para algo mais leve, suave e aplicável, mas contextualizado e real.

- Há uma troca de experiência maior entre os que participam
- Emerge o pastoreio uma vez que há uma interação maior.

8. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

O mesmo foi feito com relação aos pontos fracos, a fim de considerar as principais fraquezas identificadas em uma proposta educacional que não contemple a Escola Bíblica.

- A principal fraqueza é quem vai com o intuito de buscar informações, pode não ter tudo o que gostaria, considerando amplitude ou quantidade de conhecimento.

9. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.

- A escola bíblica não é algo desnecessário, depende do contexto, propósito da igreja, público alvo...
- Pensando no público que está participando atualmente, principalmente os mais “novos na fé” tem cumprido o propósito de instrução e ensino. O processo de transformação não depende da quantidade de conhecimento, mas sim da absorção do conteúdo e prática do que está sendo ensinado. Para aprofundamento de estudo bíblico sugere-se um grupo de discipulado.

Igreja G

1. Informações sobre a igreja

Respondido por Marcos Rogério Coelho, coordenado da Escola Bíblica.

- a. Igreja: Primeira Igreja do Nazareno Central de Campinas – Campinas/SP
- b. Pastor: Pr. Aguiar Valvassoura
- c. Quantos membros tem a igreja? Atualmente a igreja está com aproximadamente 6.000 membros
- d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos? Há uma frequência de cerca de 2.000 pessoas por culto, chegando a quase 8.000 pessoas por semana.

2. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...). Se não há Escola Bíblica, qual o motivo?

- Há Escola Bíblica em dois dias da semana e 3 horários distintos.
 - Domingo das 9h às 10h, entre um culto que acontece das 8h às 9h e outro que acontece das 10h às 11h.
 - Domingo das 17h às 18h, logo após a Escola Bíblica tem um culto que inicia às 18h.
 - Terças-feiras, das 19h às 20h.
- Há algumas classes que são específicas para novos membros e novos convertidos. Estas salas acontecem regularmente e nos vários horários.
- Há várias outras classes que trabalham temas diversos.
- Há também algumas classes especiais que são temas ensinados em inglês, curso de hebraico instrumental e missões.

3. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?

- Cerca de 1.800 adultos participam do que é oferecido.

4. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?

- Há uma equipe pastoral e uma de redação que é responsável por estas definições. Há casos em que os professores sugerem o assunto ou livro a ser adotado. Atualmente há um material que é produzido pela própria equipe da Igreja do Nazareno e que tem sido a base dos estudos da Escola Bíblica.

5. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?

- Este formato tem sido usado há muitos anos e o principal motivo é com o intuito de alcançar o máximo de pessoas.

6. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?

- Uma maior adesão ao que tem acontecido.
- Ampliou-se a estrutura física.
- Uso de uma boa comunicação para divulgação dos cursos.

- Foi oferecido um treinamento para professores.
- Estas questões foram feitas para melhorar a Escola Bíblica e alcançar mais pessoas, além de oferecer professores melhor capacitados.

7. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- Ensino e comunhão que acontecem nestes momentos.
- Compromisso dos professores.
- Produção de material de apoio para os professores e alunos.

8. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?

- Espaço físico limitado. Há espaço para crescer.
- A ausência de um programa curricular a longo prazo.
- Falta um treinamento regular para capacitação de professores.

9. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.

- Somente o culto não é suficiente para gerar o crescimento necessário e a Escola Bíblica é uma excelente oportunidade para ensinar a Palavra.

Algumas considerações sobre a pesquisa de campo em igrejas.

As mudanças estão presentes em todas as igrejas, de adaptações simples a algumas mais radicais. Alguns modelos adotados já começaram com uma proposta de ensino diferente das propostas mais convencionais adotadas pelas Escolas Bíblicas. Algumas mudanças, conforme nos relataram alguns entrevistados, foram bem aceitas, já outras tiveram um pouco mais de resistência, em virtude do tradicionalismo, da velha história do “sempre foi assim”.

Um fator comum tem sido a proposta de vários temas sendo oferecidos a fim de que o próprio adulto escolha o assunto que lhe interessa, ampliando o leque de opções do que fazer, levando a Escola Bíblica a atingir as necessidades dos adultos de uma maneira mais diversificada.

Uma das questões pontuada é o efeito, sobre a Escola Bíblica, de cidades metropolitanas e o ritmo de vida frenético levado por seus habitantes. Os muitos compromissos, oportunidades de atividades, entre outras responsabilidades assumidas, sejam elas de lazer ou trabalho, têm ocupado a agenda das pessoas e assumido um lugar de prioridade. Muitas igrejas têm alterado seus horários de programação para adequar-se a este fenômeno, criando programas alternativos com o intuito de motivar a uma maior participação do que tem sido realizado.

A carência de uma proposta educacional elaborada fica evidente também. Há casos em que os conteúdos têm sido oferecidos conforme o que há disponível em termos de professores ou material pronto no “mercado evangélico”, não levando em conta as reais necessidades percebidas, os conteúdos apresentados ou objetivos de ensino previamente estabelecidos.

Em algum momento de suas histórias, pelo menos 3 destas igrejas, passaram por grandes mudanças a fim de evitar uma falência total de suas Escolas Bíblicas, visto que elas estavam mais vazias domingo após domingo. Algumas destas mudanças tiveram implicações em questões significativas no que diz respeito a agenda de funcionamento da igreja, como mudança de horário de culto, não ser Escola Bíblica Dominical e sim Escola Bíblica, uma vez que não funciona aos domingos.

É possível perceber grandes mudanças em termos físicos com o intuito de oferecer espaços mais adequados e atraentes, porém, as maiores mudanças buscadas por estas igrejas estão relacionadas à necessidade de ter definido uma proposta que seja eficiente no intuito de ganhar mais alunos, uma vez que apenas o espaço não torna a Escola Bíblica relevante.

A única igreja que não possui Escola Bíblica, dentre as entrevistadas, vê o valor do ensino bíblico, porém defende que menor quantidade e maior aplicabilidade tem sido mais importante e relevante para o seu público. Interessante notar que a mesma tem levado em conta o seu público alvo e desenvolvido sua proposta de trabalho em virtude de suas estratégias, que em sua visão, a Escola Bíblica não tem um papel importante e tem sido substituída por outras atividades que agregam valores a esta comunidade. Certamente é possível questionar se as pessoas ali estão tendo tempo de qualidade para o estudo das Escrituras, como é possível levantar tal questionamento em igrejas que também possuem suas Escolas Bíblicas, mas não necessariamente têm oferecido um ensino consistente e fiel da Palavra.

Encontramos aqui boas práticas, como a dos grupos de interesse, horários alternativos para o ensino, empenho por desenvolver uma proposta educacional que gere

transformações não apenas no formato, mas na vida da igreja. Percebemos ainda que o peso do tradicionalismo continua sendo barreira para mudanças maiores, mas surpreendentemente a maioria das igrejas entrevistadas está aberta a algum nível de mudança para alcançar crescimento.

Uma última observação é que em algumas destas igrejas, a busca e abertura para implementar novas propostas, tem sido um fenômeno mais recente, em virtude das crises vividas pela “instituição” EBD, que tem perdido cada vez mais os seus alunos, lidado com o ensino de maneira displicente, valorizando muito mais um programa que seja atraente, mesmo que não ofereça alimento adequado para o seu rebanho.

7 - UMA PROPOSTA DE ESCOLA BÍBLICA DE ADULTOS PARA A IGREJA BATISTA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Há algumas questões relacionadas ao ensino bíblico, de um modo mais específico para adultos, que precisam ainda ser pontuadas para uma melhor reflexão quanto ao que é de valor a ser implementado, adaptado ou mesmo preservado no que diz respeito a Escola Bíblica IBCU.

7.1 Considerações bíblicas e teológicas para a Escola Bíblica de adultos IBCU

Antes de apresentar uma proposta de Escola Bíblica, quero apresentar aqui algumas considerações bíblicas e teológicas que nortearão o desenvolvimento prático deste projeto.

Escola Bíblica sem ensino bíblico se torna apenas uma escola. É imprescindível ter em mente que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita e a mesma é proeminente na vida do cristão. Ela é divinamente inspirada (2Tm 3.16) e inerrante, pronunciando-se com autoridade sobre a totalidade da vida (Pv 3.1; Sl 119; Jo 17.6-19; Cl 3.16). Deve ser o fundamento de todo ensino na Escola Bíblica (2Tm 4.2).

A educação nunca é neutra. É importante assegurar que os alunos aprendam sobre o mundo, o seu lugar e papel nele, da perspectiva de uma cosmovisão bíblica (At 17.16-34; Cl 2.8; Js 1.8-9; Hb 1.1-2).

Faz-se necessário ter em mente que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26), o que o torna capaz de pensar, sentir, criar e interagir. É importante lembrar também que este homem possui uma natureza pecaminosa, que corrompeu esta *imago dei* (Rm 5.19). O homem não é um ser neutro, nem um produto do meio, mas já nasce submerso em pecado, com a inclinação para o mal. Ele deve, portanto, ser submetido à correção e disciplina, na esperança de que venha a adquirir um comportamento correto e a reconhecer a Deus como o verdadeiro Criador e Soberano, e a Cristo como o único Salvador e Mediador entre Deus e os homens (Rm 3.23; 3.10-18; Ec 7.20).

Deus criou o homem para glorificá-lo, e cada pessoa deve ser encaminhada desde os primeiros passos com este propósito, adquirindo cada vez mais uma conscientização de sua finalidade de servir a Deus na terra, qualquer que seja o campo de trabalho ou ocupação que venha a operar (Rm 11.36; 1Co 10.31; Cl 1.17, 18).

Ensinar a Palavra não é simplesmente uma questão de opção, mas de obediência. O apóstolo Paulo tinha plena convicção de que o ensino da Palavra era parte do plano de Deus

para produzir cristãos maduros e bem alicerçados na fé (Ef 4.11-13; 2Tm 3.16-17). Há instruções claras para se transmitir a outros o que tem sido aprendido acerca da Palavra (2Tm 2.2; 1Tm 4.11-13). Segundo o apóstolo, ensinar a Palavra tem um papel importante na preparação dos cristãos para combater os falsos mestres e defender a sã doutrina (1Tm 4.5-7).

O “sucesso” não será alcançado se não dispusermos de professores que entendam claramente, ensinem e vivam a partir da perspectiva de uma cosmovisão bíblica. É necessário tornar disponível aos professores um desenvolvimento bíblico e autêntico (Lc 6.39-40; Cl 2.6-8; 1Tm 4.6-11). Os professores devem estar aptos para o ensino e lembrar-se da responsabilidade que há diante de Deus de ser mestre (Tg 3.1). Além dos bons exemplos de mestres que há na atualidade, jamais deve ser tirado de foco o exemplo maior de mestre, que é Cristo. Ele ensinava com autoridade (Mc 1.21,22), o seu ensino estimulava as pessoas a pensar (Jo 8.4-7; Mt 18.21-35), Ele vivia o que ensinava (Jo 13.12-17, Jo 15.12,13), falava a linguagem do povo (Lc 15.1-7), o seu ensino era relacional e altamente interativo (Jo 4:1-26 e 13.1-17). Além destes fatores, Jesus usava métodos criativos em seu ensino, sem estar preso a nenhum deles (Mt 13.3; Lc 5.3; Mc 2.13), não fazia discriminação, sua prioridade era sua responsabilidade e não sua reputação (Mc 2.15-17; Jo 4.9) e por fim, seu relacionamento com seus discípulos era baseado no amor (Jo 13:1).

É necessário que aqueles que estiverem envolvidos com o ensino sejam pessoas que amem e tema ao Senhor, bem como o cultivem um relacionamento pessoal com Cristo (Mt 10.28); tenham a consciência de que são servos do Senhor capacitados e usados por Ele como Seus instrumentos (Cl 3.23); tenham a prática da oração presente em seu dia a dia (Sl 119.18); o estudo da Palavra deve ser um hábito a fim de que aqueles que alimentarão o rebanho, também estejam se alimentando adequadamente (Sl 42.1,2, Sl 1.2) e por fim, que sejam praticantes da Palavra (Tg 1.22-24).

Neste processo de ensino-aprendizagem, é importante lembrar o papel vital que é a atuação do Espírito Santo na vida dos salvos, que os convence do erro (Jo 16.7-11), orienta (Jo 14.16), os guia em toda a verdade (Jo 16.13), capacita (1 Co 12). Cada um, seja ele coordenador, professor ou aluno deve ter em mente a necessidade da atuação do Espírito Santo em todo processo de aprendizado e prática da Palavra.

7.2 Considerações andragógicas para o ensino na Escola Bíblica de adultos IBCU

Em seu livro, “*Ensinando para transformar vidas*”, Howard Hendricks afirma que a maneira como os alunos aprendem deve determinar a maneira como ensinamos. Diante de tal

afirmação há algumas questões acerca da andragogia que devem ser analisadas e aplicadas na elaboração de uma proposta de Escola Bíblica voltada para adultos.

O dicionário Aurélio define o termo “adulto” como o indivíduo que atingiu o completo desenvolvimento e chegou à idade vigorosa; que atingiu a maioridade.

Zezina Bellan (2008a, p. 29) diz que “o adulto é aquela pessoa madura o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade. Ele tem plena consciência de suas ações e pode tomar decisões responsáveis em sua vida”.

No âmbito psicológico diz-se do “indivíduo que atingiu a maturidade, expressa em termos de adequada integração social e adequado controle das funções intelectuais e emocionais (TULER, 2008, p. 138-139).

De acordo com Knowles a andragogia apoia-se em quatro hipóteses sobre as características do adulto enquanto "aprendiz", características essas que são fundamentalmente diferentes da criança como aprendiz, objeto da Pedagogia. Estas quatro hipóteses consideram que, ao atingir a idade adulta, o indivíduo (TEIXEIRA 2012):

1 - Modifica o seu autoconceito deixando de ser um indivíduo dependente, conforme a Pedagogia, para ser um independente, autodirigido;

2 - Acumula uma crescente reserva de experiências e conseqüentemente um maior volume de recursos de aprendizagem;

3 - Tem sua motivação de aprendizagem cada vez mais orientada para buscar desenvolver seus papéis sociais;

4 - Modifica sua "perspectiva de tempo" em relação a aplicação de conhecimentos; para os adultos o maior interesse é de conhecimentos de aplicação mais imediata e em conseqüência a sua aprendizagem deve deixar de ser centralizada no conteúdo para centralizar-se no problema.

Em seu artigo sobre a “Andragogia e seus princípios”, Gilberto Teixeira (2012) apresenta pelo menos 14 características dos adultos como aprendizes e suas conseqüências na sua aprendizagem, que estão reproduzidas abaixo:

- Característica 1 - Adultos possuem uma razoável quantidade de experiências:
Conseqüências: os adultos podem ser usados como "recursos de aprendizagem"; as estratégias de aprendizagem de adultos devem encorajar troca de ideias e experiências.
- Característica 2 - O corpo dos adultos sendo relativamente muito maior que o das crianças está sujeito a maiores pressões e estímulos gravitacionais:

Consequência: O conforto físico é importante para a aprendizagem de adultos; pouco conforto ou em excesso podem ser desastrosos.

- Característica 3 - Adultos possuem conjuntos de hábitos fortemente sedimentados:

Consequência: os hábitos e gostos dos adultos devem ser na medida do possível considerados e atendidos.

- Característica 4 - Adultos tendem a ter grande orgulho de si próprio:

Consequência: os adultos respondem muito bem as oportunidades de desenvolvimento, autodirecionamento e responsabilidade no seu processo de aprendizagem.

- Característica 5 - Adultos em geral tem coisas tangíveis a perder:

Consequência: a ênfase deve ser nos possíveis ganhos em lugar de revelar as deficiências.

- Característica 6 - Adultos têm que tomar decisões e resolver problemas:

Consequências: a aprendizagem centralizada em problemas pode ser mais efetiva e é mais agradável.

- Característica 7 - Adultos tendem a ter grande número de preocupações e de problemas a resolver fora da situação de aprendizagem:

Consequência: as demandas da experiência de aprendizagem não devem ser irreais; deve haver um balanceamento adequado entre o tempo necessário para apresentação da situação de aprendizagem e o tempo necessário para a obtenção da aprendizagem.

- Característica 8 - Os adultos na sociedade moderna são cada vez mais pressionados por grande número de opções:

Consequência: aprender a decidir é uma aptidão importante.

- Característica 9 - Os adultos tendem a ter comportamentos grupais consistentes com suas próprias necessidades:

Consequência: usualmente os adultos adotam aqueles comportamentos que façam com que suas necessidades sejam atendidas pelo grupo. Devem ser cultivados os comportamentos que sejam úteis aos indivíduos e aos grupos.

- Característica 10 - Adultos tendem a ter bem sedimentadas suas estruturas emocionais consistindo de valores, atitudes e tendências:

Consequência: mudanças são perturbadoras. É mais provável obter mudanças de comportamento em um ambiente não ameaçador e onde exista em alto grau a participação e o engajamento.

- Característica 11 - Adultos tendem a ter bem desenvolvidos seus "filtros" seletivos dos estímulos:

Consequência: a maioria dos adultos só ouve aquilo que deseja ouvir. O ensino para ser eficaz deve focalizar em mais de um sistema sensorial para que possa penetrar nos "filtros" que o adulto usa para barrar aqueles estímulos que ele considera desagradáveis, desinteressantes ou perturbadores.

- Característica 12 - Os adultos tendem a responder bem a "reforços" negativos ou positivos de aprendizagem:

Consequência: os "esforços" de aprendizagem (tanto negativos como positivos) devem ser usados em gradações variadas.

- Característica 13 - Adultos tendem a ter impressões e opiniões muito sedimentadas sobre situações de aprendizagem:

Consequência: só boas e bem sucedidas experiências de aprendizagem encorajam a formação de atitudes positivas

- Característica 14 - Os adultos na sociedade moderna tem um receio íntimo de fracassarem e serem substituídos;

Consequência: a situação de aprendizagem deve dar oportunidades de desenvolver autoconfiança e novas aptidões.

Segundo McKeachie (apud Tuler, 2008, p.137) “não existe um só método que tenha dado o mesmo resultado com todos os alunos. O ensino torna-se mais eficaz quando professor conhece a natureza das diferenças entre seus alunos”.

Tais princípios e características precisam se levados em conta ao definir uma proposta educacional direcionada aos adultos. Uma vez que sabemos como o adulto pensa, aprende e expectativas quando ao aprendizado, nos livra de focalizar no que não é necessário ou usar metodologias que não contribuem para atingir os objetivos estabelecidos.

7.3 Considerações práticas para a Escola Bíblica

À luz do que já foi apresentado até o momento, desde a fundamentação bíblica para o ensino, ao que a história nos revela sobre o valor do mesmo e a luta por preservar um ensino que fosse fiel, onde todos pudessem ter condições e acesso ao estudo da Palavra seguem algumas observações finais.

- Fidelidade às Escrituras deve estar acima de qualquer experiência pessoal.
- Por mais que o foco da Escola Bíblica tenha sido redirecionado para suprir uma carência das igrejas em aprender a Bíblia, levando-se em conta o seu início com Raikes,

o alcance ao homem sem Deus jamais deverá ser deixado de lado, continua sendo objetivo da igreja em toda oportunidade que tiver, como cumprimento da grande comissão, inclusive na Escola Bíblica.

- É necessário considerar as necessidades percebidas nos alunos ou apresentadas pelos mesmos ao trabalhar um currículo. O aluno tem oportunidade de contribuir e não necessariamente definir.

- Levando em conta as próprias características dos adultos, a proposta curricular para o ensino bíblico para adultos não deve ser totalmente fechada, visto que há momentos em que será possível identificar o que é necessário ser trabalhado em função de deficiências percebidas, ou mesmo necessidades apresentadas pelos alunos.

- Aplicar métodos diversificados de trabalho para atender determinados objetivos ou atingir melhor o grupo é de grande valor para um melhor aprendizado. Uma boa didática em sala de aula não é expectativa somente de crianças e adolescentes.

- O ensino vai muito além dos momentos vividos em uma sala de aula. Sempre que possível o professor deve envolver-se com o aluno, conhecer sua realidade, família, estilo de vida, conviver com o mesmo, a fim de que este aprenda de maneira efetiva e transformadora também observando.

- Estimular os professores à capacitação para o ensino, porém sem deixar de depender mais da Graça de Deus e menos da capacidade pessoal como mestres.

- Deus criou os seres humanos para se desenvolverem de acordo com alguns padrões que devem ser respeitados e levados em consideração na elaboração de um programa educacional. A educação cristã tem como objetivo trabalhar o ser humano, envolvendo sua mente, coração e também comportamento, acompanhando seu desenvolvimento natural e levando a um desenvolvimento também espiritual, levando à maturidade em sua vida cristã. As informações devem ser ferramentas ou instrumentos para nos levar ao desenvolvimento e não o fim em si.

- Salas com grandes quantidades de alunos podem prejudicar o exercício de uma boa didática, bem como limitar a participação dos alunos e até mesmo o contato professor e aluno, o que seria uma perda no processo de ensino e aprendizagem.

- Um bom espaço físico e recursos tecnológicos têm o seu nível de importância, mas jamais deverão substituir um conteúdo bíblico e aplicável ao dia a dia do aluno. O foco deve ser constantemente em levar o aluno a tornar-se cada vez mais semelhante ao Senhor (2Co 3.18).

7.4 Uma proposta de trabalho para a Escola Bíblica da Igreja Batista Cidade Universitária

Neste ponto apresentaremos uma proposta para a prática da Escola Bíblica na IBCU. Algumas destas já estão sendo aplicadas, outras ainda como planos futuros. Entendemos que há melhorias a serem realizadas além das contempladas aqui, que ao seu tempo serão identificadas e trabalhadas.

7.4.1 Dia e Horário

Apesar de Campinas ser uma cidade metropolitana com todos os seus atrativos, o horário adotado pela Escola Bíblica IBCU tem tido boa aceitação, como foi possível notar nesta pesquisa realizada, bem como no próprio envolvimento dos seus membros e frequentadores com o que tem sido oferecido.

O horário deve ser preservado, 9h30 às 11h15, sendo este um tempo exclusivo para o estudo da palavra, com um intervalo de 15min que viabiliza uma interação entre os alunos da própria sala, entre alunos de outras salas e também entre alunos e professores.

7.4.2 Proposta educacional

Levando em conta as características do público adulto da IBCU, suas expectativas e o que entendemos ser um modelo educacional que funciona, manteremos a proposta de trabalho com algumas adequações.

A proposta educacional envolve três aspectos a serem contemplados: áreas de ensino, módulos e os temas.

Áreas de ensino – consiste nos temas macros que consideramos ser importantes que a igreja aprenda a fim de ter um desenvolvimento saudável. Regularmente estas áreas deverão ser contempladas ao elaborar o currículo, é desejável que em cada módulo tenha pelo menos um tema sendo oferecido dentro de cada área. As áreas são: exposição bíblica, doutrinas, apologética, vida cristã, família, história e atualidades e ministérios. Veja exemplo.

Exposição Bíblica	Doutrinas	Apologética	Vida Cristã	História e Atualidades	Família	Ministérios
2 Samuel	Fundamentos da Fé	Ciência e religião na busca pela verdade	A vida de Davi	História de Israel	O Desejo de todo Cônjuge	Treinamento Professores Ministério Infantil

Módulos - Os módulos são compostos pelos cursos oferecidos ao longo do ano com duração de 4 ou 8 aulas cada. Nos meses considerados períodos de férias, os módulos são de 4 aulas, afim de que os alunos não sintam-se desmotivados a iniciarem um curso ou retomarem ao que estavam após terem perdido parte. Neste formato, os cursos têm duração menor, possibilitando em um espaço de tempo menor dar início a um novo módulo. Os módulos de 4 aulas acontecerão em Janeiro, Fevereiro, Julho e Dezembro.

Os módulos de 8 aulas acontecem nos meses em que normalmente o alunos não desfrutam destes períodos de férias, acontecendo nos meses de Março e Abril, Maio e Junho, Agosto e Setembro, Outubro e Novembro. Nestes períodos serão concentrados os assuntos que requerem um período maior de tempo para que sejam ensinados com toda a profundidade e praticidade necessários.

Temas – os temas dizem respeito mais especificamente ao que será ensinado, o assunto a ser abordado pelo professor. Para a definição destes é levado em conta a áreas de ensino que deverão ser contempladas, as necessidades de ênfases percebidas, sugestões poderão ser levantadas entre os alunos e professores. Há um zelo para que o currículo não seja definido simplesmente pelo que há disponível.

Ao definir os temas é levado em consideração três aspectos:

- o alcance – são cursos que têm como propósito principal a proclamação do evangelho.
- os fundamentos – são os cursos destinados a todos os que são novos na fé ou iniciam sua participação em nossa Escola Bíblica. Pelo menos um tema que contemple este aspecto deve ser oferecido a cada módulo.
- o desenvolvimento – contemplam assuntos voltados para todos os que já têm uma caminhada na vida cristã e um certo nível de maturidade.

Seminários e séries especiais – além dos módulos, haverá os seminários, oferecidos a todos os que participam da Escola Bíblica, com convidados especiais ou temas específicos, acontecendo em formato de plenária. Há também espaço para séries especiais serem aplicadas nos módulos de um mês, podendo ter variações no formato e dinâmica de funcionamento das salas, como: todos estudando um mesmo assunto, porém os professores fazem rodízio nas salas, entre outros formatos.

O currículo do ano vigente deve ser elaborado sempre no ano que antecede, a fim de que os professores tenham condições de tempo suficiente para uma boa preparação, no que diz respeito aos aspectos espirituais, acadêmicos e didáticos.

7.4.3 Proposta organizacional

Dentro de uma proposta organizacional a Escola Bíblica IBCU terá.

- Pastor da Área de Educação – um líder espiritual responsável pelo pastoreio do ministério.
- Coordenador – responsável pela Escola Bíblica e sua equipe bem como pelo funcionamento da mesma.
- Equipe de pastoreio – são os responsáveis por analisar as considerações feitas pelos alunos a cada final de módulo, oferecer um *feedback* aos professores quanto aos retornos obtidos, propor melhorias, identificar áreas de crescimento e dar o suporte necessário. Esta equipe também fica responsável por incentivar e supervisionar para que haja uma maior interação dentro e fora das salas de aula.
- Equipe curricular – responsáveis por colher informações, levantar necessidades, ouvir propostas e desenvolver a proposta curricular para cada ano, levando em consideração a proposta educacional apresentada. Os mesmos são os responsáveis por proporcionar a execução do que foi planejado em termos de ensino.
- Equipe de comunicação – uma vez que os cursos mudam de tempos em tempos, é necessário uma boa comunicação, além de criativa deve ser eficiente no seu propósito de informar tanto aos alunos quanto àqueles que por alguma razão não participam da Escola Bíblica.
- Equipe de recepção – cuidam de receber os alunos, orientá-los, oferecer suporte aos professores. Dominicalmente estão em trabalho.
- Equipe de material – esta equipe tem por finalidade a formatação e disponibilização dos materiais produzidos. Fica como projeto maior a elaboração e disponibilização do material em formato padronizado com o intuito de oferecer material de qualidade para nossos alunos bem como para todos aqueles que quiserem fazer o uso dos mesmos. Conforme percebidos nas respostas dadas na pesquisa, há também o grande desafio de oferecer o material para aluno em sala de aula, para que o mesmo possa acompanhar cada curso.
- Equipe de infraestrutura – tudo o que envolve logística, necessidades de materiais, propor melhorias no espaço, cuidar para que tudo esteja preparado a cada domingo, zelando para evitar surpresas de contratempos que possam prejudicar o bom andamento de cada aula, esta é equipe responsável por tais questões.

7.4.4 Estrutura física

Atualmente há um espaço físico que atende bem às necessidade, com algumas limitações a serem implementadas, dentre elas:

- Realizar melhorias na climatização de todas as salas, providenciando o meio que melhor supre esta necessidade, levando em conta custo benefício, seja de um ar condicionado, ventilador ou outro sistema.
- Melhorias no que diz respeito ao barulho externo. Identificar salas que sofrem mais com estes problemas e identificar o que é possível ser feito.
- Continua nos planos e visão de futuro, ter salas amplas e confortáveis, que favoreçam ao aluno e professor um melhor ensino e aprendizado da Palavra.
- Limitar algumas salas a uma quantidade menor de alunos a fim de proporcionar uma melhor qualidade do ensino em todas as salas.

7.4.5 Os professores

É imprescindível que os professores sejam convertidos, evidenciem uma vida de compromisso com Deus e com sua obra, sejam exemplares em seu modo de viver, sejam bons comunicadores e comprometidos com suas responsabilidades diante deste ministério. Segundo Júlio Zabatiero (2009, p. 30) “o professor só ensina se aprender, ou seja, se, curiosamente, reflete e medita sobre o conteúdo do que vai ensinar, experimentando-o na vida concreta”. Como igreja, não estamos interessados simplesmente em termos bons comunicadores ou grandes conhecedores das Escrituras, mas queremos como mestres em nossa Escola Bíblica aqueles de fato se aplicam ao estudo e prática da Palavra, que sejam referência em suas falas e também no procedimento.

Cada professor deverá envolver-se com o ensino na Escola Bíblica pelo menos uma vez por ano, tendo tempo hábil para estudar e preparar-se adequadamente para um novo módulo. É esperado que os mesmos, enquanto não estiverem ensinando, estejam aproveitando do que é oferecido para o seu crescimento e edificação pessoal.

Os professores devem ser ensináveis, prontos para receber os *feedbacks* ao final de cada módulo.

Anualmente será oferecido pelo menos um treinamento para professores com o intuito de capacitá-los, estimulá-los ao contínuo crescimento em seu relacionamento com Deus, e equipá-los com boas ferramentas e recursos disponíveis.

Uma prática a ser implementada é a criação de um canal aberto de comunicação entre professores e coordenação, gerando meios para muni-los de ferramentas úteis no estudo e preparo das aulas, tais como fontes de pesquisa na internet, informar sobre recursos disponíveis. Através desta proposta o professor também teria o suporte necessário para lidar com suas dúvidas pessoais em relação a determinados temas a serem ensinados, entre outros auxílios que poderão ser prestados.

7.4.6 Os alunos

Os alunos têm a liberdade de participar do curso que quiser. Há alunos que receberão orientação para participar de uma ou outra sala tendo em vista o “nível de maturidade” que possui, ou mesmo quanto está na IBCU. Esta instrução se faz necessária, tendo em vista que há assuntos cujo nível de discussão dificilmente seria acompanhado por alguém novo na fé.

O jovem, considerado também adulto, terá regularmente um tema sendo oferecido para ele em uma sala específica, porém, o mesmo continuará tendo a liberdade de participar de qualquer tema. Colocá-lo em contato com este “universo adulto” é importante para o seu próprio desenvolvimento.

7.4.7 Propostas finais

Há ideias que poderão contribuir para um maior aprendizado e viabilizar a participação de outros que têm restrições ou limitação quanto ao domingo, como oferecer uma extensão da Escola Bíblica em um dia da semana.

Levando em conta o nível de instrução do nosso público, a quantidade de pessoas que fala o inglês fluente e outros que gostariam de praticar o mesmo, valeria a pena ter a experiência de ter cursos bíblicos em inglês, pelo menos um em cada módulo. Não seria simplesmente aprender inglês, mas sim aprender a Bíblia em inglês.

Há uma biblioteca na IBCU originalmente criada para o uso do Ministério Jovem e recentemente estamos trabalhando com uma proposta para ampliar o seu uso. Uma biblioteca servindo à Escola Bíblica IBCU poderá ser usada pelos professores, uma vez que a mesma

tenha boa literatura para pesquisa. Os professores poderão indicar leituras complementares aos seus alunos, além de todo o estímulo aos membros e frequentadores à leitura de boa literatura.

Algumas práticas que devem ser preservadas e de tempos em tempos avaliadas para identificar possíveis melhorias, tais como o processo adotado para avaliação de cada módulo, os veículos de comunicação que têm sido adotados, entre outras.

8 - CONCLUSÃO

Temos vivido dias em que ensinar a Bíblia tem deixado de ser um dos elementos essenciais para o desenvolvimento das igrejas, uma vez que busca tem sido pelo crescimento numérico em detrimento de gerar cristãos maduros, que amam a Deus e a sua Palavra.

É evidente nas Escrituras o papel do estudo e prática da Palavra na vida de cada cristão. Pudemos observar as orientações de Deus para o seu povo quanto a guardar as instruções, passar adiante o que tem aprendido, ensinar aos filhos, treinar líderes, zelar pela sã doutrina, evitar que sejam enganados, além de alcançar a sabedoria e ser bem sucedido no que fizer. Conforme o Salmo 1, aquele que medita na sua lei de dia e de noite *“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.”* (v.3). O Salmo 119 é rico em afirmações sobre o valor deste precioso livro e ganhos que temos ao nos dedicarmos a estudar, praticar e ensinar o que o Senhor deixou registrado.

Foi possível percebermos que através da história Deus levantou homens tementes a Ele que tivessem coragem e ousadia para ir contra instituições, governos, que pudessem ser inovadores sem perder de vista o valor das Escrituras.

A Escola Bíblica Dominical e sua origem, tendo propósitos inicialmente evangelísticos, ou mesmo de cunho assistencial, trouxe revoluções não somente para as igrejas bem como para toda a sociedade. A compaixão, visão e dedicação de um homem como Raikes deu início a um dos projetos que mais têm contribuído para o ensino das Escrituras nas igrejas. Algo de fato a ser preservado, em sua essência, não necessariamente em forma.

Alder Matos afirma que (MATOS, 2008, p. 19):

Desde o início da humanidade cada geração sentiu a necessidade de transmitir à próxima suas experiências, histórias e tradições, com o objetivo de preservar a identidade do grupo e o conhecimento acumulado. Tal esforço podia se dar através de recursos formais ou informais, mas sempre esteve presente. Em algumas esferas especialmente importantes, como a religião, esse processo se tornou particularmente imperativo. Ao surgir o cristianismo, essa se tornou uma das características mais salientes do novo movimento. Seu fundador era conhecido como um mestre e ordenou explicitamente aos seus seguidores que utilizassem o método educativo para comunicar a outras pessoas seus novos valores e convicções.

A história da Igreja Batista Cidade Universitária tem sido marcada por ensinar a Palavra de Deus de maneira contextualizada e prática, sem abrir mão da fidelidade e seriedade com que deve ser feito.

Um dos textos que tem norteado a prática da Escola Bíblica de adultos da IBCU, encontra-se em Colossenses 1:28, que diz: “... *o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.*” Cabe a nós ensinar, não o que nos agrada ou o que as pessoas querem ouvir, mas sim, ensinar toda a palavra de Deus para todo homem, com toda sabedoria com o objetivo de torná-lo mais parecido com Cristo. As estratégias podem mudar, a forma pode mudar, mas esta essência jamais deverá se perdida de vista.

A nossa tarefa principal não é simplesmente causar uma boa impressão naqueles a quem ensinamos, mas devemos causar neles um profundo impacto. Nossa tarefa é ir além de convencê-los, é levá-los a uma transformação verdadeira em suas vidas, e para isso é necessário o agir de Deus, capacitando e usando homens como nós e gerando as verdadeiras transformações na vida da igreja.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTS History Sunday School. Disponível em

<http://www.allaboutbaptists.com/history_SundaySchool.html> Acesso em 16/10/2012.

BELLAN, Zezina Soares. Andragogia em ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante. Santa Bárbara D'Oeste, SP: SOCEP Editora, 2005.

_____. Heutagogia: aprenda a aprender mais e melhor. Santa Bárbara D'Oeste, SP: SOCEP Editora, 2008.

BESSA, Josemar. Os períodos da reforma e da pós-reforma - c. 1500 – c. 1750 – Parte I.

<<http://jbhistoria.blogspot.com.br>> Disponível em 23/11/2012.

CARVALHO, César Moisés. Marketing para a escola dominical. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

COENEN, L.; BROWN, C., Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento - Volume II: E-J, São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1982

DORNAS, Lécio. Socorro sou professor de escola dominical. São Paulo: Hagnos, 2002.

_____. Vencendo os inimigos da escola dominical. São Paulo: Hagnos, 2002.

ESCOLA Dominical. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Dominical - Acessado em 29/06/2014

GINGRICH, F. Wilbur; Danker, Frederick W.; Léxico do Novo Testamento Grego / Português. Traduzido por Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993

GRIGGS, Donald L. Manual do professor eficaz, tradução de Elisa G. Pierre; Júlia Silveira Faria; São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

HALE, Broadus David. Introdução ao estudo do Novo Testamento. Tradução de Claudio Vital de Souza. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.

HARRIS, R. Laird; Gleason, L. Archer Jr.; Waltke, Bruce K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. Edições Vida Nova

HISTÓRIA da Ebd. Disponível em

<<http://www.ibrcubatao.com.br/departamentos/EBD/historiaebd.html>> Acesso em 09/10/2012.

HURLBUT, Jesse Lyman. História da Igreja Cristã. Editora Vida, São Paulo, 2007.

LE MOS, Ruth Doris. A minúscula semente de mostarda que se transformou em uma grande árvore. Disponível em <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/historia.php>> Acesso em 09/10/2012.

- LOPES, Augustus Nicodemus. Ensinar e aprender em Paulo. *Fides Reformata* XIII, Nº 2 (2008), p. 117.
- LOPES, Edson Pereira. *Fundamentos da Teologia da Educação Cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- MACHADO, Robespierre. *Desafios da educação cristã no século XXI*.
<<http://colectaneas.wordpress.com>> Disponível em 02/11/2012 .
- MATOS, Alderi Souza de. *Breve História da Educação Cristã: Dos Primórdios ao Século 20*. *Fides reformata* – volume XIII, número 2 – São Paulo: Editora Mackenzie, 2008.
- MAXEY, Al. *Raikes' Ragged Regiment*. Disponível em
<<http://www.zianet.com/maxey/reflx184.htm>> Acesso em 17/10/2012.
- MERKH, David J.; França, Paulo. *101 ideias criativas para professores*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- PAZMIÑO, Robert W. *Deus nosso Mestre*, tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- _____. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- _____. *Temas fundamentais da educação cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- PESQUISA e escrita original de estudantes no " Research and original writing by Students in the "Local Church Education" course at Indiana Wesleyan University. Revisto, ampliado e editado por Keith Drury, professor associado de religião, IWU. Disponível em <<http://www.drurywriting.com>> Acesso em 16/10/2012.
- RAMOS, Diego da Silva. *A história da escola dominical*. Disponível em
<<http://pt.scribd.com/doc/25341797/A-Historia-da-Escola-Biblica-Dominical>> Acesso em 15/10/2012.
- REILY, Duncan Alexander. *João Wesley e as crianças*. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 8, n. 12, p. 11-29, 2003. Disponível em <<http://biblioteca.metodista.br>> Acesso em 17/10/2012.
- REVISTA Boa Ventura, Campinas – GO, Edição 12, Ano II, Abril de 2008
- RODRIGUES, Aline Saldanha. *A educação cristã no Antigo Testamento*.
<<http://ovalordaeducacao.blogspot.com.br>> Disponível em 02/11/2012.
- SANDERS, J. Oswald. *Paulo, o líder: uma visão para a liderança cristã hodierna*. São Paulo, Editora Vida, 1986.
- TEIXEIRA, Gilberto. *A andragogia e seus princípios*. Disponível em <<http://joraibral.blogspot.com.br>> Acesso em 30/11/2012.

TULLER, Marcos. Abordagens e práticas da pedagogia cristã. CPAD, Rio de Janeiro, 2008, pg 138-139

WHALEY, Randy. 1780- Robert Raikes Begins Sunday School. Disponível em <<http://religionwiki.mvcsnow.org>> Acesso em 28/05/2014.

ZABATIERO, Júlio. Novos caminhos para a educação cristã. São Paulo: Hagnos, 2009.

Anexo 1

PESQUISA ESCOLA BÍBLICA

Esta pesquisa é destinada a todos os membros e frequentadores da Igreja Batista Cidade Universitária; aos que participam ou não da Escola Bíblica, pois há informações que serão de grande valor para nossa equipe.

Seu anonimato será mantido pelo próprio programa que está sendo usado. Caso você não se importe ou queira ser identificado, há um espaço no início da pesquisa onde você poderá inserir seu nome e e-mail.

Perfil

Coloque abaixo o seu nome e endereço de e-mail (opcional)

Relação com a IBCU

- ☐ Membro da IBCU
☐ Frequentador da IBCU

Sexo

- ☐ Masculino
☐ Feminino

Faixa etária

- ☐ 16 anos ou menos
☐ Entre 17 e 25
☐ Entre 26 e 35
☐ Entre 36 e 60
☐ 61 anos ou mais

Família – pode marcar mais que uma opção

- ☐ Casado

- ☐ Solteiro
- ☐ Filhos com idade entre 0 e 3 anos
- ☐ Filhos com idade entre 4 e 10 anos
- ☐ Filhos com idade entre 11 e 17 anos
- ☐ Filhos com 18 anos ou mais

Frequência à Escola Bíblica

Você participa da Escola Bíblica?

- ☐ Não
☐ Sim – esporadicamente
☐ Sim – regularmente
☐ Outros

Se respondeu “não” – assinale o porquê - pode marcar mais que uma opção

- ☐ Trabalho no domingo pela manhã
☐ Domingo é o único dia em que posso dormir até mais tarde
☐ A manhã do domingo é para atividades de lazer pessoal ou com a família
☐ Moro longe e no domingo, optei por frequentar apenas os cultos à noite
☐ Meu cônjuge/pais cria dificuldades para que eu vá à IBCU de manhã e também à noite
☐ Normalmente tenho compromissos com familiares que não frequentam a IBCU
☐ Os cursos da EB não são relevantes para minha vida
☐ Não aprecio os professores ou a metodologia dos cursos da EB
☐ Frequentar o culto e a koinonia têm sido suficientes para mim

Se respondeu “sim” – assinale o porquê - pode marcar mais que uma opção

- ☐ Gosto de encontrar com os amigos e irmãos
☐ É um costume que tenho desde criança do qual não abro mão
☐ Os temas dos cursos são relevantes e tem fortalecido minha fé
☐ Gosto do ambiente proporcionado em sala de aula
☐ Sou fã de um determinado professor e não perco nenhum de seus cursos
☐ As salas e os recursos didáticos me motivam
☐ Venho para acompanhar a(o) esposa(o), namorada(o), etc.
☐ Não sou capaz ou não tenho tempo de estudar a Bíblia sozinho
☐ Aprecio as atividades da Escola Bíblica Infantil, trago meu(s) filho(s) e acabo ficando em um dos cursos também.

Divulgação dos cursos

Você tem tido acesso a algum tipo de divulgação do que tem sido oferecido na Escola Bíblica?

Sim () não ()

Assinale quais:

- ☐ e-mail
☐ Boletim
☐ Facebook IBCU
☐ Flyers
☐ Site IBCU
☐ Momentos de avisos nos cultos
☐ Mural nas entradas da capela

Seu ponto de vista sobre a Escola Bíblica

Dê notas de 1-5 para o nível de importância que tem para você cada um dos quesitos abaixo 1 – nível mais baixo a 5 – nível mais alto

	1	2	3	4	5
Conteúdo	☐	☐	☐	☐	☐
Aplicações práticas	☐	☐	☐	☐	☐
Didática	☐	☐	☐	☐	☐
Material didático/apostilas	☐	☐	☐	☐	☐
Espaço físico	☐	☐	☐	☐	☐

Como você avalia os temas/assuntos estudados – pode marcar mais que uma opção

- () Pouco atraentes
 () Desatualizados
 () Bons
 () Adequados
 () Práticos
 () Excelentes

Outros:

Como você avalia o conteúdo do que tem sido ensinado - pode marcar mais que uma opção

- () Superficial
 () Básico
 () Suficiente
 () Profundo
 () Irrelevante
 () Aplicável ao dia a dia

Outros:

Como você avalia o dia e horário da Escola Bíblica

- () péssimo () ruim () regular () bom () ótimo

Outros:

Como você avalia nossas salas de aula

() péssimas () ruins () regulares () boas () ótimas

Outros:

Como você avalia os nossos professores - pode marcar mais que uma opção

() Despreparados

() Superficiais

() Preparados

() Muito bem preparados

() Impessoais

() Teóricos

() Práticos

Outros:

Com relação a disponibilização de material para o aluno, qual a sua opinião? pode marcar mais que uma opção

() Não acho que é necessário. Dá para aproveitar bem os cursos, mesmo que não haja material disponível para o aluno

() Faz muita falta uma apostila bem organizada para o aluno

() O uso de esboço das aulas é suficiente

() Disponibilizar o material na internet está funcionando bem

Como você escolhe que curso fazer? – enumere em ordem de prioridade 1 - menos importante ao 5 - mais importante

	1	2	3	4	5
Professor	☐	☐	☐	☐	☐
Assunto/tema	☐	☐	☐	☐	☐
Sala onde será oferecido o curso	☐	☐	☐	☐	☐
Indicação de alguém	☐	☐	☐	☐	☐
Onde alguns amigos participarão	☐	☐	☐	☐	☐

Que tipo de assunto você aprecia mais - enumere em ordem de prioridade 1 – aprecia menos ao 5 – aprecia mais

	1	2	3	4	5
Livros Bíblicos	☐	☐	☐	☐	☐
Temas relacionados com a atualidade	☐	☐	☐	☐	☐
Doutrinas e apologética	☐	☐	☐	☐	☐
Vida cristã e devocionais	☐	☐	☐	☐	☐
Família	☐	☐	☐	☐	☐

Assinale a alternativa que reflete melhor a maneira como você considera a Escola Bíblica

() É muito importante para o meu aprendizado e crescimento

() É muito importante, mas diante das várias oportunidades de aprendizado fica difícil participar, pois já estou envolvido com outros (discipulado, koinonia...)

() É desnecessária pois há várias outras oportunidades de aprendizado que são oferecidas pela igreja

Outros:

Quais são as principais limitações da nossa Escola Bíblica?

Quais são os principais pontos fortes da nossa Escola Bíblica?

Anexo 2

Mestrado em Ministérios Formativos ***Entrevista – Escola Bíblica Dominical***

Esta entrevista está sendo realizada como parte do projeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de mestrado, no Seminário Bíblico Palavra da Vida, sob o tema: *“Uma análise do ensino da Bíblia através das Escrituras, da história e atualidade e suas implicações para a Escola Bíblica de adultos da IBCU”*.

O objetivo da mesma é verificar o papel e andamento da Escola Bíblica em algumas igrejas na cidade de Campinas e regiões próximas, com mais de 500 membros.

Questões

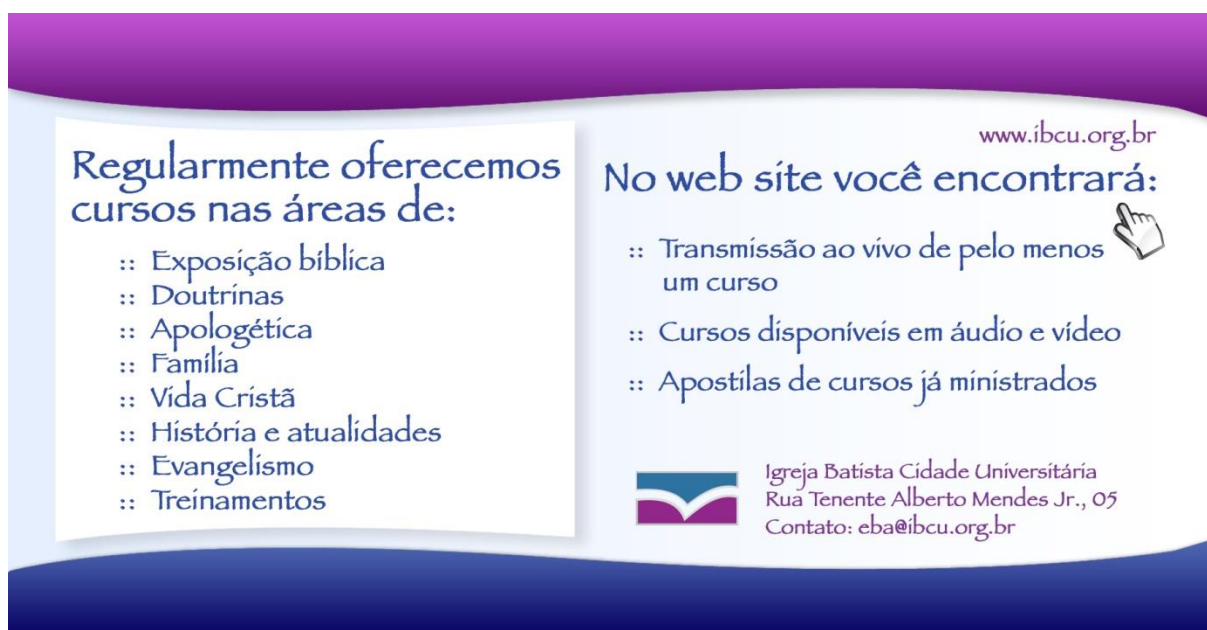
10. Informações sobre a igreja
 - a. Igreja:
 - b. Pastor:
 - c. Quantos membros tem a igreja?
 - d. Quantas pessoas frequentam o culto principal a cada domingo – somente jovens e adultos?
11. Há um programa de Escola Bíblica na igreja, voltado para jovens e adultos? Como funciona? (horário, duração, divisão das salas, há alguma abertura ou não, há culto logo após ou antes...). Se não há Escola Bíblica, qual o motivo?
12. Quantos participam do que é oferecido? Destes que participam quantos são assíduos?
13. Como vocês definem o que será ensinado para jovens e adultos?
14. Este é o formato que tem sido usado desde o início? Qual a razão deste formato?
15. Quais foram as principais mudanças que ocorreram na Escola Bíblica nos últimos anos e o que levou às mudanças?
16. Quais são os principais pontos fortes do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?
17. Quais são os principais pontos fracos do programa de Escola Bíblica para jovens e adultos que vocês têm usado?
18. Você considera a Escola Bíblica vital para o crescimento da igreja? Justifique.

Anexo 3

Frente de um “flyer” de divulgação da Escola Bíblica



Verso de um “flyer” de divulgação da Escola Bíblica



Frente de um encarte de divulgação dos cursos de um dos módulos da Escola Bíblica

Escola Bíblica



IGREJA BATISTA
CIDADE UNIVERSITÁRIA

Módulo 8 aulas

Novos Cursos

Mês de Outubro/Novembro
Início das aulas dia 09/10



A vontade de Deus
Ricardo Cota

Esmere-se para descobrir e viver dentro da vontade de Deus para a sua vida. Descubra o que Sua Palavra nos ensina sobre obediência e sobre como orientar a sua vida priorizando os desejos e propósitos do Pai Celestial.

Sala
N5

Sala
N6

Treínamento Semear – Ministério Infantil
Rose Fonseca

Aprenda a ensinar a Bíblia para as crianças, com criatividade, em conformidade com a vontade de Deus e com as características de cada faixa etária.





Relacionamento Conjugal
Adalberto Vargas

Fortaleça os votos, laços e propósitos do seu casamento conhecendo e aplicando em sua vida os princípios bíblicos para um relacionamento conjugal conforme o projeto Divino.

Sala
C3

Sala
C5

Paradoxos Bíblicos
Pedro Siena e Edilson Ribeiro

Identifique e compreenda alguns paradoxos bíblicos tais como: trabalho e descanso, planejamento e dependência, provação e alegria, dentre outros e reflita sobre a importância da contracultura proposta por Deus no Antigo Testamento e pelo ministério de Jesus Cristo entre nós.





Classe de Novos Membros
Ministério de Integração

Conheça a IBCU e todos os privilégios e responsabilidades de um membro desta igreja a fim de respaldar adequadamente a sua decisão quanto a tornar-se ou não um membro desta comunidade. Essa classe é indispensável no processo de admissão de novos membros.

Sala
C1

Verso de um encarte de divulgação dos cursos de um dos módulos da Escola Bíblica

Escola Bíblica

Sala Escatologia - O plano das épocas

PS Héber Diníz

Enxergue melhor o plano de Deus revelado na história e no que diz acerca dos acontecimentos futuros a fim de desenvolver uma visão mais responsável e comprometida com o Reino de Deus, tendo sua fé renovada e esperanças fortalecidas.



Aconselhamento Bíblico

Oswaldo Carreiro e Edson Zenum

Sala MZ

Equipe-se para aconselhar biblicamente pessoas em seus problemas diversos e conheça mais sobre a suficiência e autoridade das Escrituras para diagnosticar e transformar o coração humano.



Sala Questões de Gênesis

NT Welbe Bragança e Convidados

Descubra o propósito do Livro de Gênesis e seus principais problemas relacionados aos temas Ciência e Fé, Big-Bang, os Dias da Criação, Criação e Evolução, o Dilúvio e a Arca, entre outros. Compreenda os motivos históricos dessa polarização do assunto que divide tanto cientistas quanto teólogos e perceba que mesmo diante de tais conflitos é possível preservar a paz.



Evangelizando através do esporte

Edson Rodrigues e Dírceu Jardim

Sala Cantina

Este treinamento, irá auxiliá-lo a desenvolver um ministério através do Esporte de forma: empolgante, criativa, e extremamente relevante na proclamação do evangelho. Participe e descubra as oportunidades e desafios da ferramenta "UBABALO".



Escola Bíblica Jovem

Sala Romanos

C6 Raphael Bock

Cresça na fé, na piedade e no temor de Deus ao estudar os aspectos jurídico-teológicos da apresentação e aplicação do evangelho de Cristo conforme a perspectiva do apóstolo Paulo.



Anexo 4
Programa de Educação Cristã IBCU
Ficha de Avaliação de Curso

Mês/ano: ____ / ____ Curso: _____ Sexo: ☐ Masc. ☐ Fem.

Como preencher: assinale com um “X” a lacuna referente ao número que representa a sua nota para cada quesito avaliado, sendo 1 a nota mínima e 5 a nota máxima.

1. A Organização Geral		1	2	3	4	5
a	Sala onde foi dado o curso					
b	Carga horária/quantidade de aulas					

2. O Conteúdo e Didática		1	2	3	4	5
a	Clareza nos objetivos					
b	Uso de recursos audiovisuais, dinâmicas e outros					
c	Relevância do assunto					

3. O Professor		1	2	3	4	5
a	Domínio do conteúdo					
b	Clareza de exposição					
c	Ensino fiel às Escrituras					
d	Relacionamento com os alunos					
e	Oportunidades para perguntas e esclarecimento de dúvidas					
f	Pontualidade					
g	Cumpriu com o conteúdo planejado/fechamento do curso					
h	Minha motivação para participar de outros cursos com este professor					

4. O Aluno		1	2	3	4	5
a	Envolvimento e interesse pelas aulas					
b	Aumento da compreensão sobre o tema estudado					
c	Efeitos do estudo sobre a minha vida					
d	Expectativas pessoais preenchidas					
e	Pontualidade					

5. Outros

➡ Das 8 aulas que foram ministradas você participou de:
☐ 1 aula ☐ 2 aulas ☐ 3 aulas ☐ 4 aulas ☐ 5 aulas ☐ 6 aulas ☐ 7 aulas ☐ 8 aulas

➡ Você mudou de curso durante o módulo? ☐ sim ☐ não

Caso positivo, que curso iniciou? _____

O que o levou a mudar de curso? _____

➡ Há algo que o Ministério de Educação Cristã pode fazer para melhorar a qualidade do que tem sido realizado?

Use o verso caso queira fazer algum comentário sobre os pontos avaliados acima ou alguma outra consideração sobre o curso ministrado.

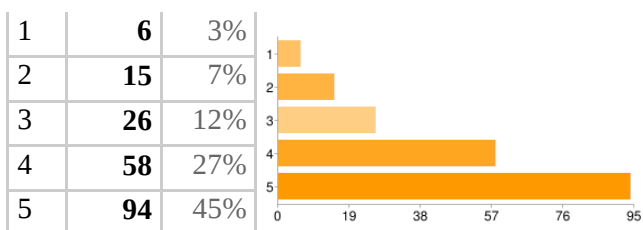
Nome (opcional) _____

Anexo 5

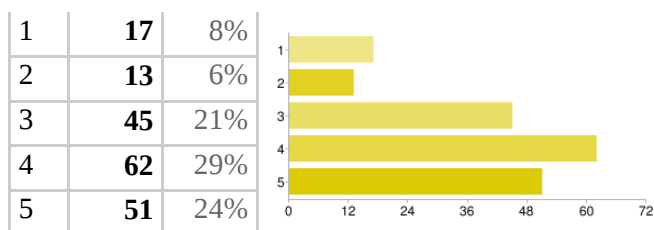
Que tipo de assunto você aprecia mais - enumere em ordem de prioridade

1 – aprecia menos ao 5 – aprecia mais

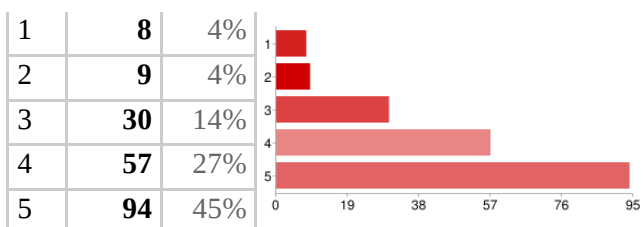
LIVROS BÍBLICOS



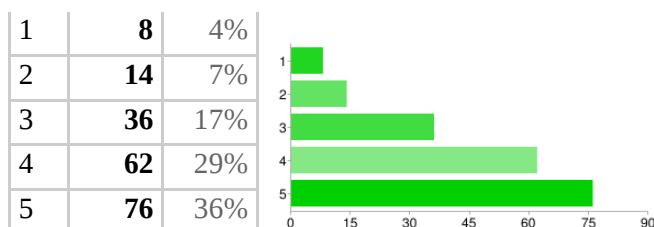
DOUTRINAS E APOLOGÉTICA



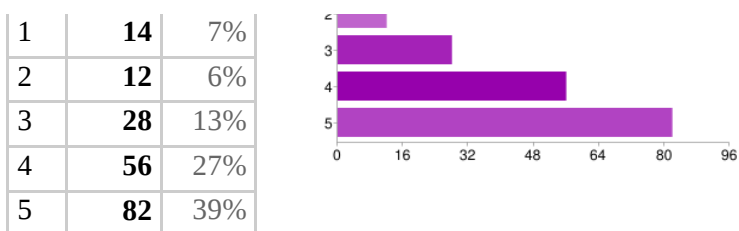
TEMAS RELACIONADOS COM A ATUALIDADE



VIDA CRISTÃ E DEVOCIONAIS



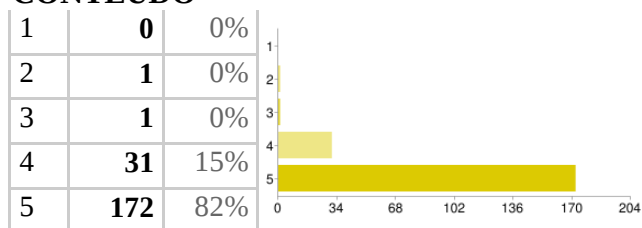
FAMÍLIA



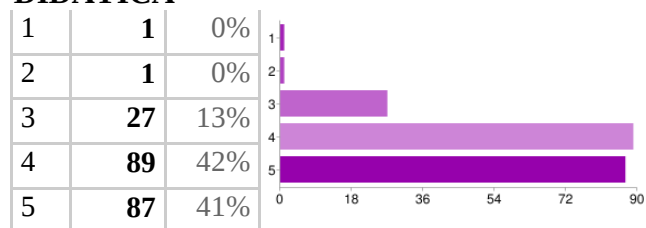
Anexo 6

Dê notas de 1-5 para o nível de importância que tem para você cada um dos quesitos abaixo 1 – nível mais baixo a 5 – nível mais alto

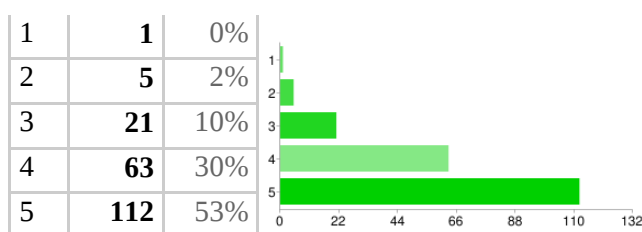
CONTEÚDO



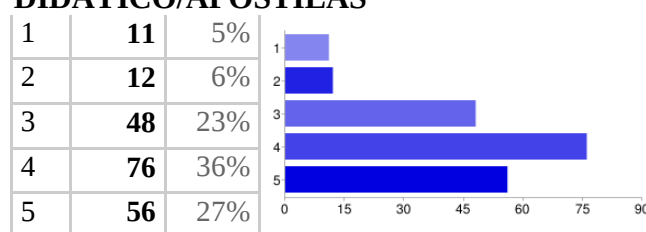
DIDÁTICA



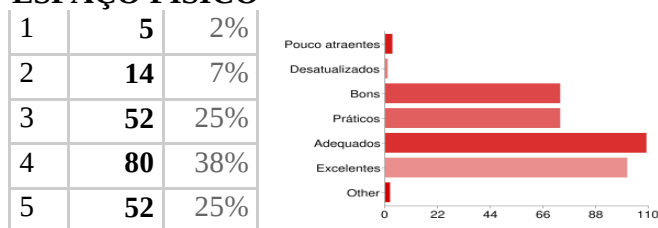
APLICAÇÕES PRÁTICAS



MATERIAL DIDÁTICO/APOSTILAS



ESPAÇO FÍSICO

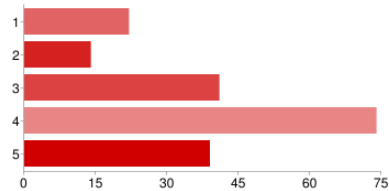


Anexo 7

Como você escolhe que curso fazer? – enumere em ordem de prioridade 1 - menos importante ao 5 - mais importante

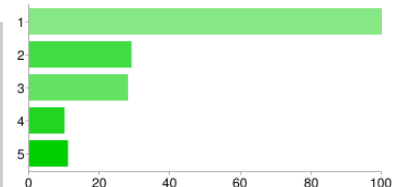
PROFESSOR

1	22	10%
2	14	7%
3	41	19%
4	74	35%
5	39	18%



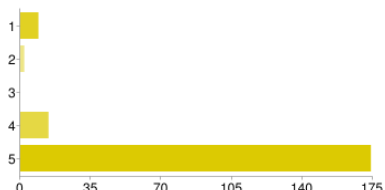
SALA ONDE É OFERECIDO O CURSO

1	100	47%
2	29	14%
3	28	13%
4	10	5%
5	11	5%



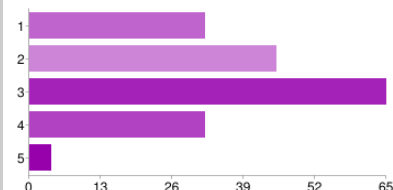
ASSUNTO/TEMA

1	9	4%
2	2	1%
3	0	0%
4	14	7%
5	174	82%



INDICAÇÃO DE ALGUÉM

1	32	15%
2	45	21%
3	65	31%
4	32	15%
5	4	2%



SALA ONDE UM GRUPO DE AMIGOS PARTICIPARÁ

1	107	51%
2	38	18%
3	17	8%
4	9	4%
5	2	1%

